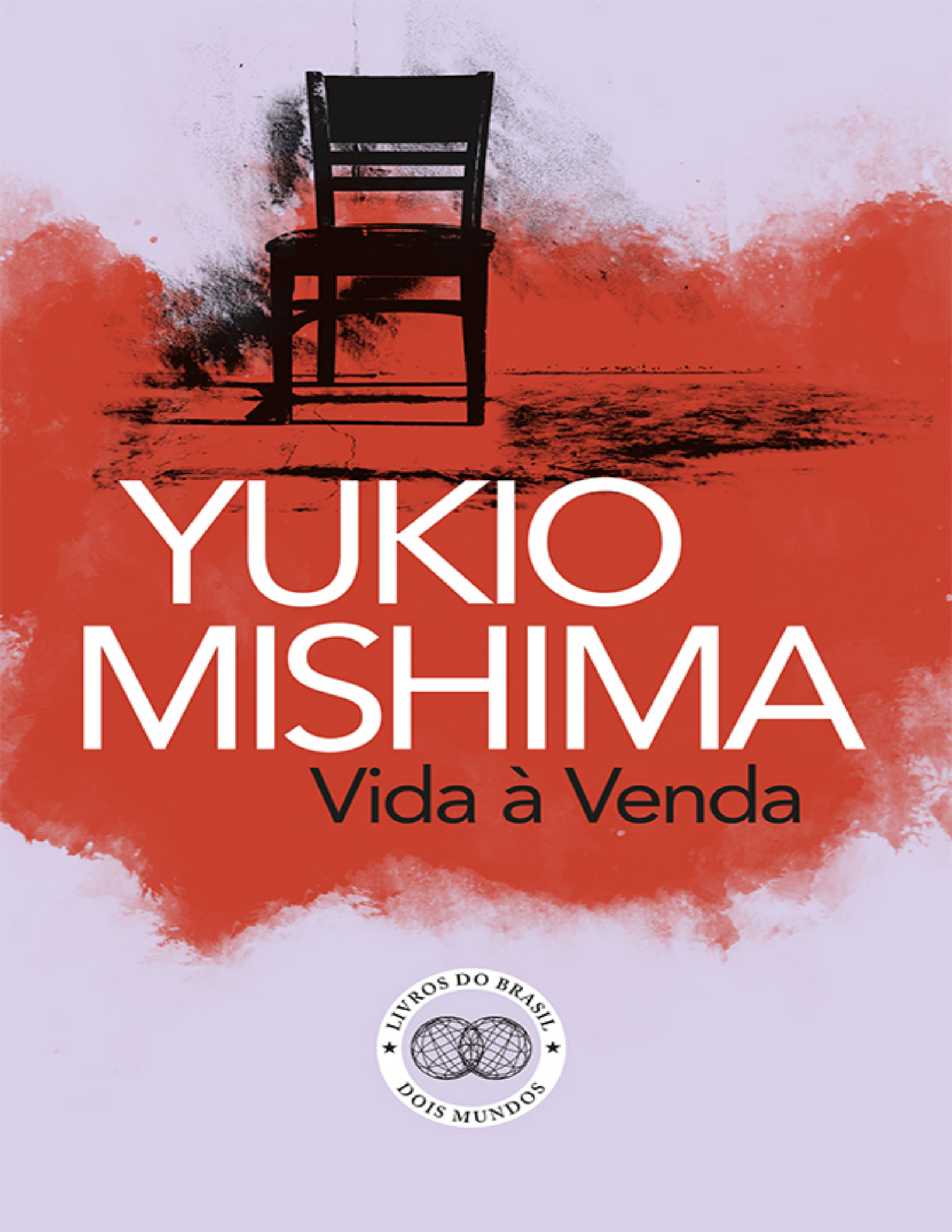


YUKIO MISHIMA

Vida à Venda

LIVROS DO BRASIL
DOIS MUNDOS



Yukio Mishima, novelista e dramaturgo, pseudónimo de Kimitake Hiraoka, nasceu em Tóquio em 1925 e suicidou-se de forma mediática, praticando o ritual japonês *seppuku*, a 25 de novembro de 1970, manifestando assim a sua discordância com o abandono das tradições japonesas e a aceitação acrítica de modelos consumistas ocidentais. O idealismo que enforma a sua obra e conduzirá a sua vida está enraizado no tradicionalismo militar e espiritual dos samurais, e a sua conceção da arte liga-se a um elevado culto da alma e do corpo. Mishima é um dos mais conhecidos escritores japoneses, várias vezes apontado como candidato ao Prémio Nobel da Literatura, e autor de obras inesquecíveis como *Confissões de Uma Máscara* (1948), *O Templo Dourado* (1956) ou *O Marinheiro que Perdeu as Graças do Mar* (1963).

Vida à Venda
Yukio Mishima

Publicado em Portugal por
Livros do Brasil (www.livrosdobrasil.pt)

Título original: *Inochi Urimasu*
Traduzido da edição inglesa, com o título *Life for Sale*

Tradução: Helder Moura Pereira

© Herdeiros de Yukio Mishima, 1968
© Porto Editora, 2019

Capa: Silvadesigners
Fotografia do autor: © Carlo Bavagnoli/The LIFE Images Collection/Getty Images

1.ª edição em papel: junho de 2019

Rua da Restauração, 365
4099-023 Porto
Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-989-711-046-7

1

Quando Hanio recuperou a consciência, tudo resplandecia à sua volta com um brilho tão intenso que pensou estar no céu. Mas sentia uma dor forte na zona da nuca. E não é possível ter dores de cabeça no céu.

A primeira coisa em que reparou foi numa grande janela de vidro fosco. A janela era simples, de linhas direitas, e deixava entrar uma luz esbranquiçada que se espalhava no ar.

— Parece que voltou a si — disse alguém.

— Felizmente! Salvar a vida de outra pessoa é o tónico de que precisamos para enfrentar o resto do dia.

Hanio ergueu os olhos. De pé, à sua frente, estavam uma enfermeira e um homem entroncado com uniforme de paramédico.

— Tem de ficar quieto. Esta não é a melhor altura para se pôr de pé — disse a enfermeira, segurando-o com cuidado pelos ombros para o manter na posição de deitado.

Hanio apercebeu-se de que a sua tentativa de suicídio falhara.

Tinha tomado uma quantidade enorme de sedativos no último comboio da noite. Para ser mais preciso, foi antes de entrar, pois engolira-os num dos bebedouros da estação. E mal se estendeu nos bancos do comboio quase vazio tudo se evaporou da sua mente.

Nunca pensara muito em suicídio. Achou que a vontade súbita de morrer deve ter surgido nessa noite, enquanto lia o jornal de 29 de novembro no bar onde jantava habitualmente. Continha as coisas do costume, nada de particular relevância. Todos os artigos o deixaram completamente indiferente:

Funcionário do Ministério dos Negócios Estrangeiros É Espião

Três Locais Atacados, Incluindo a Associação de Amizade Japão-China

Transferência do Secretário de Estado McNamara: Decisão Final

Nevoeiro Cobre Área Metropolitana: Primeiro Aviso de Inverno

Explosão no Aeroporto de Haneda: Acusação Pretende Pena Perpétua para o «Crime Hediondo» de Aono

Camião Despenha-se sobre Vagão de Mercadorias na Linha Férrea

Sucesso em Transplante: Rapariga Recebe Válvula Aórtica de Dador Falecido

Ladrões Roubaram 900 000 ienes da Agência Bancária de Kagoshima

Terá sido depois de ler estas manchetes que nasceu nele a ideia de suicídio, como se de um momento para o outro tivesse sentido necessidade de começar a planear um simples piquenique. Se fosse mesmo obrigado a apresentar um motivo concreto, teria de chegar à conclusão de que quis acabar com tudo por mero capricho.

Não sofria pelo fim de uma qualquer relação amorosa. E mesmo que estivesse a viver um desgosto desse género, Hanio não era pessoa para pôr fim à vida só por isso. Também não atravessava um período de dificuldades financeiras. Trabalhava como redator de publicidade e era dele a letra do anúncio de televisão das pastilhas para a digestão *Sukkiri*, do laboratório Goshiki:

«Sukkiri. Nada mais eficaz. Nem queira saber o bem que lhe faz!»

Toda a gente achava que Hanio tinha talento mais do que suficiente para se estabelecer por conta própria, mas ele nunca manifestou qualquer vontade de o fazer. Trabalhava para uma empresa chamada Tokyo Ad e o salário que lhe pagavam era bastante razoável. Até ao dia anterior, ele era o típico funcionário dedicado e diligente.

Porém, quando pensou verdadeiramente no assunto, concluiu que talvez houvesse uma razão pela qual a ideia de suicídio lhe surgira. Estava a folhear o jornal da tarde tão distraidamente que as páginas centrais foram escorregando para debaixo da mesa. Ficou a ver o seu movimento ao caírem, igual ao de uma cobra indolente a olhar a velha pele acabada de largar. Instantes depois, sentiu um desejo irreprimível de as apanhar. Podia muito bem tê-las deixado ficar onde estavam. Mas talvez as convenções sociais o tenham obrigado a ir buscá-las, ou talvez a sua maior motivação tivesse origem no forte impulso de repor a ordem das coisas. Não tinha bem a certeza.

Fosse o que fosse, inclinou-se um pouco para debaixo da pequena mesa instável e estendeu a mão. Os seus olhos depararam-se então com algo repugnante. Em cima da folha caída estava uma barata, completamente imóvel. No exato momento em que esticou a mão, o inseto cor de mogno brilhante afastou-se com impressionante vitalidade e perdeu-se no meio das palavras impressas na página. Apesar do asco que sentira, levantou o jornal, pôs a página que tinha estado a ler em cima da mesa e voltou a passar os olhos por ela. Subitamente, todas as letras que tentava articular transformaram-se em baratas. Os seus olhos perseguiam as letras enquanto elas fugiam, mostrando com nitidez os dorsos repugnantes de um vermelho escuro.

«O mundo reduz-se a isto e a nada mais do que isto.»

Foi uma revelação súbita. E terá sido a perceção dessa revelação que desencadeou nele o desejo avassalador de morrer. Contudo, após refletir um pouco, achou que a explicação era demasiado fácil.

Não era possível que tudo fosse assim tão simples. Cada ser humano é forçado a prosseguir com a mesma batalha dia após dia, ainda que todas as palavras no jornal não formem senão linhas de baratas, umas atrás das outras. Foi em reação a este pensamento que a ideia de «morte» acabou por se alojar na sua mente. A partir desse momento, a morte envolveu-o, fazendo corpo com ele, tal como a neve se fixa em torno da caixa do correio depois de um nevão particularmente forte.

Esta mudança de atitude provocou uma certa melhoria no seu estado de espírito. Entrou numa farmácia para comprar os sedativos, mas não estava ainda preparado para os tomar, pelo que foi ao cinema ver uma sessão de três filmes. Quando saiu, entrou num bar de engate, onde passava algum tempo de vez em quando.

A rapariga baixa e redonda de formas que se sentou ao seu lado tinha uma expressão de enjoo tão grande que não lhe despertou qualquer tentação. Apesar disso, sentiu uma necessidade urgente de confessar a alguém que estava prestes a matar-se.

Deu um pequeno toque no gordo cotovelo dela com o seu. A rapariga olhou-o de soslaio, virando-se depois languidamente para ele na cadeira, como se isso exigisse um esforço fora do comum. Riu como uma simples rapariga da província.

— Boa noite — disse Hanio.

— Boa noite.

— És muito bonita.

Ela soltou um risinho.

— Sabes o que vou dizer a seguir?

Ela voltou a rir-se.

— Não consegues adivinhar, pois não?

— Bem, talvez seja capaz de imaginar.

— Logo à noite estou a pensar matar-me.

Em vez de ficar surpreendida, a rapariga soltou uma gargalhada enorme. Meteu uma tira de lula seca na boca e continuou a roê-la sem parar, mesmo enquanto se ria. O cheiro da lula entranhou-se no nariz de Hanio.

Pouco tempo depois, apareceu alguém, aparentemente uma amiga dela, e a rapariga acenou de forma afetada na sua direção,

afastando-se de Hanio sem sequer um adeus. Hanio saiu também do bar, sozinho e estranhamente irritado por a sua intenção de morrer não ter causado qualquer impacto.

Ainda dispunha de bastante tempo, mas a tentação de apanhar o «último comboio» da sua vida não lhe saía da mente e, por isso, precisava de encontrar uma maneira de passar o tempo. Entrou num salão de flíperes e começou a jogar numa máquina. Foi ganhando bolas atrás de bolas. Uma vida humana estava prestes a terminar, mas as bolas continuavam a suceder-se num fluxo sem fim. Sentiu-se um pouco como se alguém estivesse a fazer troça dele.

Finalmente, chegou a hora do último comboio. Hanio passou pelo torniquete, engoliu os sedativos num bebedouro da gare e entrou na carruagem.

2

Uma vez que Hanio não tinha conseguido suicidar-se, abria-se agora aos seus olhos um novo mundo por viver, esplêndido e livre. Daquele dia em diante quebrou completamente uma rotina que em tempos acreditara ser para sempre. Sentiu que podia tomar o mundo nas suas mãos. Os dias deixariam de ser todos iguais. Cada um terminaria e outro, diferente, se lhe seguiria. Conseguia vê-los com muita clareza à sua frente: uma fila de sapos mortos com as barrigas brancas voltadas para cima.

Pediu a demissão da Tokyo Ad. Os negócios da companhia iam de vento em popa, pelo que obteve uma compensação substancial. Isto proporcionou-lhe um estilo de vida que lhe permitiu não ficar com uma única dívida.

Pôs o seguinte anúncio num tabloide:

> «Vendo a minha vida. Pode utilizá-la conforme as suas conveniências. Sou homem e tenho vinte e sete anos. Máxima discrição garantida. Não causarei qualquer transtorno.»

Acrescentou a morada e colou também na porta da frente da sua casa um pedaço de papel onde, com letra cuidada, escrevera o seguinte:

«Hanio Yamada — Vendo a Minha Vida»

No primeiro dia ninguém apareceu. Mas nesse dia, tal como em todos os outros desde que deixara de trabalhar, Hanio não teve qualquer dificuldade em preencher as horas vagas. Ficava pela sala a ver televisão ou entregue aos seus devaneios.

Quando a ambulância o levou às Urgências estava inconsciente, pelo que seria de esperar que não se lembrasse do que acontecera nessa noite. Mas, por estranho que possa parecer, o silvo lancinante

da sirene da ambulância fez regressar à sua mente a recordação inequívoca do que se tinha passado. Estava estendido na maca a ressonar bem alto. Um paramédico de uniforme branco, sentado ao seu lado, mantinha o cobertor preso e ajustado para evitar que a trepidação do veículo lançasse o seu corpo para fora da maca. Viu tudo isto muito claramente. Notou até que o paramédico tinha um grande sinal ao lado do nariz…

A vida, contudo, passada assim, parecia-lhe vazia, tal como a divisão de uma casa sem mobília. Na manhã seguinte, alguém bateu à porta da sua casa. Hanio foi abrir e deparou-se-lhe um homem de certa idade, de baixa estatura e bem vestido que, depois de lançar alguns olhares furtivos por cima do ombro, entrou rapidamente e fechou a porta.

— Presumo que seja o Sr. Hanio Yamada.

— O próprio.

— Vi o seu anúncio no jornal.

— Ah, entre por favor.

Hanio conduziu-o a um canto da sala alcatifada de vermelho onde tinha posto uma mesa e cadeiras pretas monocromáticas, o tipo de mobília que se pode encontrar em casa de alguém que trabalha no mundo do *design*. Ao sentar-se, o homem emitiu um som sibilante, semelhante ao de uma cobra.

— Então foi o senhor que pôs a vida à venda?

— Sim, eu mesmo.

— Bom, vê-se que é jovem e com uma vida satisfatória. O que o leva a querer fazer tal coisa?

— Desculpe, mas isso são coisas que só a mim dizem respeito.

— O senhor é que sabe… Quanto está a pedir por ela?

— Depende do que estiver disposto a dar.

— Isso é de uma enorme irresponsabilidade da sua parte. A vida é sua e quem tem a obrigação de estabelecer um preço não sou eu. O que diria se eu a quisesse comprar por cem ienes?

— Se é só isso que tem para oferecer, aceito.

— Mas isso é absolutamente ridículo!

O velho tirou a carteira do bolso de dentro do casaco e exibiu cinco notas de dez mil ienes novas em folha. Dispô-las em leque,

como se fossem cartas de um baralho. Não havia qualquer emoção nos olhos de Hanio quando guardou os cinquenta mil ienes no bolso.

— Agora pode dizer-me o que pretende. Não me negarei a nada.

— Muito bem.

O velho tirou do maço alguns cigarros com filtro.

— Apanha-se cancro do pulmão a fumar isto, mas enfim. Quer um? Não me parece que um homem que esteja a vender a própria vida se preocupe com cancros ou coisas do género. Bom, mas a questão que aqui me traz é muito simples. A minha mulher… que é já a terceira, para dizer a verdade… tem vinte e três anos. Entre nós há uma diferença de idade de precisamente meio século. É uma mulher deslumbrante, sabe? Ah, os seus seios, os seus seios afastam-se em direções opostas, como duas pombas irritadas uma com a outra. E os lábios são doces e carnudos, ora fazendo beicinho, ora convidativos. Quase não consigo descrever a maravilha que o seu corpo é. E tem umas pernas fantásticas. Hoje em dia, parece estar na moda as mulheres terem pernas anormalmente finas. Demasiado finas, do meu ponto de vista. Mas as dela vão-se estreitando suavemente das coxas carnudas até aos tornozelos. É difícil encontrar as palavras certas para as descrever. As nádegas têm a forma de pequenos morros que nos lembram os montículos que as toupeiras fazem. Bem, acontece que ela me deixou e agora namora com quem quer e lhe apetece. Neste momento, anda enrolada com um tipo asiático de carácter duvidoso, chinês ou coreano. Um bandido, mas não um bandido qualquer. É dono de nada menos do que quatro restaurantes e tenho a certeza de que já eliminou umas quantas pessoas nessas guerrilhas subterrâneas que há por aí de luta pelo poder. O que lhe peço é que estabeleça um relacionamento com a minha mulher, se torne íntimo dela e se assegure de que esse fulano os encontra aos dois a praticar o ato. Quando ele o vir e se defrontar com isso, o senhor vai ser assassinado de certeza e é provável que ela também. Compreende? É a maneira de eu me vingar… Apenas isso e nada mais. Acha-se com capacidade para executar este plano?

— Estou a perceber.

Hanio ouviu, fingindo um ar de indiferença. A seguir perguntou:

— Mas tem a certeza de que o final vai ser assim tão romântico? Entendo perfeitamente que queira vingar-se da sua mulher, mas não acha que pode acontecer ela preferir morrer feliz na minha companhia?

— Ela não é definitivamente o género de mulher que deseje a morte. É diferente de si nesse aspeto. Vai querer aproveitar da vida o máximo que puder. É como se cada fibra do seu corpo tivesse sido tocada por uma espécie de feitiço.

— O que o leva a dizer isso?

— Em breve descobrirá. De qualquer modo, espero que tenha uma morte decente. Outra coisa: suponho que não seja preciso um contrato escrito.

— Não, não creio que haja necessidade disso.

Saíram mais sons sibilantes dos lábios do velho. Estava claramente a ponderar todos os aspetos envolvidos.

— Gostaria que tomasse algumas providências após a sua morte?

— Não, nada de especial. Não quero funeral e não preciso de ficar num túmulo. Mas há uma coisa que talvez possa fazer por mim. Sempre quis ter um gato siamês como animal de estimação, mas nunca cumpri esse desejo. Por isso, depois de eu morrer, ficar-lhe-ia grato se pudesse tomar conta de um em meu nome. Já o estou a ver dar-lhe a beber leite com uma concha de sopa em vez de num pires normal. Depois de o gato dar as primeiras lambidelas, deve dar uma pequena sacudidela na concha para que o leite o salpique e lhe deixe o focinho molhado. Era bom que pudesse fazer isso uma vez por dia. É muito importante, pelo que gostaria que não se esquecesse.

— Que pedido tão estranho!

— O senhor acha isso porque vive num mundo onde a vulgaridade é lei. Um pedido como este vai muito para lá da sua capacidade de pensamento. Antes que me esqueça, se por acaso eu sair vivo disto, sou obrigado a devolver os cinquenta mil ienes?

— Essa é uma hipótese que não se coloca. Tudo o que lhe peço é que se assegure de que a minha mulher é punida quando o

momento chegar.

— Trata-se então de um contrato para executar um crime.

— Acho que se pode dizer isso, sim. Olhe, eu quero assegurar-me de que qualquer vestígio dela fica banido da face do mundo. Mas não desejo de todo sentir-me culpado. Não faz sentido passar por uma coisa deste calibre e sentir depois remorsos… Portanto, o acordo está feito. Gostaria que começasse a tratar das coisas já esta noite. Pagarei todas as despesas que tiver de fazer, basta dizer-me.

— Onde me dirijo para «tratar das coisas»?

— Vou deixar-lhe um mapa. Deve procurar o apartamento 865 de um luxuoso bloco de apartamentos ao cimo da encosta chamado Villa Borghese. Ao que parece, é uma *penthouse* no último piso. Não faço ideia de quando ela lá possa estar. Para além disto, vai ter de improvisar de acordo com as circunstâncias.

— Como se chama a sua mulher?

— Ruriko Kishi. Ruriko escreve-se segundo o silabário hiragana. Kishi é o mesmo carácter de origem chinesa que o primeiro-ministro Kishi usa no seu nome.

Havia nos olhos do velho homem um estranho brilho enquanto falava.

3

O velho virou-se para sair. Mas, mal pôs os pés fora da porta, voltou a entrar em casa. As palavras que se seguiram eram perfeitamente previsíveis por parte de alguém que tinha comprado a vida de outra pessoa.

— Ah, esqueci-me de uma coisa importante. Não pode falar disto a ninguém. Nem que sou seu cliente ou qual a sua tarefa. Afinal de contas, está a vender a sua vida, pelo que é necessário um certo nível de decoro comercial.

— Quanto a esse ponto nada tem a recear.

— Acha que não é mesmo necessário assinar um compromisso escrito?

— Não seja ridículo. Seria o mesmo que fazer uma apresentação pública do nosso acordo.

— Claro, tem toda a razão.

O velho continuava a mostrar alguma preocupação, enquanto andava de um lado para o outro na sala emitindo sons sibilantes por entre os seus dentes postiços mal ajustados.

— Nesse caso, como posso confiar em si?

— Quem acredita confia no que lhe dizem, quem tem dúvidas há de sempre desconfiar de alguma coisa. Repare, o senhor veio aqui e entregou-me dinheiro, não é verdade? Ora, isso prova que a confiança ainda existe neste mundo. E, de qualquer forma, mesmo que eu tornasse pública a tarefa para a qual acabou de me contratar, não faço a mais pequena ideia de quem o senhor é ou de onde vem. Isto não o deixa tranquilo?

— Não seja ingénuo! A Ruriko vai dar com a língua nos dentes, tenho a certeza.

— Talvez, mas eu é que não sou assim.

— Eu sei. Tenho conhecido muita gente ao longo dos anos e logo que o vi percebi que era a pessoa certa. Se precisar de mais dinheiro, vá à estação de Shinjuku e deixe-me uma mensagem no placar das informações da saída principal. Algo de conciso e objetivo, não são necessárias muitas palavras. «Preciso de dinheiro,

oito horas amanhã de manhã. Vida.» Qualquer coisa deste tipo. Gosto de passar pelas grandes lojas diariamente, mas torna-se um pouco aborrecido antes da hora de abertura. Por isso, se quiser encontrar-se comigo de manhã, quanto mais cedo melhor.

O velho virou-se para sair. Quando pôs os pés na rua, Hanio seguiu no seu encalço.

— Para onde vai?

— É óbvio, não acha? Apartamento 865, Villa Borghese.

— Ora a isto chamo eu dedicação total à função…

Hanio não se esqueceu de virar o papel que tinha posto na porta e no qual tinha escrito «Vendo a minha vida». Do outro lado estava a palavra: «Vendida».

4

O edifício denominado Villa Borghese era branco, de estilo italiano, e sobressaía ao cimo de uma rua íngreme numa parte degradada da cidade. Via-se bem à distância, não era necessário consultar o mapa.

Espreitou pela janela da receção, mas o porteiro não se encontrava no seu posto. O átrio de entrada estava sem ninguém, podendo assim caminhar em linha reta na direção do elevador, que se encontrava ao fundo. Parecendo puxado por fios, caminhou de forma involuntária, surpreendido pela estranha sensação de irresponsabilidade eufórica que sentia pertencer a alguém completamente diferente do homem que estivera prestes a suicidar-se. Sentiu uma certa leveza a tomar conta do seu ser.

Chegou ao corredor do oitavo andar, onde, na ausência de pessoas, era percetível a calma silenciosa da manhã, e rapidamente encontrou a porta do apartamento 865. Quando tocou à campainha, ouviu retinir lá dentro o agradável som de sinos. Será que não estava ninguém em casa? De certa forma, Hanio sabia que Ruriko devia estar ali sozinha naquela manhã. Aquele era o tempo certo para ficar a dormir depois de se ter despedido do seu homem. Convicto disso, insistiu em tocar à campainha.

Por fim, ouviu o som de alguém a aproximar-se da porta. Quando esta se abriu, a corrente do cadeado ainda estava posta. O rosto admirado de uma mulher olhava fixamente através da abertura. Vestia uma camisa de dormir, mas não parecia ter acabado de acordar. A voz clara e o rosto bem desperto demonstravam-no bem. Os seus lábios uniram-se num trejeito, que, embora fosse de algum desagrado, também não era de recusa.

— Quem é o senhor?

— Sou da companhia de seguros Japovida. Não estará por acaso interessada em fazer um seguro de vida?

— Obrigada, mas já temos muitos seguros. Não precisamos de mais nenhum.

O facto de ela não lhe ter fechado imediatamente a porta na cara, apesar do pragmatismo das suas palavras, fê-lo acreditar que o seu interesse talvez precisasse de ser espicaçado. Ele tinha entretanto usado o truque típico do vendedor, que é pôr o pé na abertura da porta.

— Não peço que me deixe entrar. Só gostava que me ouvisse um pouco. Juro que não lhe tiro mais do que um minuto do seu precioso tempo.

— Não, o meu marido vai ficar furioso comigo. E, além disso, não estou apresentável neste momento.

— Bem, nesse caso volto daqui a vinte minutos.

— Deixe-me ver…

A mulher ficou com ar pensativo durante uns momentos.

— Sim, talvez o senhor possa ir fazer mais umas visitas e voltar daqui por vinte minutos.

— Muito obrigado. Cá estarei.

Retirou o pé e ela fechou a porta.

Hanio sentou-se num sofá junto de uma janela ao fim do corredor e esperou que os vinte minutos passassem. Dali podia ver tudo o que acontecia no bairro, agora inundado pela luz límpida do sol de inverno. Entrava pelos olhos dentro que a zona estava mais do que degradada, parecia até que tinha sido infestada por térmites. É claro que os habitantes do bairro não deixavam de manter as aparências, dizendo bom dia uns aos outros, perguntando como ia o trabalho ou manifestando interesse pela saúde das mulheres e dos filhos. Podiam até trocar opiniões sobre a situação internacional. Mas nenhum deles seria capaz de ter consciência da total banalidade das suas palavras.

Depois de fumar alguns cigarros, voltou a tocar à porta do apartamento. Desta vez, a porta abriu-se totalmente e a mulher, agora vestida com um fato verde-claro muito decotado, convidou-o educadamente a entrar.

— Quer um chá? Ou talvez alguma coisa mais forte?

— Está a tratar-me muito bem, considerando que sou alguém que anda de porta em porta a angariar seguros.

— Não acredito que trabalhe em seguros. Percebi isso logo que o vi. Quem quer representar tem de ensaiar melhor.

— Tem razão. Nesse caso, posso pedir-lhe uma cerveja?

Ruriko riu-se com um certo brilho nos olhos e caminhou pela sala gingando as ancas, que eram largas, apesar da sua figura esguia. Entrou na cozinha.

Ao fim de pouco tempo, já os dois faziam brindes com os copos de cerveja.

— Mas quem tenho à minha frente, afinal?

— Digamos apenas que sou o leiteiro.

— Pronto, muito bem, quer levar isto para a brincadeira. Seja como for, presumo que saiba os riscos que corre ao vir aqui.

— Não, não sei.

— Quem lhe pediu para vir, então?

— Ninguém.

— Que estranho. Está a dizer-me que tocou à campainha na esperança de encontrar uma mulher atraente como eu sozinha em casa?

— Foi basicamente isso.

— É um homem de sorte. Mas olhe, receio é que nem sequer haja umas batatas fritas para acompanhar a cerveja. Não é muito habitual, logo pela manhã. Ah, espere, talvez haja ali algum queijo.

Saiu à pressa para ir procurar de novo no frigorífico.

— Oh, isto está mesmo gelado. — A sua voz, vinda da outra divisão da casa, ouvia-se com toda a nitidez.

Regressou com um prato de salada que trazia qualquer coisa escura em cima das folhas de alface.

— Sirva-se, por favor.

No entanto, sem ele perceber por que razão o fazia, aproximou-se dele por trás.

Logo a seguir, Hanio sentiu algo frio como gelo encostado à face. Olhou rapidamente e viu que era uma pistola. Não se pode dizer que tenha ficado completamente surpreendido.

— Aposto que está mesmo gelada.

— Está, sem dúvida. Guarda-a no frigorífico?

— Guardo, porque *odeio* ter nas mãos uma pistola à temperatura ambiente…

— Bom, já vi que é do género coca-bichinhos…

— Não está com medo?

— Nem por isso.

— Pensa que pode entrar nestes jogos comigo, porque sou mulher. Mas olhe, vou dar-lhe tempo suficiente para confessar, por isso beba a sua cerveja e faça as suas orações.

Ruriko retirou a pistola cautelosamente, passou por trás e sentou-se na cadeira à frente dele. A pistola continuava em riste, mantendo-se apontada na sua direção. Hanio segurava o copo de cerveja com a mão, que se mantinha perfeitamente firme. Mas ficou intrigado por ter reparado num ligeiro tremor na mão de Ruriko.

— Arranjou um bom disfarce. Aposto que é chinês ou coreano. Há quantos anos está no Japão?

— Não brinque comigo. Sou japonês dos quatro costados.

— Mentiroso! Anda a bisbilhotar a mando do meu marido, tenho a certeza. Aposto que o seu verdadeiro nome é Kin ou Li, ou coisa que o valha.

— Posso perguntar em que se baseia essa sua fantasia?

— Você é do género controlado, já vi. Não acredito que possa ser honesto comigo… Bom, seja como for, acho que a minha única opção é voltar a explicar-lhe aquilo que tenho a certeza de que já sabe. O meu marido é ciumento até mais não e ontem à noite veio outra vez com acusações sem qualquer espécie de fundamento. Eu senti-me numa situação bastante difícil, ainda por cima porque ele resolveu pôr um segurança a vigiar-me. Mas parece que controlar-me à distância ainda não lhe era suficiente. Agora está a pôr-me à prova, arranjando alguém para se introduzir cá em casa e tentar seduzir-me, não é verdade? Bom, não vou permitir uma coisa dessas. Dê um só passo na minha direção e disparo. Porém, bem vistas as coisas, foi ele quem me deu a pistola para minha proteção e foi também ele quem fez questão de se assegurar que eu sabia usá-la corretamente… Sabe, também pode dar-se o caso de você ter sido manipulado sem ter consciência disso. Se calhar foi você quem caiu numa ratoeira… Aposto que não lhe passou pela cabeça

que pode ter sido escolhido para ser morto por mim apenas para eu poder provar que sou mulher honrada.

— A sério? Não me diga…

Hanio fez um esforço para se manter calmo e olhou-a diretamente nos olhos.

— Bem, já que vou ser morto de uma maneira ou de outra, preferia dormir consigo primeiro. Se viermos mesmo a ter sexo, prometo não pôr qualquer entrave quando me matar depois.

A fúria crescente de Ruriko era agora nítida no campo de visão de Hanio. Era como ler um mapa cujas curvas de nível estivessem todas sobrepostas umas às outras.

— Já ouvi essa conversa antes. Você até pode pertencer à SSA.

— SSA? Mas isso é alguma companhia de aviação?

— Não se arme em engraçado. Sabe bem que é a sigla da Sociedade Secreta Asiática.

— Agora é que não estou a perceber mesmo nada.

— Pois, está-se mesmo a ver. E eu, como era de esperar, estive quase a cair na esparrela. A um passo de matar alguém e ficar à mercê do velho até ao resto dos meus dias. Ele inventou um esquema romântico para ter de volta a sua putazinha, não é verdade? Primeiro, leva-me a matar alguém para eu poder fazer prova da minha virtude. E, uma vez que é um dos cinco homens em todo o Japão capaz de proteger assassinos, tenciona manter-me cativa até ao fim dos meus dias. É realmente uma coisa monstruosa. Se, de facto, pertence à SSA, é melhor dizer já.

Absolutamente segura das suas razões, Ruriko atirou a pistola para cima da almofada junto dela.

— Se é da SSA, devia ter dito logo.

A sigla, outra vez. Em vez de negar, Hanio decidiu entrar no jogo.

— Portanto, você é também um dos seus lacaios, não é assim? — continuou Ruriko. — E o seu disfarce é angariador de seguros. Como foi possível não ter percebido logo? Sendo assim, ele até podia ter-me avisado de antemão. Porque você é mesmo um péssimo ator! Deve ter entrado há pouco tempo para a SSA, certo? Quantos meses teve de formação?

— Seis.

— Não é muito. Parece mentira como conseguiu aprender fluentemente todas aquelas línguas do sudeste asiático, incluindo os dialetos chineses, em tão pouco tempo.

— Hum, hum.

Não conseguia senão dar respostas evasivas.

— No entanto, mostrou uma coragem fora do comum. Estou impressionada.

Ruriko descontraiu-se. Levantou-se e olhou lá para fora na direção da varanda, onde havia uma cadeira de jardim com a tinta branca a desaparecer junto a uma mesa do mesmo estilo. Ainda se viam, provenientes do dia anterior, trémulas gotas de água à beira da mesa.

— Quantos quilos lhe pediu que transportasse?

Hanio ficou muito atrapalhado sem saber o que responder e afirmou apenas:

— Isso não lhe posso dizer. — Depois, esboçou um bocejo.

— É sabido que o ouro no Laos está a um preço muito baixo. Dado o valor das cotações em Vienciana, você podia pelo menos duplicar o lucro se trouxesse algum para Tóquio. Um antigo agente da SSA fez uma vez uma coisa muito inteligente. Dissolveu o ouro em água régia e trouxe-o em doze garrafas de uísque escocês. Depois transformou-o novamente em ouro. Consegue imaginar uma coisa destas?

— Parece-me muito elaborado. Olhe, os sapatos que hoje trago calçados parecem ser de pele de crocodilo, mas isso é só o que os olhos veem, porque são de ouro, na verdade. É por isso que estou sempre com os pés frios.

— Esses sapatos?

Ruriko inclinou-se para observar os pés de Hanio com genuína curiosidade, mas não viu qualquer sinal que indicasse a presença brilhante e rígida do ouro. Entretanto, quando ela se baixou, os olhos de Hanio vislumbraram o longo vale entre os seus seios. Aqueles seios, apontando cada um para seu lado, deixavam entrever um vale de uma brancura maquilhada quando, pendendo agora, se juntavam um contra o outro. Na verdade, eles «afastavam-se em direções opostas», tal como tinha dito o velho. Parecia que

Ruriko tinha aplicado talco nessa zona. Um beijo ali seria como encostar o nariz a talco de bebé. Hanio não precisou de se esforçar muito para imaginar a cena.

— Então, diga lá como faz para trazer armas americanas para o Japão através do Laos? Tem de fazer escala em Hong Kong? Deve ser um verdadeiro inferno. Era mais simples ir à base militar de Tachikawa e arranjar lá algumas: aí está um sítio bem fornecido de armas provenientes dos Estados Unidos.

Hanio interrompeu-a com uma pergunta:

— Já agora, a que horas chega o seu marido?

— Deve passar por volta da hora do almoço. Ele não lhe disse?

— Eu fiz por chegar cá um pouco mais cedo. E se nos deitássemos um pouco antes de ele chegar?

Hanio bocejou novamente e tirou o casaco.

— Realmente, está mesmo cansado, não está? Pode usar a cama do meu marido.

— Preferia a sua.

De repente, Hanio agarrou Ruriko com as mãos. Ela lutou para se libertar e, enquanto o fazia, conseguiu esticar a mão e apanhar a pistola.

— Idiota! Quer levar um tiro na cabeça?

— Aconteça o que acontecer, acabo sempre morto. Portanto, para mim é igual.

— Bom, mas para mim não. Se o matar já, pelo menos eu sigo com a minha vida. Mas, se estivermos os dois na cama quando ele chegar, será o fim para ambos.

— Sei muito bem a hipótese que prefiro. Já agora, deixe-me fazer-lhe uma pergunta. Sabe o que acontece a alguém que mate um agente da SSA?

Ruriko empalideceu e abanou a cabeça.

— Isto.

Hanio dirigiu-se à prateleira com vários objetos expostos e pegou numa boneca suíça. Deu-lhe um golpe no sítio da coluna e depois dobrou-a com tanta força que a partiu em duas.

5

Hanio foi o primeiro a despir-se e, enquanto se acomodava entre os lençóis, pensou na estratégia que devia seguir. «A melhor solução é prolongar isto o máximo possível. Quanto mais tempo estivermos na cama, maiores são as probabilidades de o amante dela nos apanhar em flagrante e nos matar.» Se fossem mortos enquanto estivessem a ter relações sexuais, seria uma maneira excelente de partir deste mundo. Era assim que ele via as coisas. Caso fosse já velho, isso seria motivo de vergonha, mas para um jovem não pode haver maior honra do que morrer em pleno ato. O ideal, claro está, era permanecer totalmente alheio à morte iminente até ao momento de acontecer, o que lhe permitiria passar do auge do êxtase ao abismo da aniquilação numa fração de segundo.

Mas, para Hanio, não existia essa opção. Ele ia ter de prolongar a situação com a perfeita consciência de que o seu destino era morrer. Para a maioria das pessoas, ter o pensamento ocupado com essa certeza aterrorizante constituiria um impedimento ao prazer sexual, mas não para Hanio. Seria morto antes de ter tempo sequer para abrir a boca com a surpresa do choque. E, uma vez que este não era o seu primeiro encontro com a morte, não tinha importância de maior. Até chegar a esse ponto, tudo o que interessava era ir vivendo cada momento da vida à medida que ia acontecendo e saboreá-lo por inteiro ao longo do tempo que durasse.

Ruriko parecia descontraída. Pôs-se a mexer nas venezianas, cerrando-as só parcialmente, mas deixou as cortinas abertas. Depois, àquela luz azulada semelhante à de um aquário, despiu-se com a maior naturalidade. Pela abertura da porta da casa de banho, que ela não fechara de propósito, ele pôde ver todo o seu corpo nu através do espelho, enquanto aplicava perfume por baixo dos braços e punha mais algumas gotas atrás das orelhas.

O contorno arredondado dos seus ombros e nádegas fê-lo pensar como seria maravilhoso abraçá-la. Excitado com o que observava, Hanio mal podia acreditar no que estava a acontecer.

Depois de dar uns passos graciosos à volta da cama, completamente nua, ela deslizou finalmente para debaixo dos lençóis. Hanio estava consciente de que não era o momento ideal para este tipo de conversa, mas não conseguiu reprimir a curiosidade.

— Porque é que andou assim à volta da cama?

— É um ritual meu. Os cães fazem isto muitas vezes antes de dormir, sabe. É uma espécie de instinto.

— Você é mesmo especial!

— Vá lá, não temos o dia todo. Abrace-me.

As palavras de Ruriko naquele momento tinham uma intensidade igual ao gesto com que, de olhos fechados, logo agarrou na cabeça de Hanio com as duas mãos.

A estratégia de Hanio era que as coisas fossem avançando durante o maior tempo possível, mantendo-a sempre à beira do êxtase. Tencionava dedicar bastante tempo a experimentar uma coisa nova e voltar depois ao ponto de partida; tentar outra coisa diferente e regressar novamente ao princípio. Mas, assim que fez a primeira tentativa, ficou surpreendido como tudo aconteceu de forma tão inesperada. Não havia qualquer dúvida de que o corpo de Ruriko era mais do que merecedor da devoção profunda que por ela tinha o velho e o plano de Hanio quase terminou em fracasso devido a essa mesma razão. No entanto, conseguiu resistir o tempo necessário. A sua única preocupação consistia em assegurar-se de que ela não se distraía, de que continuava totalmente concentrada no que estavam a fazer, ainda que a ameaça de morte os pressionasse, e, para o conseguir, Hanio usou todos os truques de que se lembrou: ora deixando-a com alguma sensação de pena por algo estar prestes a terminar, ora mantendo-a em êxtase e excitada por saber que ainda faltava algum tempo para o final. Sentiu-se orgulhoso pela capacidade de conseguir fazer pequenas pausas que contribuíam para esse propósito. A pele de Ruriko estava avermelhada e, embora permanecesse deitada na cama, todo o seu corpo parecia flutuar numa espécie de limbo. Era como uma prisioneira a tentar chegar em desespero à luz no teto, para logo voltar a cair, mal a tocasse.

Hanio tomava a iniciativa e depois parava um pouco, descansava e logo prosseguia. Mas cada gesto deixava-o mais perto de cair na misteriosa armadilha que Ruriko lhe estendera. A única maneira de evitar ceder à intensidade daquele momento era dar toda a atenção às fantasias da sua companheira à medida que se iam manifestando.

Estava Hanio empenhadamente dedicado na sua tarefa quando ouviu uma chave a girar com suavidade na porta. Quanto a Ruriko, não deu por nada. Estava de olhos bem fechados, enquanto ia movendo o rosto levemente suado de um lado para o outro.

«É então agora», pensou Hanio. A qualquer momento, talvez uma pistola com silenciador lhe fizesse no corpo um pequeno túnel vermelho que, atravessando-lhe as costas, fosse atingir o peito de Ruriko.

Ouviu o som da porta a fechar-se devagar. Estava alguém dentro do quarto, disso tinha a certeza. Mas nada aconteceu.

Hanio não se quis dar ao incómodo de olhar para trás das costas. Mas se aqueles eram realmente os últimos instantes da sua vida, pareceu-lhe que o melhor era entregar-se de corpo e alma ao que estava a fazer. Se a morte o visitasse naquele momento, melhor ainda. Não se podia dizer que tivesse preparado a sua vida para poder estar à altura daquele momento, mas deu o melhor de si, lançando-se fogosa e insaciavelmente na sedutora armadilha de Ruriko para aproveitar a oportunidade extraordinária que se lhe deparara. Uma vez que nada aconteceu, mesmo depois de os espasmos terem cessado, ergueu o pescoço à maneira das cobras e virou-se, ainda deitado sobre o corpo dela.

Um homem gordo e de aspeto estranho, vestido com um vistoso casaco cor de alperce e de boina na cabeça, ficou a fitá-lo no encontro dos olhares. Tinha aberto sobre os joelhos um grande caderno de esboços e movia o lápis energicamente.

— Fique onde está. Não se mexa — disse ele com gentileza antes de voltar a dirigir o olhar para a folha.

Ao ouvir aquela voz, Ruriko sobressaltou-se. Hanio não pôde deixar de ficar surpreendido com o ríctus de terror que transpareceu no rosto dela.

A jovem puxou o lençol para cima, enrolou-o à volta do corpo e sentou-se. Com o corpo descoberto, Hanio não teve outra opção senão ficar ali deitado, olhando primeiro para Ruriko e depois para o homem de meia-idade.

— Porque não disparaste? Porque não nos mataste logo? — gritou Ruriko num tom de voz estridente. E começou a chorar. — Já sei como vai ser. Vais continuar a pressionar-nos o tempo que te apetecer, não é verdade?

— Não te enerves. Acalma-te.

O homem falava japonês com um sotaque estranho. Voltou ainda com mais entusiasmo à sua tarefa e ignorou Hanio por completo.

— Estou apenas a fazer um esboço vosso. Acho que vai ficar excelente. Os movimentos de ambos foram de uma beleza extraordinária. Acabei de ser testemunha de um momento artístico único, por isso peço-vos que permaneçam assim como estão só durante mais um pouco, por favor.

Hanio e Ruriko ficaram sem palavras.

6

— Pronto. Está acabado.

O homem fechou o caderno, tirou a boina e pô-la na mesa ao lado do caderno. Aproximou-se da cama com as mãos na cintura, como se fosse um professor do ciclo preparatório a falar aos alunos:

— Vá, vistam-se. Se não, ainda apanham uma constipação.

Hanio estava ainda em estado de perplexidade quando vestiu as roupas que ainda não há muito despira com tanta desinibição. Ruriko, envolta no lençol, levantou-se indignada e caminhou rapidamente em direção à casa de banho. O lençol ficou preso na porta e ela puxou-o para dentro resmungando palavras de raiva. A porta fechou-se atrás de si com estrondo.

— Por favor, faça-me companhia. Quer uma bebida? — disse o homem.

Com alguma relutância, Hanio sentou-se à mesa onde tinha estado com Ruriko.

— Esta mulher demora uma eternidade a arranjar-se. Vai ficar na casa de banho à vontade meia hora. Não nos resta outra alternativa senão esperar. O senhor devia tomar uma bebida, fazer o que faz um homem adulto nestas circunstâncias e ir para casa.

Enquanto falava, tirou do frigorífico uma garrafa de Manhattan Mix, pôs cuidadosamente uma cereja em cada taça de *cocktail* e depois deitou a bebida do alto. As suas mãos roliças sugeriam uma generosidade infinita. As articulações dos dedos tinham até pequenas covas.

— Suponho que não vale a pena dar-me ao incómodo de perguntar quem o senhor é. Não adiantaria nada, pois não?

— Segundo a Ruriko, pertenço à SSA.

— Pode não ser do seu conhecimento, mas a SSA só existe no domínio da banda desenhada de *suspense*. Diga-se, por amor à verdade, que eu sou um homem pacífico, incapaz de fazer mal a uma mosca. Mas ela tem um problema: sofre de frigidez sexual. Por isso, sou obrigado a inventar todo o tipo de situações para a excitar e tornar as coisas um pouco mais apimentadas. Só assim consigo

satisfazê-la, chegando ela ao ponto de empunhar uma pistola de brincar, convencida de que é verdadeira. No fundo, sabe, sou um pacifista por excelência. Penso ser essencial que as pessoas de todos os países se relacionem pacificamente e se entreajudem através de relações comerciais e de cooperação. Considero condenável não só ferir as pessoas fisicamente, como também os seus sentimentos. É essa, segundo creio, a lição fundamental que o humanismo tem para nos ensinar. Não concorda?

— Sim, completamente — disse Hanio, um pouco atónito.

— O problema é que ela não tem paciência para o meu pacifismo. É uma rapariga que responde às emoções mais puras e simples e agora anda viciada em banda desenhada de *suspense*. Por isso, tenho de fazer o jogo dela. E convenço-a de que já assassinei imensas pessoas. Conto-lhe várias histórias inventadas, como a da SSA. Ela adora-as e isso ajuda-a a ultrapassar a frigidez, pelo que não me importo nada que continue agarrada às suas fantasias. Se eu fosse, na verdade, como ela julga, bom, a polícia japonesa, que controla tudo e mais alguma coisa, não me ia deixar andar por aí à vontade, não lhe parece? Mas, enfim, como é por motivos sexuais, fico contente por interpretar o papel de homicida do submundo do crime.

— Estou a ver. Mas qual a minha posição no meio disso tudo?

— Não se sinta culpado de nada. Você proporcionou prazer à Ruriko e isso é uma coisa que só me pode trazer benefícios, pelo que não há motivos para o recriminar. Quer outra bebida? Depois de a acabar é melhor ir para casa. E peço-lhe que não volte aqui. Odiaria vir a ter ciúmes de si. Entretanto, parece-me que aquilo que desenhei não ficou nada mal. Ora veja lá!

O homem abriu o caderno de esboços. Era um exemplo do que habitualmente se chama retrato em movimento, executado quase com a destreza de um profissional. Embora ele próprio fosse parte integrante do desenho, Hanio ficou impressionado com a pureza estranhamente bela do que representava, transmitindo a sensação de pequenos animais engalfinhados um no outro num ato de desenfreada agressividade. Era a própria imagem do «movimento»: pessoas a transbordar de prazer, transmitindo uma intensidade

luminosa e feliz e entregues por inteiro a um bailado exuberante. Mas o desenho não podia mostrar a subtil avaliação dos riscos que entretanto pesavam na consciência de Hanio.

— Esplêndido desenho — reagiu Hanio, com sincera admiração, ao devolver o caderno.

— Não está mal, pois não? É quando as pessoas se sentem satisfeitas que são mais belas, creio eu. Estão perfeitamente em paz consigo próprias. Nunca tenho qualquer intenção de me intrometer nisso. Porque é a perfeição em estado puro. Mas fico satisfeito por ter sido capaz de passar alguma coisa dessa perfeição para o papel. Agora deve ir-se embora, antes que a Ruriko saia da casa de banho.

O homem levantou-se e estendeu a mão. Parecia tão delicada e mole que Hanio teve relutância em apertá-la, mas era mesmo chegado o momento de partir.

— Então, adeus — disse Hanio, dirigindo-se para a porta.

Sentiu então uma mão no ombro.

— Olhe, o senhor é ainda novo. Deve esquecer tudo o que hoje aconteceu aqui. Certamente compreenderá porquê… O que se passou neste lugar, as pessoas que encontrou… deve esquecer isso tudo. Espero que entenda bem o que estou a dizer. Se assim proceder, só ficará com boas recordações. Considere estas palavras como o meu presente de despedida. Pense sempre nelas enquanto durar a sua vida e aproveite-a ao máximo.

7

Hanio saiu para o ar fresco e luminoso do dia, levando ainda na mente o que achou ser um conselho bastante válido e prudente. Até mesmo ele sentia que a experiência daquela manhã se inscrevia na categoria das fantasias mais loucas. Pretendera fazer o papel do niilista típico, mas a sabedoria de um homem mais velho parecia tê-lo iluminado. Quando ouviu as suas palavras, Hanio percebeu que, afinal, ele o via como pessoa adulta e madura. Porque, até àquele momento, o homem tratara-o com punhos de renda, como se fosse ainda criança.

Enquanto caminhava pelas ruas invernosas, ocorreu-lhe que alguém podia estar a segui-lo. Olhou para trás, mas não viu ninguém. Pensar que logo ele, de entre todas as pessoas, se tinha deixado iludir por banda desenhada de *suspense*! E provavelmente não teria sido o único. O seu cliente, o velho da voz sibilante, provavelmente também caíra na esparrela.

Ali perto, havia uma pastelaria que abrira recentemente, e ele entrou para descansar um pouco. Pediu um café e um cachorro. A empregada trouxe-lhe o cachorro, com a carne fresca da salsicha reluzente a espreitar dos dois lados do pão, e mostarda francesa à parte. Hanio não conseguiu deixar de perguntar:

— Estás livre esta noite?

A rapariga era magra e de rosto fechado. Usava uma maquilhagem do tipo que se usa para sair à noite, embora ainda fosse dia, e tinha uns lábios que pareciam determinados a não sorrir sequer uma única vez na vida.

— Mas ainda é dia.

— Por isso é que estou a perguntar se estás livre logo à noite.

— A esta hora, ainda não sei como vai ser logo à noite.

— Ah, quer dizer que ainda estás um pouco às escuras quanto ao futuro?

— Exatamente. Nem sequer sabemos o que nos pode acontecer no próximo quarto de hora.

— Não é um pouco exagerado dividir tudo em intervalos de tempo tão curtos?

— Bom, é o que fazem na televisão. De quarto em quarto de hora há intervalos para os anúncios. É de propósito para nos criarem expectativas face ao que vem a seguir. E isso funciona também na vida real.

Riu-se alto quando se foi embora. Ele apanhara, sem dúvida, com um verdadeiro balde de água fria.

Mas Hanio não se sentiu nada incomodado com o episódio. A rapariga planeava tudo em função da televisão. E talvez desse modo pudesse ter uma vida mais equilibrada, mais certa e segura. Com intervalos publicitários a sucederem-se de quinze em quinze minutos, porque havia de sentir-se obrigada a pensar no que podia acontecer no mesmo dia à noite?

Como não podia fazer outra coisa senão regressar a casa, e ainda era cedo, Hanio andou a deambular pela cidade, esforçando-se, apesar disso, por gastar pouco dinheiro. Era já noite quando chegou a casa.

Tinha os cinquenta mil ienes no bolso de dentro, mas não conseguia deixar de pensar que devia devolvê-los. Quando é que o velho voltaria a aparecer? Até ele chegar e acertarem contas, continuava a ser dono da vida de Hanio, pelo que era melhor manter na porta o letreiro com a palavra «Vendida».

Nessa noite, Hanio dormiu profundamente. Na manhã seguinte, ouviu o som de passos que pararam junto à porta, mas quem quer que fosse deve ter visto o letreiro e foi-se embora sem tocar. De repente, pensou que podia ser um assassino. Mas não, isso não era provável. Era preciso parar de pensar que ainda estava a viver aquela fantasiosa história de *suspense*. Pôs a água a ferver para fazer café e, olhando para o seu reflexo no espelho da parede, achou-se um pouco louco: deitou a língua de fora e fez uma careta.

Hanio estava surpreendido consigo mesmo pela ansiedade com que passou o dia inteiro à espera do velho. Queria encontrar-se com ele o mais depressa possível e resolver a sua vida de uma maneira ou de outra. Um negócio é um negócio. Quem compra tem forçosamente de dar atenção ao que compra. Com medo de que o

velho pudesse aparecer se saísse, Hanio permaneceu em casa o dia todo.

O sol de inverno estava a pôr-se. Já tinha escurecido quando o porteiro, que tinha por hábito distribuir o jornal da tarde aos utentes, o meteu debaixo da porta. Hanio abriu-o para ler um artigo da página três e ficou surpreendido ao ver uma fotografia enorme do rosto de Ruriko:

Beldade Encontrada Afogada no Rio Sumida

> «Suicídio ou crime? Ainda é cedo para se saber. Cartão de Visita de “Ruriko Kishi” (morada desconhecida) na mala de mão encontrada à beira da ponte.»

O artigo descrevia a ocorrência nos tons mais sensacionalistas.

8

As notícias do jornal sobre a morte de Ruriko deixaram Hanio estupefacto e a visita do velho não podia ser mais oportuna. Quase entrou em casa aos trambolhões com a excitação.

— Você conseguiu. Fantástico! Belíssimo trabalho! E acabou por escapar à morte, afinal de contas! Ora a isso chamo eu habilidade para o negócio. Sinto-me contente, mesmo muito contente!

Começou a dar pequenos saltos à volta da sala.

Irritado, Hanio agarrou-o pelos colarinhos.

— Saia daqui imediatamente! Devolvo-lhe os seus cinquenta mil, aqui os tem — disse Hanio, enfiando-lhe o dinheiro no bolso. — Esse dinheiro era para comprar a minha vida, mas estou vivo e bem vivo e, por isso, nada me obriga a ficar com ele.

— Bom, vamos lá com calma. Não nos apressemos. Porque não me diz o que aconteceu antes de decidirmos alguma coisa?

O velho sacudia furiosamente as mãos e os pés tentando resistir aos braços de Hanio. Agarrou com força a maçaneta da porta interior e rodou-a tão ruidosamente que Hanio receou que os outros residentes pudessem sair dos seus apartamentos para ver o que se passava. Por fim, conseguiu afastá-lo da porta e o velho caiu ao chão, sibilando entre dentes ainda mais alto do que anteriormente. Rastejou até uma cadeira, ergueu-se, apoiando-se nela, e recuperou a dignidade.

— Não devia maltratar assim uma pessoa. Especialmente alguém com a minha idade.

Ao reparar nas notas enfiadas no bolso, tirou-as, zangado, e pô-las em cima do cinzeiro. Hanio ficou a olhar para as notas, quase como se estivesse à espera que o velho lhes pegasse fogo com um fósforo. Mas ele não manifestou qualquer intenção de o fazer. As notas amarrotadas começaram a endireitar-se no cinzeiro como pétalas sujas de flores artificiais a desabrochar.

— Certamente consegue perceber o motivo por que estou tão contente. Mesmo um jovem como o Hanio pode perceber como a Ruriko me fazia sofrer e me tratava com o maior desprezo. Essa

mulher merecia um castigo justo. Suponho que terá dormido com ela, não?

Hanio sentiu que estava a corar e teve de desviar o olhar.

— Acertei em cheio, não é verdade? Sempre conseguiu! Bom, ela é fantástica, não achou? Toda a gente fica a odiá-la depois de ir para a cama com ela, pois qualquer relação com outra mulher é irrelevante comparada com esta… Para ser sincero, devo dizer-lhe que, na realidade, sou demasiado velho para ter uma ereção, mesmo com uma mulher como ela. E quando um homem fica assim desesperado, que opção tem senão matá-la?

— É uma forma muito simplista de encarar as coisas. Então foi o senhor que a matou?

— Olhe, não faça perguntas estúpidas. Se eu fosse capaz de o fazer, por que razão lhe pediria a si? Não, quem a mandou para o outro mundo foi…

— Então quer dizer que se trata de homicídio puro e simples, é isso?

— Que outra coisa poderia ser senão homicídio?

— Por mais que tente, não consigo deixar de acreditar que tudo aconteceu por mero equívoco e devido a uma série de imprevistos. E é por isso que estou a pensar em voltar ao apartamento amanhã.

— Nem pense numa coisa dessas. A polícia vai manter uma vigilância apertada sobre o local, pode ter a certeza. Quer mesmo envolver-se? Espero bem que não.

— É capaz de ter razão.

Não valeria a pena, acreditava Hanio. Era evidente que não fazia sentido regressar ao apartamento, agora que o corpo dela já lá não estava. Mas tinha a certeza de que a pistola ainda devia estar guardada no frigorífico.

— Mas, sabe…

Pela primeira vez, Hanio descontraiu-se, sentindo que devia dar ao velho uma descrição pormenorizada da experiência por que passara.

O velho continuava a fazer os mesmos sons sibilantes, enquanto ia ouvindo, sem ter consciência aparente de que estava a revelar os maneirismos dos seus tempos de jovem dândi, mexendo

nervosamente no nó da gravata e passando com suavidade a mão pelo pouco cabelo que lhe restava. Tinha as mãos já com as manchas da idade. Olhou pela janela e a sua atenção foi atraída por um salgueiro ressequido entre os beirais das casas. Abanando com a brisa fria da noite, batia nele a luz que passava pelas janelas. Enquanto aguardava que Hanio se exprimisse, o velho parecia entretido a procurar na mente os prazeres que perdera.

— É extraordinário eu não ter sido morto. Julga que pode haver problema se aparecer agora como testemunha da ocorrência?

— Mas será que ainda não percebeu? É óbvio que esse fulano regressou propositadamente para matar a minha mulher. Você apenas se atravessou no caminho. Percebe? Provavelmente ela esgotou-lhe a energia física até ao ponto de ele não aguentar mais. Se tivesse matado os dois ali, naquele instante, ter-vos-ia mandado desta para melhor juntos, ficando assim excluído da sua companhia para sempre. Foi por isso que quis matá-la só a ela e de uma forma que a relacionasse com ele e com mais ninguém. Não tenho dúvidas de que aquilo que presenciou foi decisivo para levar a cabo aquilo que já tinha em mente.

— Mas é mesmo ele o assassino? Não parecia ser esse género de pessoa.

— Como pode ser tão cego? O fulano é um bandido, um dos mais famosos cabecilhas do crime organizado. Mesmo que você fosse agora aparecer como testemunha, pode ter a certeza de que ele arranjaria maneira de fugir às malhas da lei. Neste momento, até nem me admira que esteja a fazer um grande drama, aos gritos e a chorar a morte da Ruriko. Não será preciso dizer-lhe que os casos de assassinato são esquecidos passado pouco tempo. Por isso, é melhor que o assunto permaneça insolúvel. Mas gostei que se tenha dedicado de alma e coração à sua tarefa e sem meter o nariz em coisas que não lhe dizem respeito. Olhe, deixe-me entregar-lhe mais cinquenta mil ienes como prémio-extra pelo modo como se comportou.

O velho lançou cinco notas de dez mil ienes para cima do amplo cinzeiro de vidro lapidado e preparou-se para se ir embora.

— Bom, suponho que seja a última vez que nos vemos — disse Hanio.

— Espero bem que sim. Por acaso, a Ruriko disse-lhe alguma coisa acerca de mim?

Hanio não resistiu a dar-lhe uma resposta provocadora.

— Bem, sim e não.

— O quê? Não me diga que lhe revelou o meu nome e coisas acerca de mim — disse o homem, subitamente empalidecido.

— Hum, já não me lembro bem o que foi.

— Será que vai tentar chantagear-me?

— Mesmo que tentasse, o senhor não é culpado de nenhum crime, pois não?

— Não, efetivamente não…

— Tudo o que fizemos foi tentar alterar um pouco os mecanismos deste mundo perigoso. Normalmente, uma coisa de tão pouca envergadura não teria qualquer consequência. Mas, mal decidi que valia a pena desperdiçar a minha vida, logo ocorreu uma situação de homicídio, aparentemente vinda do nada. É inacreditável, não acha?

— Você é um tipo estranho. Tem tantos sentimentos como uma máquina de venda automática.

— É verdade. Basta pôr-me uma moeda na ranhura e sairá com aquilo que pagou. Com as máquinas é assim, tudo ou nada.

— Não imaginava que fosse possível um ser humano agir como um robô…

— É uma revelação extraordinária, não é?

O amplo sorriso de Hanio foi recebido por um olhar pouco menos que horrorizado.

— Diga-me então de quanto precisa.

— Se tiver necessidade de alguma coisa, entro em contacto consigo. Mas, por hoje, não preciso de mais dinheiro.

O velho dirigiu-se à porta a fim de sair dali o mais depressa possível.

Hanio foi no seu encalço, dizendo:

— E esqueça o gato siamês. Afinal de contas, estou vivo.

Ao chegar junto à porta, voltou a virar o papel para o lado que dizia «Vendo a Minha Vida». Depois, reentrou em casa a bocejar.

9

Ele era alguém que já tinha morrido uma vez. Não havia nenhuma razão para sentir qualquer responsabilidade ou apego ao mundo. Para ele, o mundo não representava mais do que uma página de jornal com linhas sucessivas de caracteres transformados em baratas. Portanto, nesse contexto, que representava Ruriko para ele?

O corpo dela tinha sido encontrado e a polícia devia andar à procura do assassino. Não tinha qualquer dúvida de que passara desapercebido aos outros residentes do prédio e não vira ninguém durante os vinte minutos em que ficou à espera no corredor. Quando saiu do edifício, não lhe pareceu que houvesse alguém a segui-lo até casa. Ou seja, regressara ao mundo real como se se tivesse misturado com uma nuvem de fumo. Por que razão havia de ser intimado como potencial suspeito? A sua única dúvida era saber se o velho tinha sido levado pela polícia e mencionado o seu nome. Mas não valia a pena preocupar-se com isso. A verdade é que o homem estava claramente receoso de que alguém se inteirasse da sua relação com Hanio.

Mesmo que Hanio tivesse sido o assassino, era provável que o caso viesse a cair no esquecimento. Este pensamento fê-lo estremecer. Podia ter a certeza absoluta de que não tinha sido ele o assassino? Já que tudo se passara de uma forma tão bizarra, não se pode ter dado o caso de ele, inconscientemente, ter sido vítima dos poderes hipnóticos do estranho homem da boina e tivesse acabado com a vida de Ruriko? Talvez isso possa ter acontecido durante a noite, enquanto julgava dormir profundamente.

O facto de ter posto a vida à venda poderia relacioná-lo com o homicídio? Não, isso era absurdo. Não havia qualquer responsabilidade da sua parte. Absolutamente nenhuma. De resto, ele já cortara há muito os laços que o ligavam à sociedade, não é verdade?

Mas, então, que significado tinham as agradáveis recordações de Ruriko que teimavam em ocupar a sua mente? O que queria

dizer o facto de ter sentido tanto prazer carnal com ela? Teria realmente existido uma mulher chamada Ruriko? Decidiu não pensar mais no papel que possa ter representado em toda aquela história — só lhe causava perturbação. Pensou no que podia fazer para se distrair um bocado nessa noite. Um homem que já tinha conseguido vender a sua vida por cem mil ienes podia perfeitamente voltar a fazer o mesmo negócio.

Hanio não estava com disposição para uma coisa tão mundana como ir beber um copo a um sítio qualquer. Invadido por um impulso repentino, foi buscar ao armário um rato de peluche que tinha uma cara divertida. Tinha-lhe sido oferecido como presente há algum tempo por uma rapariga que fazia este tipo de artesanato. O focinho era pontiagudo como o das raposas, com alguns pelos finos na ponta do nariz. Era um artefacto bastante comum, daqueles com duas pequenas pedras pretas a fazer de olhos. Mas tinha a característica especial de estar vestido com um colete de forças. Descrevendo melhor, um pano branco forte apertava-lhe as patas contra o peito para que não as pudesse mexer nem um milímetro e tinha escritas algumas palavras em inglês na parte da frente do colete: «*Beware: patient prone to violence*.» Hanio acreditava que a imobilidade do rato se devia ao colete de forças. E, na sequência da mesma lógica, concluiu que a natureza vulgar e inexpressiva do focinho do rato era a prova clara da sua loucura.

— Muito bem, Senhor Ratão — disse Hanio.

Estas palavras não provocaram qualquer reação. Talvez o rato fosse, afinal, um misantropo. Embora sem ser personagem de *O Rato do Campo e o Rato da Cidade*, parecia-lhe que este encarnava bem o típico rato das zonas rurais, talvez persuadido por algum primo desonesto de Tóquio a deixar a sua terra e depois esmagado pela enorme pressão da vida na grande metrópole. Frustrado sob o peso da sua existência solitária e sem sentido, acabou por desenvolver uma propensão para a violência.

Hanio decidiu partilhar calmamente com ele a sua refeição. Sentou o rato no lugar da mesa em frente do seu, prendeu-lhe um guardanapo à parte de cima do colete e deixou-o assim, enquanto

preparava a refeição. O rato louco ficou sentado muito direito enquanto esperava.

Depois de pensar no que lhe podia servir, Hanio preparou pequenos pedaços de queijo e de bife que ele fosse capaz de mordiscar com os seus dentes afiados. Arranjou também um prato para si próprio e sentou-se.

— Pronto, Senhor Ratão, é tempo de comer. Não faça cerimónia.

Apesar de o encorajar, não obteve qualquer resposta. Aparentemente, o rato não era só louco, era também anorético.

— Então, não come porquê? Não gosta da comida que lhe fiz com tanta dedicação?

Como seria de esperar, voltou a não obter resposta.

— Talvez precise de música durante a refeição. Aprecia o luxo, Vossa Excelência! Vou pôr uma música suave que lhe deve agradar.

Levantou-se da mesa e pôs a tocar na aparelhagem *A Catedral Submersa*, de Debussy. O rato continuou imóvel e de boca fechada.

— Vossa Excelência é mesmo esquisita. Sendo rato, pode comer perfeitamente sem usar as patas, não?

Nenhuma reação. De um momento para o outro, Hanio ficou exaltado.

— Com que então não gosta do que fiz para si… Bom, então isto é o que Vossa Excelência vai ter.

Entornou na mesa o pequeno prato com o bife e esfregou a cara do rato na comida. O impacto fê-lo cair da cadeira para o chão. Hanio pegou nele com os dedos.

— O que se passa? Não me digas que foste desta para melhor. Não foi preciso muito para te matar, pois não? És mesmo patético. Bem, o que tens a dizer em tua defesa? Não esperes um funeral digno. Acho até que nem um simples velório mereces. Não passas de um rato, de um vulgar e mísero rato. Fica para aí a apodrecer numa casca dentro de um buraco imundo. Não servias para nada quando estavas vivo e também não serves para nada agora que estás morto.

Pegou no rato morto e atirou com ele para o armário de onde o tinha retirado. Apanhou os pequenos pedaços de bife que o rato morto deixara e provou um. Era delicioso, parecia um bombom de

carne. Ficou a refletir, enquanto ouvia Debussy. Pensou que quem estivesse de fora a ver podia achar aquilo uma brincadeira patética de alguém com problemas de solidão. De facto, sentir a solidão como inimiga é uma coisa muito triste, mas no seu caso era uma aliada. Sem sombra de dúvida.

Nesse preciso momento, alguém bateu discretamente à porta.

10

Quando abriu a porta, viu uma mulher de meia-idade, pouco atraente, com o cabelo apanhado em carrapito.

— Estou aqui por causa do seu anúncio no jornal.

— Ah, entre por favor. Estava neste momento a jantar, mas não demoro nada.

— Peço desculpa pelo incómodo.

A mulher entrou no apartamento, olhando atentamente para tudo à sua volta.

Não devia haver ação mais nobre do que comprar a vida de uma pessoa, mas por que razão os clientes que lhe batiam à porta pareciam sempre tão infelizes?

Enquanto comia, Hanio ia olhando dissimuladamente para a mulher. Pelo modo descuidado como vestia o quimono, calculou que não fosse dona de casa: era mais a imagem de uma solteirona idosa, talvez professora de literatura inglesa num colégio de raparigas. Possivelmente, só dava aulas a jovens alunas na flor da juventude, e o facto de serem do mesmo sexo talvez a tornasse ainda mais determinada em estabelecer um contraste com elas, negligenciando o seu aspeto. É muito frequente este género de mulheres serem bastante mais novas do que aparentam.

— Para dizer a verdade, tenho passado disfarçadamente todos os dias pela sua porta, mas vi lá sempre pendurado o papel que dizia «Vendida». Interroguei-me sobre o que isso podia querer dizer, porque, se a vida que estava à venda já tinha sido vendida, o senhor já não devia pertencer ao mundo dos vivos. Eu até já me tinha conformado com a ideia de que não valia a pena tentar, mas, apesar disso, resolvi passar por aqui. Fiquei mesmo aliviada ao ver que tinha voltado a pôr o papel do lado que diz «Vendo a Minha Vida».

— Pois, consegui realizar a tarefa que me foi atribuída. Vendi a minha vida, mas, como vê, ainda não morri.

Hanio preparou café para os dois e ofereceu uma chávena à mulher.

— Então, qual o motivo que a trouxe aqui?

— Envergonha-me um pouco falar no assunto.

— Comigo não tem de preocupar-se, sinceramente.

— Ainda assim, é embaraçoso.

Depois de uma breve pausa, a mulher deixou-se de reticências e, olhando diretamente para Hanio, disse:

— Se me vender a sua vida, é provável que desta vez não consiga ficar vivo. Face a isso, estará mesmo interessado?

11

Como Hanio permanecia calmo e impassível, a mulher sentiu-se um pouco desarmada. Enquanto ia bebendo o café com os lábios franzidos, repetiu a pergunta, desta vez com um tom mais austero na voz.

— Está realmente disposto a morrer? É que estou mesmo a falar a sério.

— Sim, claro. Mas o que deseja de mim?

— Passo a explicar.

A mulher juntou as abas do quimono sobre os joelhos, como se estivesse com medo de ser violada numa sala onde se encontrava sozinha com um homem, embora da parte desse mesmo homem não existisse o mais pequeno interesse por ela.

— Ora bem, trabalho numa pequena biblioteca e estou encarregada do serviço de empréstimos. Não vale a pena perguntar-me em qual, pois há tantas bibliotecas em Tóquio como esquadras de polícia. Como sou solteira, tenho bastante tempo livre e gosto de comprar os jornais da tarde quando regresso a casa do trabalho. Leio as colunas sentimentais, os anúncios classificados, as ofertas de emprego, a página onde se publicita a troca de objetos, e coisas desse género. No início, era membro ativo de um clube de correspondência e cheguei mesmo a ter um apartado nos correios. No entanto, estava consciente de que se viesse a conhecer alguém pessoalmente isso só poderia ser causa de deceção, pelo que, quando se mostravam apaixonados, começava por entrar um pouco no jogo, mas depois interrompia abruptamente o contacto.

— Porque é que acha que ia dececionar alguém?

A pergunta de Hanio não podia ser mais cruel.

— Cada um tem as fantasias que pode ter — retorquiu ela irritada, ao mesmo tempo que evitava o seu olhar. — Não devia humilhar assim as pessoas, sabe. Até porque ainda nem cheguei a meio da minha história. Mas adiante. Os amigos por correspondência acabaram por me cansar e, por isso, comecei a

procurar outra maneira de passar o tempo. Mas não estava a ser fácil encontrá-la.

— Foi precisamente por essa razão que pus o anúncio para vender a minha vida.

— Tem de estar sempre a interromper? Deixe-me acabar a minha história! Aí por fevereiro deste ano, ou seja, há uns dez meses, chamou-me a atenção um anúncio num jornal, que dizia: «Compra-se *O Livro Ilustrado dos Escaravelhos Japoneses*, de Gentarō Yamawaki, de 1927. Pago duzentos mil ienes pela edição integral. Contacto: apartado 2778, Estação Central dos Correios.» Pareceu-me um valor excessivamente elevado. Mas o mercado dos livros em segunda mão tem vindo a crescer nos últimos anos, pelo que este valor só pode querer dizer que se trata de um volume raro. A pessoa deve ter procurado em alfarrabistas e, como não conseguiu encontrá-lo, decidiu pôr o anúncio no jornal. Já sei como estas coisas funcionam e não me devo ter enganado. No final de cada ano fiscal, fazemos uma limpeza geral na biblioteca onde trabalho. Tiramos todos os livros das estantes, limpamos-lhes o pó e voltamos a pô-los, um por um, pela mesma ordem. Nem imagina o trabalho que dá. No ano passado, entre centenas de livros meio escondidos na secção das ciências naturais, reparei em dez tomos sobre entomologia. No âmbito das ciências, as novas invenções e descobertas relacionadas com remédios e drogas no campo da medicina e da física tornam certas obras completamente irrelevantes, o que não acontece com a entomologia, como eu sabia muito bem. E, enquanto lhes limpava o pó, ia folheando e observando cada um deles. Foi assim que encontrei o livro de Gentarō Yamawaki com o título *O Livro Ilustrado dos Escaravelhos Japoneses*, publicado pela editora Yūendō, em 1927. De imediato me veio à memória o anúncio do jornal que tinha visto sobre o livro e, pela primeira vez em muitos anos de trabalho na biblioteca, tive um mau pressentimento.

12

Tudo o que aquela mulher ia dizendo indicava que a sua vida decorrera até então sem ter cometido qualquer espécie de delito. E, embora não fosse pessoa de grandes ambições e fantasias, a perspetiva de duzentos mil ienes ter-lhe-á dado volta à cabeça. Talvez não tanto pelo dinheiro em si e mais pela possibilidade de poder comprar roupas caras e artigos de luxo, o que lhe permitiria colocar-se ao nível das outras mulheres.

Sem pensar duas vezes, escondeu *O Livro Ilustrado dos Escaravelhos Japoneses* num cesto de papéis que tinha junto de si e continuou a trabalhar na organização dos livros como se nada tivesse acontecido. Em seguida, disse à colega ao seu lado que ia pôr algumas coisas lá fora e saiu com o cesto e o livro escondido lá dentro, decidindo ocultá-lo secretamente no gabinete de uma amiga por uns tempos. Assim, se o livro com o carimbo da biblioteca aparecesse um dia em qualquer sítio, tinha a desculpa de o ter deitado fora acidentalmente com o conteúdo do cesto de papéis.

Nessa noite, quando chegou a casa, abriu o livro com o coração aos saltos, como se estivesse prestes a folhear uma publicação escandalosa. Sentiu o cheiro a pó mal começou a fazê-lo. Como suspeitara, pertencia àquele tipo de livros que fazem as delícias dos que andam sempre à procura de raridades. Era difícil saber se tinha sido escrito por simples e puro prazer ou com o propósito de se afirmar como obra de arte. Considerando a antiguidade da impressão, as ilustrações a três cores estavam impecáveis e eram de uma beleza extraordinária. Havia ilustrações fascinantes dos escaravelhos nas suas diferentes fases, mostrando as diversas colorações nos dorsos, o que fazia lembrar a publicidade colorida dos acessórios de moda. Cada ilustração tinha um número e um nome científico, assim como uma descrição da aparência e do *habitat*.

Mas foram os títulos dos capítulos que lhe despertaram mais interesse. Não se identificavam com qualquer sistema de classificação científica que já tivesse visto. O índice era o seguinte:

«Tipo 1: Sensual (Ordem Afrodisíaca, Ordem dos Estímulos)

«Tipo 2: Soporífico

«Tipo 3: Homicida»

Sendo mulher solteira, evitou o primeiro capítulo — embora, evidentemente, estivesse desejosa de o ler — e deu toda a atenção aos outros dois. Reparou também que alguém tinha posto uma enorme quantidade de círculos e sublinhados a vermelho no terceiro capítulo, «Tipo 3: Homicida». Uma secção que lhe saltou à vista foi «Uma Variedade do Escaravelho Japonês (*Anthypna Pectinata*)», na página 132. A ilustração mostrava um pequeno escaravelho castanho, de aparência comum e quase sem pescoço a ligar a cabeça ao tronco. Da cabeça couraçada, coberta por protuberâncias semelhantes a pequenos pincéis, saíam-lhe as duas antenas principais. O inseto não diferia muito do que se vê por aí.

A descrição era a seguinte:

«Espécie oriunda da ilha de Honshu, nos arredores de Tóquio. Encontra-se junto a roseiras, clerodendros e uma grande variedade de outras flores. É relativamente fácil de encontrar e as suas propriedades soporíferas, surpreendentemente, ainda não são do conhecimento geral. Menos conhecido ainda é o facto de poder ser usado para efeitos letais: homicídio sob a forma de suicídio. Isto é feito secando o escaravelho, moendo-o até ficar em pó e depois misturando-o com o sedativo hipnótico Bromisoval. Uma vez administrada, a poção transmite ordens ao cérebro, enquanto a pessoa está a dormir, e proporciona uma variedade enorme de métodos suicidas.»

A descrição terminava aqui. Mas era tudo o que ela precisava de saber sobre as intenções criminosas da pessoa que tinha posto o anúncio no jornal à procura do livro. Com uma lâmina de barbear, raspou o carimbo da biblioteca na página interior da capa e na folha de rosto. Depois, escreveu num postal: «Tenho em meu poder a edição integral do livro que procura. Se ainda está interessado, posso vendê-lo de acordo com as condições estipuladas, com pagamento imediato no ato de entrega. Aguardo informações sobre a hora e o local apropriado. Um domingo, de preferência.» Acrescentou ainda o número do seu apartado. Em seguida, escreveu o endereço indicado no final do anúncio e enviou-o.

A resposta chegou ao fim de quatro dias. A data referida na carta era o domingo seguinte, o que lhe agradava. Mas o local ficava em Chigasaki, a alguma distância da estação dos caminhos de ferro de Fujisawa. Vinha também um mapa com a morada da casa, que tinha todo o aspeto de ser uma mansão de férias, pertencente a uma família de nome Nakajima.

Houve uma coisa, contudo, que chamou de repente a sua atenção. Alguns dos caracteres da carta estavam mal escritos, quase parecia a caligrafia de uma criança. Detetou até um erro no seu nome.

«Há aqui qualquer coisa que não bate certo», pensou.

Na tarde soalheira e radiosa desse domingo primaveril em que, contudo, soprava uma brisa fria, a mulher caminhou da estação de Fujisawa em direção ao mar, seguindo as indicações do mapa. Deixou a estrada principal e virou para uma rua secundária. A rua alcatroada dava lugar, logo depois, a um caminho de terra batida. Os muros de pedra das várias mansões de férias encontravam-se quase totalmente tapados pelas dunas de areia. Havia borboletas amarelas a esvoaçar de um lado para o outro, mas não se via qualquer sinal de atividade humana. Não é de estranhar, pois nos dias de hoje muitas pessoas que trabalham em Tóquio têm casas em sítios como este, fazendo a mesma viagem todos os dias. Esta área específica, todavia, parecia ser uma zona de casas mais antigas e estava num silêncio total.

Entrou por um portão velho que tinha uma placa com o nome Nakajima, deparando-se-lhe depois um longo caminho de areia que ia dar à casa. Esta era de estilo ocidental, rodeada de pinheiros. O enorme jardim tinha um aspeto pouco cuidado e era fustigado pelo vento húmido que, furioso e implacável, soprava agora do mar.

Tocou à campainha. Para sua surpresa, quem apareceu à porta foi um estrangeiro não oriental, gordo e de rosto avermelhado, com um berrante casaco desportivo aos quadrados. O seu japonês era de tal forma correto que chegou a soar-lhe desagradável.

— Obrigado pela sua carta. Temos estado à sua espera. Entre, por favor.

Levou-a para uma sala onde se encontrava um outro estrangeiro, igualmente ocidental, este magro como um espeto. Levantou-se da cadeira onde estava sentado e cumprimentou-a cordialmente.

Ela estava preparada para poder fugir se as coisas dessem para o torto. As pesadas cadeiras de verga de estilo americano colocadas sobre tapetes de tatami que cobriam o chão desta grande sala, sem quaisquer carpetes, deixavam no ar a ideia de que a residência pudesse ser temporária. Não havia mais móveis dignos de menção, embora saltasse à vista uma televisão a cores na estante habitualmente usada para colocar objetos de decoração. Não estava ligada e o tom refletido pelo ecrã fez-lhe lembrar o brilho preto-azulado da superfície de um pântano. As portas deslizantes de papel estavam abertas e o corredor, coberto com uma leve camada de areia, estava ladeado de portas de vidro mal ajustadas que tilintavam incessantemente com o vento. Reparou que não estavam fechadas à chave e ficou aliviada por perceber que podia fugir por qualquer uma delas.

O homem magro ofereceu-lhe uma bebida alcoólica, que ela declinou, e depois trouxe-lhe um copo de limonada. Apesar de estar com muita sede, a mulher nem lhe tocou, com medo de que tivessem lá posto algum soporífero e estivessem interessados em tudo menos em fazer negócio.

O homem gordo que falava japonês ofereceu-lhe uma cadeira, mas não disse mais nada. Não fizeram qualquer referência ao livro ilustrado. Ela pegou então no saco onde tinha o livro, pô-lo sobre os

joelhos e bateu-lhe com os dedos na capa duas ou três vezes para chamar a atenção. Não obteve qualquer reação. Os dois homens continuaram a sussurrar em inglês, ignorando-a por completo. Não percebia uma única palavra do que estavam a dizer, mas, a avaliar pelas expressões dos seus rostos, pareciam discutir algo muito sério. E ela ia ficando cada vez mais impaciente.

Nesse momento, a campainha da porta tocou.

— *Oh, maybe Henry…* — disse o estrangeiro gordo em inglês, apressando-se a ir abrir a porta.

Precedido por um cão da raça *dachshund*, de orelhas compridas e com pelo de aspeto oleoso, mais parecido com o de um leão marinho, entrou um estrangeiro idoso, muito elegante e vestido para andar no campo. Pela atitude reverente dos outros dois homens, percebia-se que este devia ser seu patrão, pois cumprimentaram-no de um modo muito respeitoso. A mulher não ficou nada agradada quando o cão se pôs às sacudidelas.

Como o recém-chegado parecia não falar japonês, dirigiu-lhe algumas palavras amáveis em inglês. O mais gordo fez a tradução.

— Henry está muito agradecido por ter comparecido como combinado e apresenta-lhe os seus cumprimentos.

«Isto está a ir longe de mais», pensou ela para si mesma. Ele, entretanto, prosseguiu:

— Já vi que trouxe o livro.

«Abordou finalmente o assunto», pensou ela, aliviada e retirando-o do saco.

— O dinheiro, por favor, o *mo-nee*. Convém não esquecer.

Esperava que o homem gordo explicasse ao seu patrão o que tinha acabado de dizer, mas ele ficou calado. Pensar que lhe podiam ficar com o livro sem o pagar fê-la ficar de imediato com um nó na garganta.

O estrangeiro mais velho ia passando as páginas. O seu semblante parecia ter-se iluminado, claro sinal de que estava satisfeito.

— Que alívio — disse o homem gordo. — Os exemplares que conseguimos obter não continham mais do que umas trinta páginas, faltando secções inteiras. Sabe-se que, na época em que foi

publicado, era habitual a polícia japonesa censurar certas passagens dos livros. Esta é a primeira versão integral que temos possibilidade de ver e, como pode observar, Henry está encantado. Acabou de examinar a obra com atenção e vai pagar-lhe já. Aqui tem os duzentos mil ienes. Conte para ver se está certo, por favor.

Quando entregou o dinheiro, formaram-se covinhas reluzentes e brancas como esmalte nas bochechas do homem gordo. O cão aproximou-se para cheirar as notas.

Ela ficou aliviada ao contar vinte notas de dez mil ienes novas em folha e, não tendo nenhuma razão para ficar ali mais tempo, levantou-se da cadeira para se ir embora.

— Oh, já se vai embora? — perguntou o homem gordo. O magro também se levantou, mostrando intenção de persuadi-la a ficar.

— Já que foi tão simpática em vir de tão longe, ao menos coma qualquer coisa antes de se ir embora.

— Não, tenho mesmo de ir.

Agora que estava pronta para sair, sentiu que tinha de ser perentória. Pressentiu que poderia ficar numa situação perigosa se permanecesse.

O homem gordo inclinou-se e sussurrou-lhe ao ouvido:

— E que diz a ganhar mais quinhentos mil?

— Como?

Ela deteve-se, ficando na dúvida sobre se teria ouvido bem.

13

Hanio ficou com a curiosidade aguçada. Nada nesta mulher o atraía, mas o mesmo não podia dizer da sua história, que o fascinou.

— Ena, que grande aventura. E sempre trouxe esse dinheiro a mais que lhe foi oferecido?

— Eu não estava interessada em ganhar mais dinheiro. Apesar dos esforços deles em me reterem, consegui resistir e voltei para casa. Embora convencida de que ninguém me perseguia, corri tão depressa que quando cheguei à estação estava a transpirar em bica.

— E voltou lá outra vez?

— Bom, na verdade…

— Não me diga que a voltaram a contactar.

— Não, fiquei intrigada com o que podia vir a acontecer depois e num dia de julho cheio de sol, um domingo em que nada tinha para fazer, decidi lá voltar só por curiosidade. Parecia haver alguém em casa e toquei à campainha, mas desta vez foi uma senhora japonesa que apareceu à porta. Fiquei surpreendida e perguntei-lhe por Henry. Ela disse-me que alugara a casa a um estrangeiro por duas ou três semanas, na primavera, mas que nunca mais tinha sabido dele. Foi bastante antipática, por isso saí de lá o mais depressa que pude.

— Bom, tudo isso é muito interessante, mas o que tem a ver comigo?

— Já lá chegarei.

Pediu-lhe um cigarro e acendeu-o. Não havia nada no seu gesto que indicasse a mais pequena insinuação erótica. Mais parecia uma mulher idosa num quiosque de venda de lotaria a tentar convencer um cliente a comprar um bilhete e com à-vontade suficiente para lhe pedir um cigarro.

— Após esta minha segunda visita, nunca mais soube de nada. Mantive o apartado, mas ninguém me contactou. Vi então aquele seu anúncio, «Vendo a Minha Vida», e pus-me a pensar. E se os

quinhentos mil ienes fossem uma proposta encapotada para servir de cobaia numa experiência? Fazia todo o sentido. Pensei então que, se vissem o seu anúncio, certamente entrariam em contacto consigo.

— Mas isso não aconteceu. E, de qualquer forma, esses tais bandidos estrangeiros já devem ter ido para Hong Kong ou Singapura.

— A não ser que pertençam à SSA — disse ela.

— O que é que acabou de dizer?

Hanio não queria acreditar no que ouvia.

14

Aquela mulher também sabia da SSA! O mafioso asiático tinha descrito a SSA como mera ficção, uma coisa só existente na banda desenhada de *suspense*, mas agora Hanio começava a interrogar-se sobre se essa organização não teria alguma coisa a ver com a morte de Ruriko. Depois de ouvir a sigla pronunciada pelos lábios daquela mulher, pareceu-lhe que as várias peças do *puzzle* começavam a encaixar. Começou a suspeitar que a vontade de vender a vida o tinha transformado num peão da SSA. Por outro lado, estava convencido de que esta mulher não podia fazer parte de uma organização dessa envergadura. Alguém que lhe pertencesse mesmo não evocaria assim o seu nome com tanta ligeireza. Ela limitara-se a fazer uma descrição realista do seu encontro com os estrangeiros em Chigasaki, nada mais do que isso.

— Mas afinal a que corresponde essa sigla, SSA?

— Quer dizer que não sabe? A Sociedade Secreta Asiática é uma organização que está envolvida no contrabando de estupefacientes.

— Como sabe isso?

— Um estrangeiro, que veio a verificar-se ser traficante de droga, costumava frequentar a biblioteca diariamente. E todos nós pensávamos: «Uau, é mesmo um daqueles estudiosos a sério!» Além do mais, era sociável e muito simpático. Soubemos que era professor auxiliar na Universidade C., em Los Angeles. Parecia andar a fazer uma investigação sobre a história do Japão, e, como ia lá todos os dias, pensámos que fosse algum reconhecido especialista nessa área. Pouco depois, comecei a notar que um japonês, claramente com ar de desempregado, era ocupante assíduo do lugar ao lado do estrangeiro. Dava a sensação de que tinham encetado amizade ali, começando o japonês também a requisitar livros atrás de livros sobre a história do Japão. O facto era tão invulgar que uma jovem colega minha chegou ao ponto de fazer o comentário seguinte:

«— Que coisa mais estranha. Ele é japonês, mas o estrangeiro, que se vê ter mais conhecimentos do que ele, é que lhe ensina a história do Japão.

«Não demorou muito até o estrangeiro ficar amigo da rececionista e convidá-la para tomar um café ali perto. Mas, infelizmente para a rapariga, ele parecia interessado em manter um certo decoro e insistiu em que ela levasse uma amiga como companhia. A rapariga ficou bastante incomodada quando ele fez o convite às duas. Para mim, foi indiferente, sinceramente, e acabei por ir, embora mais pelo jantar.

«Deve ter sido em maio do ano passado. Lembro-me dessa tarde como se fosse hoje. Ele falava japonês fluentemente. A biblioteca tinha acabado de fechar e, enquanto descíamos pela avenida, ladeada por árvores muito bonitas, até à estrada principal, o sol da tarde ainda brilhava. Decidimos levá-lo a um dos cafés que habitualmente frequentávamos, e todos nos sentíamos animados por um misto de prazer e despique. Sentámo-nos a uma mesa e começámos a falar sobre várias coisas. Não havia dúvida de que ele tinha o dom da palavra.

«— Aqui sentado na companhia de duas belas mulheres, a beber chá feito no estrangeiro, mas afinal trazido para o Japão pelos primeiros comerciantes europeus, sinto-me como um xogum Tokugawa, quando se sentava rodeado pelo seu harém, nos aposentos do castelo de Edo.

«Rimo-nos alegremente com este comentário. Seria considerado grosseiro se dito por outro, mas vindo do Sr. Dodwell, era esse o seu nome, bom, continha uma certa inocência.

«O seu japonês não era perfeito, faltava-lhe alguma subtileza e havia qualquer coisa na expressão que soava demasiado correta. Fez-me lembrar uma máquina demasiado oleada. Lembro-me de que fez uma pausa a meio da conversa para nos perguntar, em tom afável:

«— Por acaso já ouviram falar da SSA?

«— Parece o nome de uma companhia aérea. Mas não conheço nenhuma com esse nome no Japão. Se calhar é americana — disse a minha amiga. — Ou talvez seja o nome de uma marca de

eletrodomésticos. Também pode ter a ver com a agricultura. Sistema Social Agrícola, ou coisa que o valha.

«Ela exibia a escassa educação que tinha e eu olhei-a severamente.

«O estrangeiro ouvia-nos, sorrindo abertamente.

«— Bom, na verdade, trata-se de uma organização internacional. Mas o nome diz tudo: Sociedade Secreta Asiática. Assusta um bocado, eu sei. E está mais perto de nós do que se possa imaginar.

«Ao ouvi-lo, foi nascendo em nós alguma inquietação. O Sr. Dodwell prosseguiu:

«— Repararam no japonês que se senta sempre ao meu lado na biblioteca e conversa comigo sobre história? É raro encontrar uma pessoa tão irritante numa biblioteca, e para mim foi o cabo dos trabalhos. Além do mais, as perguntas que me faz são completamente idiotas. Um dia perguntou-me, assim do pé para a mão: quantos filhos teve Masashige Kusunoki, samurai do século catorze? Eu não fazia a mais pequena ideia e, fingindo que sabia a resposta, disse-lhe que tinham sido dez. Face a isto, o seu rosto iluminou-se de um momento para o outro. Sabendo o que sei hoje, tenho quase a certeza de que a minha resposta deve ter coincidido com uma espécie de senha secreta. Mesmo assim, não se descaiu nem baixou a guarda. Mas, anteontem, informou-me de repente ter chegado à conclusão de que, afinal de contas, eu não era membro da SSA. Eu não sabia do que ele estava a falar, pelo que lhe perguntei o que era a SSA. Pareceu um pouco presunçoso quando respondeu: “SSA é a sigla de Sociedade Secreta Asiática. Estou tão aliviado. Confundi-o com outra pessoa e por um triz não o matei.” E foi-se embora. A ideia de que podia ter ido desta para melhor deixou-me num estado de grande agitação. Pensar que estive sob a suspeita de ser membro dessa organização!

«— É assustador, realmente! Devia ter informado logo a polícia — dissemos nós com veemência.

«— Bom, às vezes, quanto mais lenha se põe na fogueira, pior é — disse o Sr. Dodwell, com uma leve tensão na voz.

«Desde esse dia, o Sr. Dodwell nunca mais voltou à biblioteca e eu nunca mais me esqueci da sigla SSA.

15

Quando chegou a este ponto, Hanio interrompeu-a:

— Talvez Dodwell, caso seja esse o seu verdadeiro nome, seja de facto um membro da SSA.

— Mas, se fosse assim, por que motivo mencionaria isso? — perguntou a mulher.

— Talvez tenha pensado que o seu disfarce da biblioteca tinha sido descoberto e estava a sondá-la para tentar controlar a situação.

— Quem sabe — disse a mulher.

Mas havia outra coisa a ocupar o seu pensamento.

— Bom, voltando à questão mais importante.

— Sim, a razão de me ter dirigido a si para comprar a sua vida. Uma vez que aquele estrangeiro que conheci há tempos, Henry, ainda não o contactou, podemos presumir que a oferta dos quinhentos mil ienes, que me fez quando eu estava para me vir embora da reunião, ainda se mantém. Quando vi o seu anúncio, percebi que o senhor era a pessoa certa para testar a droga do pó de escaravelho. Eu fico com cem mil ienes por servir de intermediária. Então, está interessado em vender-me a sua vida por quatrocentos mil? Assumo a responsabilidade de enviar esse dinheiro ao seu familiar mais próximo, e, para que fique descansado, tratarei disso antes da sua morte. Fazemos negócio?

— Não tenho parentes próximos.

— Nesse caso, o que devo fazer com o dinheiro?

— Porque não o usa para comprar um animal qualquer de grande porte… crocodilo, gorila, um desses… e lhe dedica toda a atenção? Provavelmente, o melhor para si será deixar de pensar em casar e passar o resto da sua vida com um animal de estimação. Não acredito que qualquer outro parceiro a possa fazer mais feliz. E nem lhe passe pela cabeça mandar fazer malas com a pele dele. Tem de alimentá-lo todos os dias, obrigá-lo a praticar exercício físico e dedicar-se de alma e coração a criá-lo. De cada vez que o olhar bem nos olhos, irá lembrar-se de mim.

— Você é uma pessoa muito estranha.

— Engana-se. A pessoa estranha, aqui, não sou eu.

16

A mulher escreveu uma carta a Henry e enviou-a para o seu apartado por correio expresso. Continha apenas duas frases: «Participarei no teste por quinhentos mil ienes. Levo comigo um voluntário.» A resposta foi imediata, indicando a data e o local para a sua realização: 3 de janeiro, na zona de armazéns de Shibaura, em Tóquio.

Hanio combinou encontrar-se com ela antes e seguiram juntos em direção à área despovoada dos armazéns, sob uma réstia de lua fria, que parecia empurrada pelo vento de um lado para o outro na noite invernosa. Bateram à porta na morada indicada, mas só à quinta tentativa alguém abriu. Desceram por uma pronunciada escadaria em caracol até chegarem a uma fria porta metálica. Quando a porta se abriu, sentiram no rosto a sensação de uma atmosfera tépida e carregada. Entraram numa sala de estilo ocidental, bem aquecida, ampla e com uma carpete vermelha no chão. Havia duas janelas quadradas contíguas, através das quais se via o fundo de um mar bastante poluído. Na água, pejada que estava de todo o tipo de detritos e lixo, não havia um único peixe. Perto de uma das janelas via-se o que deve ter sido o pequeno cadáver esbranquiçado de um peixe, mas Hanio apressou-se a desviar o olhar, pois lembrou-lhe um feto humano.

A sala tinha um ar confortável e, na lareira, a luz elétrica imitava troncos artificiais a crepitar no irradiador. Não há dúvida de que uma lareira assim evitava a necessidade de um extrator de fumo.

Três estrangeiros esperavam-nos. O mais idoso, que tinha o *dachshund* preso pela trela, devia ser Henry.

A mulher foi a primeira a falar.

— Lembra-se de me ter perguntado se eu queria ganhar mais quinhentos mil ienes?

— Sim — respondeu um deles em japonês.

— Suponho que seria o pagamento por fazer de cobaia, não é verdade?

— Exatamente, é isso mesmo.

— Este senhor que está aqui comigo vem desempenhar esse papel. Comprei-lhe a vida, por isso gostaria que me entregasse agora os quinhentos mil ienes, por favor.

A nova proposta apanhou o estrangeiro desprevenido. Dirigiu-se a Henry em inglês e os três conversaram em voz baixa.

— Mas está realmente à vontade com a possibilidade de morrer? — perguntou o primeiro estrangeiro.

— Sim — respondeu calmamente Hanio. — Porquê a surpresa? Já toda a gente percebeu que a vida humana não tem qualquer sentido e que as pessoas não passam de meras marionetas. Portanto, porquê tanta admiração?

— É a atitude correta, sem dúvida. Desde que tomámos posse do livro já conseguimos obter uma quantidade bastante razoável de escaravelhos, misturámo-los com Bromisoval e obtivemos a poção em causa. Já a experimentámos em algumas pessoas e, tal como está escrito no livro, elas ficaram vulneráveis às nossas indicações. Contudo, não foi possível persuadir nenhuma delas a suicidar-se, pelo que não sabemos se o instinto de sobrevivência impedirá alguém de ir até ao fim quando o momento da verdade chegar. Mas agora, com alguém como o senhor, disposto a morrer, estamos finalmente em condições de efetuar o teste.

— Bom, mas primeiro convém que me entregue os quinhentos mil — repetiu a mulher.

Henry fez sinal a um dos homens e este apresentou um maço de notas. Contou as cinquenta notas de dez mil ienes, uma por uma, e entregou-as à mulher. Esta retirou dez, guardou-as na mala, e deu as restantes a Hanio.

Em cima da mesa encontrava-se uma pistola.

— Está carregada. Mas o gatilho está destravado. Se a apontar para si e puxar, é o fim — disse um dos homens.

Hanio sentou-se no cadeirão e engoliu a poção que lhe entregaram com um pouco de água. Nada de especialmente estranho aconteceu e a sua ideia de que o mundo carece de significado não sofreu qualquer alteração. Os restos em pó de um escaravelho preguiçoso e inútil, cuja única missão da sua vida banal era voar de flor em flor e enterrar o pequeno nariz sujo no fundo dos

pólenes até quase sufocar, acabara de entrar no seu corpo. Mas não lhe parecia que isso fosse abrir qualquer perspetiva de o mundo se tornar, de um momento para o outro, um jardim muito bonito e cheio de flores.

De repente, deu por si atento aos pormenores do rosto muito sério daquela velha mulher solteira: cada ruga debaixo dos olhos, cada poro na pele áspera das maçãs do rosto, cada madeixa solta do cabelo. Tudo se unia num grito cacofónico de sons: «amo-te, amo-te, amo-te».

As palavras ecoavam-lhe ensurdecedoras. Hanio quis tapar os ouvidos. Alguns, se o mundo se transformar numa coisa com sentido, deixam de lamentar a vida. Outros, para quem o mundo não tem qualquer sentido, acham que não vale a pena viver. Mas em que convergem estes dois tipos de sentimentos? Para Hanio, ambos vão dar ao mesmo: à morte.

Em pouco tempo, tudo à sua volta se tornou viscoso e começou a andar à roda. O papel de parede inchava em bolhas, como se soprado pelo vento. Parecia que bandos de pássaros amarelos esvoaçavam à sua volta. Tudo aquilo lhe provocou tonturas sucessivas. Chegou-lhe aos ouvidos a melodia de uma canção. Evocou nele a lembrança de uma floresta verde a ondular como algas marinhas, que depois se transformavam em flores parecidas com glicínias, pendendo de cada um dos ramos, e sob as quais galopavam em círculo inúmeros cavalos selvagens. Não sabia ao certo por que motivo lhe surgira esta fantasia, mas pressentia que o seu mundo — o mundo daqueles jornais cheios de letras em forma de baratas — estava a dar o seu melhor para se transformar em qualquer coisa de maravilhoso. Mas talvez este «dar o seu melhor» fosse um pouco exagerado, refletiu Hanio: um mundo sem sentido a dar o seu melhor? É uma ideia ridícula!

Não se sentiu enjoado, e também não parecia em transe. Subitamente, tudo o que o rodeava sofreu outra transformação. Inúmeras agulhas gigantes apareceram de repente à volta do seu corpo. As agulhas cintilavam à luz e das suas cabeças abriam-se flores semelhantes às de catos. As flores eram vermelhas, amarelas e brancas. A Hanio pareceu a coisa mais natural do mundo. Depois,

as agulhas transformaram-se em antenas de televisão e os cestos de papel de plástico verde começaram a flutuar pela sala, enchendo o espaço, como se fossem balões publicitários de tamanho gigante.

«É tudo tão banal. E o mundo inteiro está atolado em mediocridade», pensou Hanio, nada impressionado.

— Como se sente? Acha que neste momento já está disposto a morrer? — ouviu ele uma voz a perguntar.

— Sim, absolutamente.

De súbito, pareceu-lhe que o seu corpo começara a flutuar. Até então, sentira-se atado à cadeira de pés e mãos, mas agora os membros podiam mover-se à vontade. No entanto, ficou surpreendido com a satisfação que lhe causava sentir mexer os membros de acordo com as instruções que alguém lhe transmitia. Nunca imaginou que pudesse agir dessa forma.

— Então vamos lá começar. Siga as minhas indicações. Vou fazer isto com a calma e o vagar que for preciso.

— Obrigado.

— Estenda a mão direita.

— Assim?

— Isso mesmo.

Na condição em que se encontrava, Hanio não podia ouvir as suas próprias palavras, cujo sentido lhe vinha dos confins da mente, mas, em função das respostas que dava, tinha plena consciência do que o outro homem lhe dizia para fazer.

— Agora deve ser capaz de alcançar com os dedos o objeto duro e negro que está em cima da mesa. Segure-o bem. Isso mesmo. Mas não toque ainda no gatilho. Leve-o agora devagar até junto da cabeça. Tenha calma e relaxe os ombros. Sente-se melhor assim, de certeza. Pressione o cano contra a têmpora. Deve estar um pouco frio, mas é agradável, não é? Transmite uma certa sensação de frescura, não acha? E também de alívio, como quando se tem febre e se aplica um pacho de água fria na testa. Agora, com todo o cuidado, ponha o indicador no gatilho…

17

Mantendo o dedo no gatilho, Hanio apontou a pistola à cabeça. Nesse momento, sentiu alguém precipitar-se contra ele e arrancar-lha da mão. Ouviu-se um estrondo enorme mesmo ao seu lado. O cão começou a latir, repercutindo dolorosamente nos seus ouvidos um interminável clamor.

Aparentemente, o choque interrompera o efeito da droga. Sacudiu a cabeça uma ou duas vezes e levantou-se. Tudo na sala surgia agora aos seus olhos com grande nitidez. A mulher estava caída aos seus pés, com o corpo contorcido e sangue a escorrer da testa.

O homem gordo, de cara avermelhada, o homem que parecia um espeto e Henry, o mais elegantemente vestido, todos estavam em estado de choque em torno do cadáver. Com a mão na cabeça ainda atordoada, Hanio esticou o pescoço para poder ver melhor o corpo da mulher morta. Ainda segurava a pistola na mão direita.

— O que aconteceu? — perguntou Hanio ao estrangeiro de cara avermelhada.

— Está morta — respondeu o homem secamente, em japonês, quebrando o silêncio.

— Porquê?

— Ela devia amá-lo, devia amá-lo mesmo muito. É a única explicação possível. Por isso, decidiu morrer em seu lugar. Mas, se a ideia de o ver morrer era tão insuportável para ela, porque não se limitou a tirar-lhe a pistola da mão? Porque havia de se matar?

Hanio não estava a conseguir pensar com clareza, mas fez um esforço enorme para se concentrar. O motivo pelo qual ela se matara era óbvio. Tinha-se apaixonado por ele, mas, como sabia que não podia ser retribuída, decidiu pôr fim à vida. Não podia haver outra explicação.

— Não há dúvida de que se trata de um suicídio — insistiu o estrangeiro. — Não temos de ficar preocupados com o que aconteceu.

A última coisa que ocupava naquele momento a mente de Hanio era o modo como iriam depois resolver a situação.

Acontecera então que ela se encantara por ele e essa ideia incomodava-o. E ainda o incomodava mais ter sido uma mulher tão feia a matar-se por sua causa! Estava a passar-se uma coisa realmente extraordinária. Não podia haver duas interpretações. Das duas vezes que tinha tentado vender a sua vida a outros, foram estes a ter um fim trágico.

Hanio observava os estrangeiros friamente, imaginando o que iriam fazer. Talvez acabassem com a sua existência ali mesmo.

Os três homens juntaram-se e começaram a falar em voz baixa, enquanto o *dachshund* continuava a ladrar ao cadáver. Parecia que o sangue despertara naquele animal mais do que domesticado um comportamento selvagem.

O sangue escorria furtivamente do cadáver para o chão à sua volta, como se quisesse aproveitar-se da confusão para se escapar. A mulher tinha a boca aberta e parecia que essa caverna escura indicava um caminho secreto para o fim do mundo. Os olhos estavam ligeiramente abertos e alguns cabelos tinham ficado presos sobre um deles.

«Pensando bem, é a primeira vez que olho de perto para um corpo sem vida. Nem os corpos da minha mãe e do meu pai cheguei a ver assim. Um corpo morto faz-me lembrar uma garrafa de uísque. Quando se pega nela e cai, o conteúdo derrama-se. Nada mais natural.»

O mar cor de chumbo continuava agitado do lado de fora das janelas. Os estrangeiros continuavam embrenhados na conversa. Embora Hanio não entendesse bem inglês, conseguiu perceber algumas palavras relacionadas com números de voo, companhias aéreas e aviões. Tendo o cuidado de pôr primeiro um lenço à volta da mão, tirou as notas de dez mil ienes da mala da mulher. Meteu o dinheiro nas mãos de Hanio e disse-lhe:

— Este dinheiro é para que se mantenha calado. Se disser uma só palavra… — Ao dizer isto, fingiu cortar a própria garganta e emitiu um som de fazer gelar o coração.

Levaram-no para o carro e deixaram-no na estação de Hamamatsucho. Permaneceram em silêncio, como se ignorassem deliberadamente a sua presença.

Quando o carro partiu, Hanio fez um leve aceno com a mão e não tardou a virar-lhes costas. Era como se estivesse a despedir-se de amigos depois de um piquenique.

Depois de comprar o bilhete de comboio, subiu as escadas. A cabeça começou outra vez a pregar-lhe partidas: parecia que as sombrias escadas de cimento nunca mais acabavam. Tentou fixar o pensamento nelas com determinação, mas, por mais que subisse, não havia meio de chegar ao cais de embarque. O número de degraus ia aumentando à medida que subia. Tinha consciência de que no topo se podia ouvir o som estridente dos apitos dos funcionários, de comboios que partiam e de grandes multidões de passageiros que desembarcavam, mas tudo isso parecia acontecer muito longe das escadas que ia subindo.

Pensou em si como se já tivesse morrido. A moral, as emoções, tudo o resto — nada fazia sentido. Estava completamente livre. E, no entanto, o amor que a mulher acabada de morrer sentira por ele continuava a pesar-lhe na consciência. Não chegara à conclusão de que as outras pessoas não representavam para ele nada mais do que baratas?

Precisamente no momento em que as escadas começavam a parecer uma queda de água prestes a jorrar sobre si, chegou ao cais de embarque. Um comboio acabava de chegar. Hanio subiu para ele, completamente exausto. A carruagem estava iluminada mais do que o costume e encontrava-se completamente deserta. As argolas de segurança brancas com cobertura de plástico balançavam a compasso no ar. Agarrou-se a uma. Na verdade, mais exato será dizer que a argola branca é que se agarrou a ele.

18

Já no seu apartamento, Hanio ficou a aguardar com ansiedade o desfecho da situação. Sentindo-se exausto, virou o aviso pendurado na porta para o lado que dizia «Vendida». Como era estranho que esse cansaço significasse o adiamento da execução. Até mesmo o jogo que envolve a noção de morte parece requerer uma grande dose de energia.

Em nenhum dos jornais dos dois dias seguintes apareceu qualquer notícia sobre a descoberta do corpo de uma mulher que se suicidara num lugar escondido abaixo do nível do mar. O seu cadáver ainda lá devia estar a apodrecer.

A pouco e pouco, Hanio foi recuperando os habituais sentimentos em relação ao quotidiano, em tudo iguais aos que sentira desde o suicídio falhado: tudo no seu mundo se baseava em irrealidade e desonestidade. Nele não havia tristeza ou alegria, nada se definia em termos claros. Esta ideia de que nada fazia sentido ocupava a sua vida dia e noite, como se o brilho suave de uma luz indireta nela se projetasse.

«Aquela mulher não existiu. E a sala secreta debaixo de água também não. Toda aquela loucura nunca existiu.» Foi nisto que ele decidiu acreditar.

Ficou mais calmo e decidiu ir até à cidade. As festividades do Ano Novo ainda decorriam. Havia nele uma certa inquietação por não estar nos braços de uma mulher há muito tempo. Enquanto passeava por Shinjuku, chamou-lhe a atenção o rabo de uma rapariga que entrava numa loja com saldos. Estava uma temperatura amena, e o facto de não trazer casaco ainda a fazia sobressair mais no meio das outras pessoas. Uma saia de xadrez em tons de verde-claro cobria-lhe as nádegas, que à luz do sol de inverno pareciam conter a própria essência da vida, tão voluptuosas como as que Renoir pintou. Ela transmitia aquela frescura brilhante que se sente quando retiramos da caixa uma nova pasta de dentes e esse gesto nos traz a promessa de uma manhã revigorante.

Com os olhos fixos na parte de trás do corpo da rapariga, entrou na loja sem hesitar. A jovem parou junto a umas camisolas que faziam parte dos saldos de fim de estação. As peças de várias cores estavam ao monte dentro do que parecia uma caixa de areia num parque infantil.

Hanio observou o perfil dela enquanto escolhia uma camisola. Reparou que franzia os lábios. Os vistosos brincos de prata, em forma de ananás, que ainda usava embora fosse de dia, faziam supor que trabalhava num bar de terceira categoria. No entanto, vista de perfil, tinha feições atraentes e o nariz era perfeito. Hanio ficava desalentado perante mulheres de nariz encurvado, mas este tinha uma forma que lhe animava a alma.

— Queres ir a um café tomar qualquer coisa? — perguntou-lhe Hanio sem rodeios, como se estivesse a fazer a pergunta mais natural do mundo.

— Espera um momento. Agora estou a ver isto — respondeu a jovem friamente, quase sem olhar para ele.

Estendeu a mão até ao fundo do monte de roupa e puxou uma camisola. Afastou-lhe os braços na largura, de uma forma que a fez parecer um morcego negro, e continuou a examiná-la. Os seus lábios franzidos pareciam indicar que não estava assim muito entusiasmada. A extravagante etiqueta dourada e vermelha com o logótipo da marca baloiçava no meio da camisola, como as tiras de papel colorido que se penduram nos ramos de bambu durante o Festival de Tanabata.

— O preço não é mau… — disse ela em voz alta. Depois virou-se para Hanio pela primeira vez.

— O que achas? Fica-me bem? — perguntou-lhe ela, ao mesmo tempo que a punha à frente do peito.

Hanio ficou surpreendido pelo tom familiar da sua voz. Era como se estivesse a falar com um homem com quem vivia há dez anos. Ao mesmo tempo, reparou como a camisola, que lhe fizera lembrar um morcego morto, alargou quando posta sobre o peito dela e se lhe colou lascivamente.

— Mal não te fica — disse Hanio.

— Pronto, vou comprá-la. Não demoro um minuto.

A rapariga dirigiu-se à caixa. Se ela lhe tivesse pedido para lhe oferecer uma peça de vestuário tão barata, ele ter-se-ia sentido como um marido a comprar uma pequena prenda para apaziguar a mulher. Hanio sentiu prazer em ficar a olhar a parte de trás do corpo dela, enquanto procurava a carteira para pagar.

Encontraram um café ali perto e entraram.

— Chamo-me Machiko. Suponho que queiras dormir comigo, certo? — disse ela.

— Ainda não sei bem.

— Oh, és terrível! Já vi que pertences ao género desinteressado — disse ela, soltando uma gargalhada explosiva.

Tudo aconteceu como esperava. Machiko só tinha de ir trabalhar por volta das sete da tarde, pelo que Hanio a acompanhou ao seu apartamento escassamente mobilado a uns quarteirões de distância.

Machiko bocejou e desapertou os ganchos da saia.

— Nunca tenho frio — disse ela.

— Bom, não andavas de casaco, por isso percebi que devias ser uma brasa.

— Ah, sim? És um convencido, sabes? Conheço o género — disse ela.

O corpo dela cheirava tanto a erva seca do campo que Hanio ficou depois preocupado de que alguma lhe pudesse ter ficado presa ao fato.

19

Depois de tomarem uma refeição ligeira num *snack-bar*, Hanio acompanhou-a ao seu local de trabalho. A seguir, cada um seguiu o seu caminho e ele foi ver um filme de ação, passado no submundo marginal no Japão, mas saiu a meio. Quando chegou a casa já passava um pouco das oito. Ao abrir a porta, quase tropeçou em qualquer coisa. Alguém se encontrava ali, agachado na escuridão.

— Ei, quem és tu?

Um rapaz magro e de baixa estatura, vestido com um uniforme escolar, levantou-se sem responder. Tinha uma cara pequena e escura, parecida com a de um roedor.

— Está mesmo vendida?

A pergunta era a última coisa que Hanio esperava e por um breve momento não percebeu do que ele estava a falar.

— O quê? — perguntou ele ao rapaz.

— Sempre vendeu a sua vida?

Sentia-se uma certa estridência na sua voz.

— É como está escrito no aviso.

— Isso não é verdade. O senhor está vivo e de boa saúde, não está? Se tivesse vendido a sua vida já estava morto.

— Não necessariamente. Seja como for, entra.

Sem saber bem porquê, simpatizara com o rapaz e deixou-o entrar. Acendeu a luz e ligou o aquecedor. Entretanto, o rapaz olhou à sua volta e começou a fungar, como é típico das crianças. Sem se sentar, disse:

— É estranho. Uma vez que parece não ter problemas de dinheiro, porque é que quer vender a sua vida?

— Não te preocupes com coisas que não são da tua conta. Cada um sabe de si — disse-lhe Hanio, oferecendo-lhe uma cadeira.

O rapaz deixou-se cair pesadamente na cadeira com algum espalhafato.

— Ah, estou mesmo cansado. Estive duas horas à sua espera.

— Já não estou à venda, pelo que não percebo o que vens aqui fazer.

— Eu vi o que está escrito do outro lado da folha. Tenho a certeza de que a vira ao contrário quando precisa de descansar. Até eu percebo isso.

— És muito perspicaz. Mas diz-me cá: uma criança como tu tem dinheiro para comprar a minha vida?

— Isto deve chegar.

O rapaz desabotoou os botões dourados sobre o peito, tirou com toda a naturalidade um maço de notas de dez mil ienes do bolso interior, como se estivesse a apresentar um passe de transportes, e mostrou-as a Hanio. Era qualquer coisa como duzentos mil ienes.

— Como conseguiste arranjar esse dinheiro todo?

— Não se preocupe, não é roubado. Vendi um desenho de Tsuguharu Fujita que pertencia à minha família. Recebi uma ninharia por ele, mas não tive outra hipótese. Era uma urgência.

A maneira de falar deste rapaz de ar pouco alegre e cara de roedor indicava que pertencia a uma família respeitável e bem instalada na vida.

— Estou realmente espantado e retiro a pergunta. Mas faço-te outra: o que pretendes fazer com a minha vida depois de a comprares?

— Bom, eu sou um filho com um sentimento de dever filial muito forte.

— Isso é louvável.

— O meu pai morreu há alguns anos e a minha mãe criou-me sozinha, sem qualquer ajuda. Ainda por cima, tem graves problemas de saúde. Sempre tive muita pena dela.

— Queres tu dizer que a tua mãe está doente?

— Exatamente.

— O que pretendes que eu faça?

— Para ir direito ao assunto, quero que dê atenção à minha mãe.

— Dar atenção? Já estou a ver em que sentido… Mas não disseste que estava doente?

— Está, de facto, mas com a sua ajuda vai recuperar depressa.

— Mas se é só isso, porque precisas que eu te venda a minha vida?

— Já lhe vou explicar.

O rapaz pôs de fora a língua, de um vermelho vivo, e lambeu o lábio inferior.

— O que se passa é que, após a morte do meu pai, a minha mãe ficou sexualmente frustrada. A princípio, abstinha-se por minha causa, mas não demorou muito até ser incapaz de resistir.

— Acontece — interrompeu Hanio, já a sentir-se um pouco entediado.

Este imberbe rapaz de escola secundária tinha ilusões demasiado altas acerca da vida. Estava na idade de construir mentalmente dramas estranhos e sórdidos, convencido de que já sabia tudo o que há para saber. Contudo, havia qualquer coisa no rapaz que indicava alguma precocidade. É muito comum nos jovens de hoje. Algo seco e insípido, como uma folha de erva que cresceu demasiado depressa — foi a imagem que ocorreu a Hanio. «Veio comprar a minha vida devido à necessidade desesperada de se afirmar como adulto», pensou Hanio. Estava com uma certa dificuldade em levá-lo a sério.

— E então a minha mãe arranjou um namorado. Só que as coisas não duraram muito. A seguir teve outro, e aconteceu a mesma coisa. Devem ter sido ao todo doze ou treze. Depois de estarem com ela, fugiam a sete pés, brancos como a cal. Mas acontece que há dois ou três meses foi abandonada por um homem por quem estava loucamente apaixonada e, desde então, não sai da cama. Ficou com uma anemia crónica. E sabe porquê?

— Bom… — disse Hanio, sem saber bem o que responder.

Os olhos do rapaz brilhavam, agora que chegara à questão crucial.

— Não consegue adivinhar? A minha mãe é uma pessoa muito especial. Ela é vampira, sabe?

20

O que é que o rapaz queria dizer com aquilo de a mãe ser vampira? Era possível existirem vampiros no mundo atual?

Mas o rapaz não adiantou mais nenhuma explicação. Em vez disso, mostrou-lhe com certa formalidade um recibo impresso e com condições muito claras.

— Pus aqui a importância de duzentos e trinta mil ienes, mas acrescentei uma nota adicional: «Este documento refere-se a um pagamento adiantado. Reembolso em caso de descontentamento por parte do comprador.» Assine aqui, por favor — disse ele.

— Estou um pouco cansado hoje — disse o rapaz, depois de receber o recibo devidamente assinado. — Preciso de dormir. Venho buscá-lo amanhã às oito da noite. Será melhor que jante um pouco mais cedo. Assegure-se de que fica tudo tratado em relação às suas questões pessoais antes de sair. Pode não ter a possibilidade de regressar vivo. E, mesmo que consiga sobreviver, deverá estar ausente à volta de uns dez dias, por isso convém que deixe tudo preparado.

Quando ficou sozinho, Hanio relembrou o nome que figurava na parte superior do recibo que o rapaz lhe pedira que assinasse. Kaoru Inoue. Não sabia bem porquê, mas desta vez teve a sensação de que iria mesmo morrer. Pensou que o melhor era ter uma boa noite de sono.

Na noite seguinte, precisamente às oito horas, bateram à porta. Era Kaoru, que vinha buscá-lo. Tal como na noite anterior, trazia o uniforme da escola. O rapaz pareceu surpreendido com a boa disposição de Hanio. Quando iam a sair do apartamento, Kaoru quis assegurar-se de que Hanio tinha perfeita consciência daquilo em que ia participar.

— Tem a sua vida em tão pouca conta?

— Tenho.

— O que fez ao dinheiro que lhe dei ontem?

— Pu-lo numa gaveta.

— Não o depositou num banco?

— De que serviria? Depois da minha morte, o mais certo é o senhorio ficar com ele… Vai dar ao mesmo. Portanto, podes avaliar a minha vida em duzentos ou trezentos mil ienes, que me é totalmente indiferente. O dinheiro só faz girar o mundo quando se está vivo.

Saíram de casa e foram caminhando.

— Vamos apanhar um táxi.

O rapaz parecia muito bem-disposto quando fez sinal a um. Assim que o condutor recebeu a indicação para se dirigir a Ogikubo, foi a vez de Hanio fazer uma pergunta:

— Pareces muito contente. É por saberes que vou a caminho da morte?

Os olhos surpreendidos do condutor arregalaram-se no espelho retrovisor.

— Claro que não. Estou apenas contente por ser capaz de fazer alguma coisa positiva pela minha mãe.

Hanio ia confirmando que o rapaz via tudo através do prisma do seu mundo fantasioso. Como as duas aventuras anteriores tinham acabado em tragédia, agora sentia-se descontraído por participar numa comédia à partida absurda.

O táxi parou em frente de uma casa imponente, com um portão que o não era menos, resguardada numa sombria rua residencial. Uma vez que o rapaz saiu neste preciso lugar, Hanio supôs que fosse a sua casa, mas ele continuou a andar um pouco mais para a frente. Depois de virar à esquerda e percorrer dois ou três quarteirões, abriu a porta de uma casa muito semelhante à anterior. Olhou para Hanio no meio da escuridão e sorriu suavemente.

Parecia não haver qualquer luz acesa em casa, mas o rapaz foi abrindo portas e mais portas até que Hanio se viu num salão muito bem iluminado. Esse salão com cheiro a mofo que Hanio observava agora à luz de candeeiros colocados no chão estava elegantemente decorado ao estilo clássico e tinha uma lareira verdadeira. Por cima desta, havia um espelho rachado estilo Luís XIV e, por baixo dele,

um relógio antigo dourado, apoiado por anjos dos dois lados. Kaoru deu um único espirro e começou a acender a lareira em silêncio.

— Tu e a tua mãe são as únicas pessoas que vivem nesta casa?

— Claro que sim.

— E como fazes quanto às tuas refeições?

— Essas perguntas domésticas são mesmo aborrecidas. Sou eu que as preparo. E faço também com que a pessoa doente a meu cargo seja alimentada devidamente.

Com a lareira a crepitar bem, o rapaz tirou uma garrafa de conhaque de grande qualidade de um armário de canto. Segurando os copos pelos pés estreitos, aqueceu-os habilmente sobre as chamas e ofereceu um a Hanio.

— E a tua mãe?

— Oh, ainda vai demorar uns trinta minutos. Nós temos um esquema combinado. Sempre que alguém entra pela porta principal, toca uma campainha na mesa de cabeceira. E depois ela ainda demora algum tempo a maquilhar-se e a vestir-se. Por isso, levará no mínimo meia hora a aparecer. Ficou encantada consigo e está mesmo ansiosa por conhecê-lo. O senhor ficou muito bem na fotografia.

— Fotografia? Como é que tens uma fotografia minha? — perguntou Hanio, surpreendido.

— Não reparou? Tirei-lhe ontem à noite.

O rapaz mostrou-lhe uma pequena máquina fotográfica, mais ou menos do tamanho de uma caixa de fósforos, a sair do bolso do uniforme, e riu-se com alguma malícia.

— Bom, por esta confesso que não esperava.

Hanio rodou o conhaque no copo e bebeu um pouco. O seu aroma fê-lo acreditar que talvez o encontro dessa noite pudesse vir a tornar-se mais agradável do que esperava. Kaoru olhou fascinado para este adulto a fazer o que os adultos geralmente fazem — a apreciar calmamente uma bebida depois da refeição —, enquanto mexia nervosamente nos botões do seu uniforme. De repente, pôs-se em pé de um salto.

— Ah, já me esquecia. Ainda tenho de fazer os trabalhos de casa e vou deixar-vos a sós. Seja simpático com a minha mãe, por favor.

Já agora, conheço uma agência funerária que não é nada cara, portanto é uma questão com que não tem de preocupar-se.

— Ei, espera lá! — disse Hanio, mas o rapaz já dali tinha saído que nem um foguete.

Uma vez sozinho, não sabendo o que fazer para matar o tempo, Hanio começou a observar tudo com atenção à sua volta. Por que motivo ficava sempre nesta situação, à espera que alguma coisa acontecesse? Deve ser este o significado da palavra «viver». Quando trabalhava na Tokyo Ad, um emprego de colarinho branco que obrigava a uma rotina diária num escritório com luz a mais e ridiculamente moderno, em que toda a gente usava fatos modernos e nunca sujava as mãos com trabalho a sério, sentia-se mais morto do que agora. Provavelmente, aqueles seus colegas de trabalho, se encontrassem agora Hanio determinado em morrer, a saborear um conhaque e a olhar com alguma esperança para o futuro, apesar de a sua morte ocupar um lugar proeminente nesse mesmo futuro, pensariam que isso era a contradição em estado puro.

Passou os olhos despreocupadamente pelo salão. Um desenho a tinta e caneta de uma caçada à raposa, o retrato de uma mulher de feições pálidas… O seu olhar pousou depois num envelope que se via a espreitar num dos cantos da moldura de um quadro. «Há pessoas que guardam economias secretas em esconderijos deste tipo, mas de certeza que ninguém ia esconder dinheiro num salão assim», pensou ele. A espera já era longa e a curiosidade de Hanio foi mais forte. Cedendo à tentação, dirigiu-se ao quadro e retirou o envelope.

A camada de pó que tinha por cima indicava que estava ali há muito tempo. Talvez alguém o tivesse feito descair sem querer, ao limpar o pó da moldura. É óbvio que ninguém o pusera à vista de propósito para lhe despertar a atenção.

Havia várias páginas manuscritas, do tipo que os alunos usam para escrever as suas composições. Ao examiná-las, o pó sujou-lhe os dedos como se os tivesse passado pelos resíduos que se soltam das asas das traças. Continha alguns versos:

«Poema a uma Vampira», por K.

Cabelos desgrenhados
Desgrenhada em contradição consigo mesma
Um carro enferrujado abandonado à beira-rio na primavera
Um êxtase de erotismo e
sangue
Ranges os dentes instintivamente perante o líquido deslumbrante
A noite está enclausurada
em todas as cápsulas que tomas
quando engolidas como medicamento
um galo lírico começa a cantar
À porta do Hotel Excelsior
(lá dentro no átrio)
um polícia com uma grave inflamação no coração
estende uma carpete vermelha
Normas apetitosas, absolutas, revolucionárias
Que o revolucionário Partido Vampiresco advoga

Estes versos incompreensivelmente absurdos tinham sido escritos com uma caligrafia horrível. Era um poema a que talvez se pudesse chamar surrealista, embora atualmente a tendência para a obscuridade já não esteja na ordem do dia. Quem poderia ter escrito uma coisa daquelas? A caligrafia sugeria que tinha sido um homem, mas certamente ninguém muito sofisticado. Hanio bocejou e ia começar a ler o poema seguinte só para passar o tempo.

Subitamente, a porta abriu-se. Uma mulher elegante e bela entrou na sala. Hanio ficou impressionado com o que se lhe deparou. Ela devia ter à volta de trinta anos e o seu corpo era de

uma elegância extraordinária. Contudo, apesar da beleza que evidenciava, via-se claramente que não estava bem. Vestia um quimono verde brilhante, com uma faixa azul forte.

— O que está a ler? Ah, isso… Sabe quem é o autor?

— Não, não sei… — disse Hanio, esquivando-se a responder.

— Foi o meu filho. Kaoru.

— Ah, o jovem Kaoru.

— Também lhe parece que não demonstra um talento por aí além, não é verdade? Sabe, tive pena de os deitar fora e guardei-os. Mas não tenho grande interesse por poesia ou coisas do género e escondi-os ali. Como os encontrou?

— Vi-os a espreitar ali num canto do quadro…

Hanio apressou-se a pô-los no sítio de onde os tinha tirado.

— Bom, já sabe que sou a mãe do Kaoru. Parece que ele tem boas razões para lhe estar agradecido. Por mim, lamento se lhe causámos algum incómodo.

— De maneira nenhuma.

— Chegue-se para aqui. Não quer sentar-se junto da lareira? Vou buscar-lhe outro conhaque.

Hanio seguiu o seu conselho e sentou-se numa poltrona levemente almofadada, apoiando os cotovelos confortavelmente nos seus braços. As tachas de cobre decorativas no tecido do cadeirão brilhavam à luz das chamas. Sentia-se como um professor a conversar em casa da presidente da Associação de Pais e Professores. A mulher sentou-se à frente dele com um copo de conhaque na mão.

— Obrigada por ter vindo. Espero que me possa ajudar — disse ela, erguendo o copo.

O grande diamante no seu dedo brilhava e parecia ainda maior à luz da chama alaranjada, que tornava ainda mais nítidas as feições do seu rosto. A ondulação das chamas, por outro lado, nele incidindo, criavam a ilusão de um leve movimento, o que não fazia senão realçar a sua beleza.

— Desculpe-me por ir já direita ao assunto, mas Kaoru fez referência a alguma coisa assim um pouco mais fora do comum?

— Bem, sim… não…. quer dizer…

— Mas isso é horrível… Ele é um rapaz esperto, mas tão fantasioso. Eu acho que a escola não ensina nada de útil atualmente.

— Talvez tenha razão.

— De facto, o que lhes *ensinam* agora? Não quero dizer que no passado a educação fosse a ideal. Mas eu gostava que a escola transmitisse aos alunos mais conhecimentos sobre responsabilidade e comportamento social, de modo a aprenderem a lidar com os outros de forma civilizada. Tal como as coisas estão nos dias de hoje, nós pagamos as propinas, mas o que os professores fazem é prepará-los para se tornarem agitadores políticos e sindicalistas.

— Não posso estar mais de acordo.

— E as questões do ambiente? Bom, acontece que o ar está a ficar muito mais seco devido à quantidade enorme de aquecimentos centrais. Tóquio não é particularmente fria e, no entanto, vivemos como se estivéssemos na zona mais setentrional do país.

— Tem razão, sobretudo se pensarmos naqueles edifícios mais altos e modernos. Não há dúvida de que é preferível este tipo de lareira tradicional.

— Ainda bem que lhe agrada — disse ela, sorridente.

«Até as pequenas rugas à volta dos seus olhos eram bonitas», pensou ele.

— Aqui em casa tentamos usar tanto quanto possível fontes naturais de aquecimento. E no verão evitamos o ar condicionado. Ouvi dizer que o processo usado no aquecimento dos edifícios mais altos seca tanto o ar que há quem chegue a tossir sangue. É assustador, não é?

«Ah, finalmente estamos a chegar à questão principal», pensou Hanio. Sentiu um pequeno sobressalto no coração, mas ela logo voltou aos assuntos mais mundanos.

— As pessoas insistem em dizer que a vida na cidade não é saudável. Até certo ponto, têm razão. A civilização esticou demasiado a corda e agora sofremos os efeitos de uma poluição terrível, devido ao excesso de tráfego automóvel. Para agravar a situação, os homens do lixo parecem nem existir.

— Hoje em dia, os homens do lixo são uns preguiçosos que não valem a ponta de um chavo.

— Não posso concordar mais. Devo admitir que tenho à minha frente alguém que me parece muito sensível aos problemas de uma dona de casa. Hoje em dia, os homens são um bocado alheios a todas essas coisas. Não deixa de ser surpreendente, realmente, como só os solteiros parecem ter consciência das dificuldades que existem em organizar uma casa. Os casados não querem saber dessas coisas para nada. Mas diga-me: é solteiro, não é? Tenho a certeza de que sim.

— Sim, sou.

— Dado o seu aspeto jovem, calculo que esteja no auge do seu vigor físico. Posso tratá-lo pelo seu nome?

— Claro que sim.

— Obrigada, Hanio. Já agora, o que acha do escândalo que envolve o divórcio de Kusano Tsuyuko, de que todos os jornais falam? As revistas populares de fim de semana andam em polvorosa com o tema.

— Bom, ela é uma atriz de cinema… o que é que se pode esperar?

O tom de voz com que Hanio respondeu pretendia indicar a sua falta de interesse em mexericos mundanos. Mas ela não entendeu assim.

— De facto… Eu sempre pensei que ela tinha um daqueles casamentos de sonho. Por que motivo terá querido divorciar-se assim, de um momento para o outro? As revistas falam muito da infidelidade do marido, mas tenho a impressão de que não será só isso. Não nos podemos esquecer de que a mulher em causa nasceu e viveu em Quioto, o que equivale a dizer que mantinha um controlo rigoroso sobre o dinheiro que o marido ganhava. Possivelmente, foi demasiado severa em relação ao dinheiro que deixava o marido gastar e este ter-se-á fartado de ser controlado por ela. Na minha opinião, a mulher deve ser simpática e generosa para com o marido. E deve também conceder-lhe toda a liberdade possível. O que lhe parece? Tem alguma opinião sobre o que possa ter acontecido?

— Não faço a mais pequena ideia — respondeu ele bruscamente.

Hanio estava a ficar aborrecido e não muito longe de perder a paciência. Até àquele momento, as poltronas onde estavam sentados, com o fogo da lareira entre elas, pareciam bastante afastadas uma da outra. Só quando ela lhe tocou na mão, como se descesse subitamente de um ponto superior, é que se deu conta de que estavam sentados apenas a poucos centímetros de distância. A mão dela estava fria como o gelo, apesar do calor que emanava das chamas.

— Peço desculpa. A minha conversa está a aborrecê-lo, de certeza. Costuma ir ao cinema?

— Sim, mas geralmente só vejo filmes de ação e crime.

— Ah, pois. Agora os jovens interessam-se mais por carros. As revistas só falam disso hoje em dia… Devo dizer que a condução imprudente nas estradas me enche de terror. Não consigo imaginar nada mais absurdo do que morrer num acidente de automóvel.

— Também acho.

— Espero que o governador de Tóquio resolva os engarrafamentos de trânsito na cidade de uma vez por todas. Uma vez presenciei um acidente de trânsito na A1, que liga Tóquio a Yokohama, em que houve um ferido grave. A ambulância demorou imenso tempo a chegar e toda a gente entrou em pânico. Entretanto, a pessoa continuava a perder muito sangue. Era absolutamente necessário levá-la o mais depressa possível para um hospital e fazer-lhe uma transfusão de sangue. Mas o problema é que o sangue comprado pelos hospitais pode estar contaminado com o vírus da hepatite, pelo que tem sempre de se estar de pé atrás.

— Não há dúvida.

— Já alguma vez doou sangue?

Quando fez a pergunta, Hanio viu as chamas da lareira refletidas nos seus olhos.

21

— Não, realmente não.

— Bom, não acha que isso é negligenciar os seus deveres para com a sociedade? Pense na quantidade de pessoas em todo o mundo que padecem devido à falta de sangue. Como adulto, não sente que devia estar pronto a sacrificar algo da sua vida por alguém que precise?

— Na verdade, o que pretendo mesmo é sacrificar a minha vida. É precisamente por isso que estou aqui hoje! — exclamou Hanio, já bastante impaciente.

— Claro, claro — disse ela, olhando fixamente para Hanio e com um ligeiro sorriso nos lábios. Ao ouvir isto, Hanio sentiu um estremecimento breve e involuntário.

Depois de uns segundos de silêncio, a mulher disse:

— Sendo assim, presumo que passe aqui a noite.

Já era tarde e na casa não se ouvia um único som. Kaoru já devia estar a dormir, com toda a certeza. Ela conduziu-o a um quarto de estilo japonês, situado no segundo andar da parte de trás da casa. Não parecia ser o quarto de uma pessoa doente. O que ali se sentia era frio e cheiro a mofo, não o odor de uma mulher que ali dormisse regularmente.

— Vou ligar os aquecedores.

Acendeu um a um os aquecedores portáteis colocados em três posições diferentes no quarto. O cheiro forte dos vapores do querosene espalhou-se pelo ar. A ideia daqueles aquecedores algo instáveis a caírem ao mesmo tempo, como três torres de fogo, atravessou por momentos a cabeça de Hanio. No chão, via-se um *futon* com três colchões, o que lhe dava uma altura considerável. Quando, apenas com a roupa interior, ela entrou na cama, desequilibrou-se um pouco e Hanio segurou-a.

— Tenho andado tão anémica ultimamente que às vezes sinto vertigens — disse ela, um pouco embaraçada.

A cama tinha por cima uma colcha de seda que, embora de qualidade, estava já um pouco puída. Os colchões tinham sido

pouco arejados, o que incomodou Hanio. Deviam ter sido leves e confortáveis, mas o interior estava tão húmido que pareciam extremamente pesados.

Quando Hanio lhe tirou com delicadeza a roupa interior, ficou admirado ao ver como ela parecia tão jovem. Seria de facto mãe daquele rapaz? Tinha o ar de uma mulher de não mais do que trinta anos, mas talvez isso se devesse à habilidade em se maquilhar. A pele era branca e suave, lisa e fria como porcelana. Não viu rugas nem outros sinais de envelhecimento, mas faltava-lhe a exuberância expressiva da vida. Exalava a fragrância suave de uma vela e, contudo, parecia completamente desligada da essência vital. Há algo que emana do interior de cada ser humano e irradia por todo o corpo, fazendo-o brilhar, mas ela já não o possuía. Se algum brilho havia na sua pele, era o de um cadáver. E os braços, finos e descarnados, eram bem reveladores da sua magreza extrema. No entanto, os seios eram cheios e firmes, e o ventre era suave e branco como um barco carregado de leite gordo.

Hanio ficou extremamente excitado e quis abraçá-la, mas ela, depois de se deixar acariciar meio entorpecida durante algum tempo, contorceu-se com um movimento sinuoso como uma serpente e libertou-se dos seus braços. Quase sem se dar conta, Hanio ficou por baixo dela. Não se sentiu humilhado por ficar nessa posição. Ela deslizara habilmente por baixo do seu corpo como uma cobra sobre uma folha de morangueiro, e agora estava por cima dele, num movimento que executara sem ferir o seu orgulho masculino. Hanio sentiu-se estranhamente atordoado. Detetou um ligeiro odor a álcool e percebeu que estava a ser desinfetado. Aquele objeto na outra mão seria um bisturi? Fechou os olhos intuitivamente. Sentiu o álcool gelado a queimar-lhe o antebraço e logo de seguida uma dor forte e penetrante.

— Começamos pelos braços. Ah, como são robustos!

Falava numa espécie de sussurro. Pouco depois, ele sentiu um tipo de dor diferente quando, fechando os lábios à volta da ferida, ela começou a sugá-la. Houve um longo momento de silêncio, apenas quebrado pelo som delicado da mulher a engolir qualquer

coisa. Hanio compreendeu que se tratava do seu próprio sangue e estremeceu de horror.

— Estava delicioso. Obrigada. Por hoje, é suficiente.

Os lábios da mulher, manchados de sangue, aproximaram-se dos dele à procura de um beijo. As faces recuperavam agora o mesmo brilho de quando estava sentada perto da lareira e tinham a cor de quem exibe a plenitude da vida. E os seus olhos passaram a mostrar a saudável e comum vitalidade das jovens com que nos cruzamos na rua todos os dias…

22

Hanio decidiu passar a viver naquela casa. Ela sugava o seu sangue noite após noite, não sendo de admirar que à medida que lhe abria as veias lhe fossem aparecendo feridas em várias partes do corpo. Quanto mais bebia, mais queria.

Uma noite, surpreendeu-a a examinar, de costas voltadas para ele e com a maior atenção, um mapa do corpo humano. O mapa mostrava desenhos pormenorizados de todas as veias e artérias, marcadas a vermelho e a azul, respetivamente. Aquela visão provocou-lhe um calafrio, embora estivesse consciente desde o início daquilo em que se estava a meter ao ir viver para aquela casa. Para ela, ele não passava de um mero instrumento de investigação, em nada diferente da imagem no mapa. Em geral, contudo, Hanio achava que a vida no seio da família Inoue era bastante agradável.

Manhã cedo, quando os pardais começavam a chilrear e a luz do sol já entrava pelas janelas do quarto, Hanio, ainda sonolento, pressentia que a mulher estava prestes a levantar-se e voltava de novo ao sono. Ela, entretanto, descia para preparar o pequeno-almoço do filho.

Desde que ele vivia ali, a saúde dela melhorara substancialmente. Era difícil acreditar que se tratava da mesma pessoa. Levantava-se sempre cedo e começava logo a trautear a melodia de uma canção. Depois de se despedir do filho, regressava à cama e, quando ouvia os seus passos, Hanio finalmente despertava. A cada dia que passava, o rosto dela ia ficando mais radiante e saudável.

Também Kaoru se sentia agora muito mais bem-disposto. Quando estava sozinho com Hanio falava pelos cotovelos.

— Fiz um negócio fantástico! O Hanio foi a melhor coisa que adquiri em toda a minha vida. Já nem lamento ter abdicado do desenho de Tsuguharu Fujita, embora tivesse o valor sentimental de ser uma recordação do meu pai. A recuperação da minha mãe está a ser excecional: começou a melhorar logo depois da primeira noite em que esteve consigo. Prepara-me o pequeno-almoço todas as

manhãs e até a casa tem um ar mais alegre. A relação entre nós, por outro lado, também melhorou imenso. Eu próprio sinto-me agora muito mais feliz. E tudo graças a si, Hanio. Porém, há uma questão que me está a preocupar. Agora que encontrámos a pessoa certa, o que irá acontecer quando morrer? Eu não conseguiria suportar a sua morte e estou convencido de que a minha mãe, no fundo do seu coração, sente o mesmo… Ela está a ficar apaixonada por si, o que quer dizer que se aproxima o momento da sua morte, Hanio. Mas até esse momento chegar, imploro-lhe que não abandone a minha mãe. Nós os três podemos perfeitamente continuar a viver desta maneira harmoniosa. Sempre desejei fazer parte de uma família feliz.

Hanio ficou surpreendido por as palavras de Kaoru o terem feito sentir-se tão bem e tão orgulhoso de si próprio. Sempre que jantavam ou se instalavam comodamente a ver televisão juntos, Hanio acabava por ceder à ilusão de que esta era, na verdade, a família ideal.

Kaoru era um aluno aplicado. Mesmo enquanto via televisão, tinha sempre o livro de inglês aberto sobre a mesa e, durante os anúncios, ia passando os olhos pelas suas páginas. Quanto à mãe, nem parecia a mesma pessoa, tal a energia que demonstrava. Executava as tarefas domésticas com determinação, preparava deliciosos jantares, tendo sempre o cuidado de incluir fígado, carne e ovos para que Hanio se mantivesse forte. Limpava e punha a brilhar de alto a baixo a velha casa e, à noite, enquanto via televisão, fazia malha, envolvendo no movimento os seus dedos belos e ágeis. O sorriso, que punha ainda mais beleza nas suas faces, dava a entender que era imensamente feliz. E Hanio recuperou o velho hábito de ler as notícias dos jornais, cujas palavras, em tempos, lhe tinham parecido filas de baratas esgueirando-se umas atrás das outras.

De vez em quando saíam juntos. Mas sempre como casal, nunca cada um por si.

Quando o faziam, a mulher prendia o punho direito de Hanio ao seu punho esquerdo com uma corrente de ouro, e apenas a retirava quando regressavam. A corrente era tão pequena que passava

desapercebida às outras pessoas, mas bastava um pequeno puxão para se lhe cravar no pulso e passar o significado da mensagem que ela lhe transmitia.

Hanio começou a sentir que sair de casa lhe exigia um esforço demasiado grande. A verdade é que gostava de ficar por ali a preguiçar, deleitando-se com o ambiente familiar. Por outro lado, o seu corpo estava a ficar cada vez mais fraco com o passar dos dias. Estava quase a perder totalmente a vontade de sair.

Por vezes, sentia tonturas quando dava uma corrida para atravessar a rua, o que o fez perceber que o seu tempo estava a chegar ao fim. Contudo, não era isso que o alarmava. Era mais a sensação de que tudo aquilo lhe estava a causar um incómodo maior do que alguma vez imaginara. Era muito estranho não sentir medo e, ao mesmo tempo, não sentir também qualquer desejo de viver. À medida que os dias iam aquecendo, ele ficava cada vez mais sonolento e apático, e tudo indicava que a sua situação se agravaria quando o calor da estação quente ainda apertasse mais.

Um dia, foram visitar o antigo apartamento de Hanio. Ele pensou que era tempo de pagar a renda.

O porteiro saiu do pequeno gabinete onde se encontrava e perguntou-lhe:

— Onde se meteu? Nem faz ideia de como estava preocupado! Porque desapareceu assim? Está com um aspeto terrível. Sente-se doente?

— Não.

— Bom, felizmente! É que a sua cara parecia a de um cadáver quando aqui entrou agora mesmo.

O porteiro, que era doido por rabos de saia, não tirava os olhos da mulher, assim tão aconchegada a Hanio. Era evidente que gostaria de estar com Hanio a sós para lhe perguntar o que se passava, embora não soubesse que a corrente de ouro impedia que lhe pudesse dizer o que quer que fosse.

— Preciso de ir ao apartamento por uns momentos.

— Esteja à vontade. Afinal de contas, ainda está em seu nome.

— Gostava até de lhe pagar o segundo semestre do ano antecipadamente.

Mal o casal entrou, Hanio deu uma vista de olhos à gaveta que deixara fechada à chave. Os duzentos e trinta mil ienes ainda lá estavam. Afinal, parecia que ainda havia alguma moralidade neste mundo. A mulher ofereceu-se por mais do que uma vez para pagar a renda, mas Hanio recusou, entregando cento e vinte mil ienes ao porteiro, que logo lhe passou um recibo.

— És demasiado consciencioso — disse-lhe ela em voz baixa.

— Não se trata disso — respondeu ele, no mesmo tom de voz. — Estou apenas a distribuir em vida, a determinadas pessoas, coisas que são minhas para que se lembrem de mim. Acontece que não tenho familiares.

Hanio verificou se a parte do cartão que dizia «Vendida» ainda estava no mesmo sítio. Depois, regressou com ela a casa, levando consigo o correio que se tinha acumulado na sua ausência.

Ficou contente por ter alguma coisa para ler. Contudo, quando se dispôs a fazê-lo, sentiu picadas nos olhos e viu clarões brancos em rodopio nas folhas. Ultimamente, quando Hanio se barbeava, ficava alarmado por ver no espelho uma palidez de doença no seu rosto. E naquele momento percebeu que a sua anemia piorara muito, pois nem sequer conseguia distinguir as palavras.

— O que se passa?

— Estou com um pequeno problema. Sinto os olhos enevoados e tenho dificuldade em ler.

— Oh, coitado, sinto muito.

Apesar destas palavras de pena, o seu tom de voz não era triste.

— Queres que eu te leia?

— Não é preciso, obrigado.

Escusado será dizer que nenhuma das cartas que recebera era importante. Uma era de um antigo colega de escola. E havia também várias de pessoas que não conhecia, tal como esta:

> «Não sei, caro senhor, quem seja, mas vi o seu anúncio com o título “Vendo a Minha Vida” e pensei que o facto de estar a brincar com coisas sérias tinha de merecer uma

resposta. E não resisti a escrever-lhe para dizer o que acho sobre a questão que está na base do seu anúncio.

Conhece o pensamento de Confúcio quando diz que o nosso corpo é uma dádiva que nos foi oferecida e que o devemos proteger em sinal de gratidão? Não, não deve conhecer. Alguém que põe um anúncio destes no jornal não pode ser bem-formado.

O que pretende ao desconsiderar a própria vida? Houve um breve tempo antes da guerra em que nós, cidadãos japoneses honrados, achámos que devíamos sacrificar a nossa vida pela pátria. De nós se dizia que éramos o "tesouro da nação". A única ilação a tirar em relação a si é de que deseja converter a sua vida num objeto que lhe garanta um lucro obsceno, apenas porque no mundo em que vivemos o dinheiro é o centro de tudo.

Pessoalmente, indigna-me um mundo como este, baseado na lógica do dinheiro, mas é precisamente devido a pessoas desprezíveis como o senhor que a gente da economia e das finanças nos domina. Digo-lhe sem rodeios: este anúncio é repugnante. Representa a pior depravação moral…»

A carta continuava neste tom por mais umas oito páginas. Hanio podia imaginar a pessoa que a tinha escrito como sendo um desempregado de meia-idade, de rosto avermelhado e muito tempo ao seu dispor. Conseguiu rasgá-la e deitá-la fora com algum esforço. Já tinha pouca força nas extremidades dos dedos.

Uma outra carta era de uma mulher e continha inúmeros erros:

«Deves ser um tipo memo fixe. Se sais da toca e pões a vida assim à venda é porque já resolves-te tudo há cerca do que vais fazer pró futuro. Eu também vou vender a minha. Porisso, porque é que a gente não vamos pá cama na maior como se já se conhece-se tipo íntimos? Na manhã seguinte, a gente íamos por aí à desfilada descobrir a vida. Deixa-me

atissarte o desejo enquanto me perssegues no meio das roseiras em flor. Queres casar comigo?»

Algumas das outras cartas continham pedidos semelhantes.

Depois de as ler todas, Hanio sentiu-se tão exausto que teve de pedir à mulher que as rasgasse. Ao contrário dos seus, os dedos dela eram graciosos e fortes, e iam ficando ligeiramente vermelhos nas pontas à medida que as rasgava com facilidade em pedaços pequenos.

Nessa noite, já na cama, ela sussurrou-lhe ao ouvido, num tom invulgarmente sério:

— Amanhã vou mandar o Kaoru para casa de umas pessoas de família.

— Porquê?

— Porque quero ficar sozinha contigo para satisfazermos todos os nossos desejos.

— Mas não é o que fazemos todas as noites?

— Amanhã será especial.

Ela riu-se. E ele sentiu o cheiro do sangue quando o seu hálito morno lhe chegou ao nariz.

— Amanhã à noite, quero ter a certeza absoluta de que o Kaoru não está envolvido de forma nenhuma no que vamos fazer.

— Mas ele não se importa de ficar noutro sítio?

— Claro que não. Ele não é parvo, percebe muito bem o que está em causa.

— Qual é o plano, então?

Ela ficou em silêncio por uns segundos. O seu cabelo, que ultimamente luzia com muito mais brilho, parecia ter aumentado de volume à fraca luz dos candeeiros.

— É horrível dizer o que vou dizer, mas já estou enjoada do sangue das tuas veias. Já não me sabe a nada e não me satisfaz de maneira nenhuma. Por isso, decidi que amanhã à noite é o momento certo para passar para as tuas artérias.

— Isso quer então dizer que a minha hora está a chegar, não é verdade?

— Sim… Tenho andado a pensar qual das artérias será melhor para começar. Estou convencida de que as carótidas proporcionam melhores resultados. Sempre achei que tinhas um pescoço bonito e forte. E assim que te vi apeteceu-me logo fincar os dentes nele. Mas até agora consegui conter-me.

— Bom, é todo teu.

— Obrigada. Fazes-me sentir tão feliz! És mesmo amoroso. Sabes, acho que és o primeiro homem verdadeiramente genuíno que conheci em toda a minha minha vida. É por isso que decidi…

— Decidiste o quê?

— Amanhã à noite, depois de me deliciar com o teu sangue, vou atirar ao chão os aquecedores e deitar fogo à casa.

— E a ti, o que te vai acontecer?

— Não sejas inocente. Vou ser consumida pelas chamas, obviamente.

Hanio fechou os olhos. Nunca tinha passado por um momento assim. Era um verdadeiro encontro de almas gémeas.

As suas pálpebras tremeram. Não estava habituado a isto… Oxalá chegasse depressa o dia de amanhã.

23

— Queres ir dar um último passeio neste mundo? — perguntou a mulher.

Era o dia em que os dois iam morrer. Apesar de ser inverno, estava uma tarde muito agradável. Kaoru já tinha ido para casa de um familiar depois de sair da escola.

— Há um pequeno parque aqui perto — prosseguiu ela. — O nome deriva das planícies de Musashi, e os ulmeiros ficam lindos com os seus ramos sem folhas. Gostava de os voltar a ver uma última vez.

— Não posso ficar em casa?

— Mas eu quero passear contigo e partilhar um último momento juntos. Como se fôssemos um jovem casal apaixonado.

— Está bem, mas não mais do que meia hora, por favor.

A verdade é que, para Hanio, qualquer passeio, por pequeno que fosse, era muito cansativo. Estava tão debilitado que só conseguia levantar-se se tivesse algo a que se agarrar, ficando mesmo assim com tonturas. A última coisa que lhe apetecia era um passeio no parque. Sentia-se de tal forma extenuado que chegara ao ponto de preferir que ela lhe cortasse as artérias o mais depressa possível a continuar naquele estado meio acordado.

— Não gosto nada que as pessoas me vejam assim, pálido e fraco.

— Que disparate. Estás com o aspeto ideal, perfeito mesmo. É impressionante como os homens não percebem como ficam atraentes assim. É tão romântico! A sério! É mesmo como imagino a figura de Chopin.

— Bom, chega dessa conversa. Pelo menos eu não tenho tuberculose.

Enquanto iam conversando desta forma animada, ela calçou umas botas de couro próprias para caminhadas e aproximou-se dele com a corrente de ouro na mão. Hanio escolheu vestir uma camisola de forte cor de alperce para compensar um pouco a palidez. Saiu de casa com a fina corrente de ouro no pulso, como um cão a ser

levado a passear pela dona. Quando chegou à rua, sentiu-se muito melhor. O ar era tão revigorante que, depois de respirar profundamente, todo o seu corpo se agitou num estremecimento. Pensar que era a última vez que ia ver uma paisagem como aquela ao entardecer tornava o momento ainda mais precioso.

«Terá havido algum momento em que amei verdadeiramente a vida?», perguntou Hanio a si mesmo.

Por si só, o facto de ter sido capaz de fazer a pergunta indicava a sua total falta de confiança. Sentiu naquele instante que o amor pela vida tinha voltado a crescer nele, mas talvez isso se devesse ao estado de atordoamento e à fraca condição física em que se encontrava.

A beleza do céu ao entardecer afetou-o de uma maneira bastante profunda. O coração batia de forma irregular e as têmporas latejavam. E viu logo depois à sua frente um conjunto de ulmeiros gigantes, com os seus ramos invernosos e nus formando um rendilhado maravilhoso sobre os telhados do bairro residencial.

— Estás a ver aquelas árvores? São os ulmeiros de que te falava há bocado — disse a mulher. — O parque é famoso por causa deles.

Hanio ia então morrer finalmente naquela noite. E ansiava por isso. O que lhe agradava particularmente era o facto de não ir acontecer por deliberação sua. Na verdade, o suicídio é mais difícil do que as pessoas pensam. Demasiado dramático, para o seu gosto. Por outro lado, para se ser assassinado, tem de haver uma razão. Ora, ele não tinha consciência de ter provocado ódios ou ressentimentos que pudessem levar a que isso acontecesse. Mesmo assim, horrorizava-o a ideia de que alguém pudesse ter interesse nele ao ponto de o querer matar. Pôr a vida à venda foi a solução ideal, pois afastava toda e qualquer responsabilidade da sua parte.

As copas daqueles magníficos ulmeiros envolviam as sombras pálidas do céu no final da tarde de uma maneira extraordinariamente bela. Uma espécie de grande teia espalhada pelo céu. Mas o que significava tudo aquilo? Por que razão a natureza é tão bela, oferecendo-se-nos sem nenhuma finalidade

que a justifique? E porque se preocupam as pessoas com coisas sem importância?

Eram questões que pertenciam já ao passado. A ideia de que a sua vida estava prestes a terminar purificava-lhe o coração, tal como uma pastilha de mentol nos refresca a boca.

Passaram por um quiosque que vendia tabaco à entrada do parque, em frente do qual havia um marco de correio. Uma senhora de idade atendia os clientes.

Foram as últimas coisas que a memória de Hanio reteve.

De repente, um forte redemoinho apoderou-se da parte anterior da cabeça. Sentiu vertigens e quase desfaleceu. Lembra-se apenas de alguém a tentar segurá-lo com as duas mãos, mas depois perdeu os sentidos.

24

Quando recuperou, viu-se numa cama de hospital. Já era noite e uma enfermeira de formas generosas lia sob a luz fraca de um candeeiro uma revista aberta ao meio.

— O que me aconteceu? — perguntou Hanio. Apesar de um zumbido intenso nos ouvidos, conseguiu perceber as palavras dela.

— Ah, já recuperou a consciência. Esteja descansado. Não é caso para preocupação.

— Mas o que é que aconteceu? Lembro-me de que fiquei inconsciente junto ao quiosque do tabaco…

— Teve uma isquemia cerebral repentina. Desmaiou. A empregada do quiosque ligou para a emergência médica e uma ambulância trouxe-o depois para aqui.

— Outra vez uma ambulância? — disse Hanio, desalentado. — E então?

— Então o quê?

— Qual foi o diagnóstico?

— Foi-lhe detetada uma carência grave de glóbulos vermelhos. O médico ficou muito admirado. Na sua análise, o sangue tinha um tom amarelado e parecia ser constituído na maior parte por água. Nem conseguiu perceber como tinha sido possível dar mais do que um passo, no estado em que se encontrava. De acordo com os dados ao seu dispor, concluiu que o senhor deve ser um daqueles homens que ganham a vida a doar sangue, mas que desta vez terá levado as coisas longe de mais. Por outro lado, a verdade é que não parece ser uma pessoa desse tipo. E, além disso, estava acompanhado pela sua bonita esposa.

— E para onde é que foi essa mulher?

— O que quer dizer com isso? Não são casados?

— Onde é que ela está?

— Foi para casa. Quando o médico lhe disse o que se passava consigo, achou que o deixava em boas mãos. Vai ficar restabelecido se ficar aqui cerca de um mês a fortalecer o sangue com medicação

adequada e nutrientes. Ela disse que tinha coisas para fazer em casa. Foi há coisa de umas três horas.

— E eu estive inconsciente este tempo todo?

— Não, isso é que seria motivo para nos preocuparmos. O médico acrescentou um sedativo às injeções de soro e alguns nutrientes. No fundo, o mais importante é o repouso. Repouso absoluto. Não deve exercer qualquer atividade e tem de evitar enervar-se.

— Mas ela…

— Pareceu-me uma mulher muito carinhosa, sabe. E tinha um aspeto magnífico e saudável. Até parecia que tinha sugado de si toda a energia!

Hanio ficou sem palavras.

— Antes de sair, entregou um cheque como pagamento adiantado para um mês de internamento. Foi muito simpática. Até me deu uma gratificação generosa… Por isso é que sei que o senhor não é dador de sangue profissional.

Hanio permaneceu em silêncio, de olhos fechados. De repente, ocorreu-lhe algo que o fez saltar da cama com um grito.

— O que se passa? Não faça movimentos bruscos, por favor.

— Lembrei-me de uma coisa terrível. É urgente. Telefone-lhe. Imediatamente, por favor.

Hanio deu à enfermeira o número de telefone da família Inoue. Depois de insistir com ele mais uma vez para voltar a deitar-se, ligou para esse número do telefone em cima da mesa de cabeceira. Hanio, com o coração acelerado, esperava ansiosamente.

— Ninguém atende.

— Mas está a chamar?

— Sim.

No momento em que a enfermeira pousou o auscultador, ouviu à distância a sirene de um carro de bombeiros a apitar.

— Oh, que maçada, deve haver um incêndio em qualquer lado. Já não chove há séculos, por isso não admira que estas coisas aconteçam.

Hanio ouvia em silêncio, enquanto a sirene se ia aproximando. Outra sirene começou a tocar num outro sítio e os dois sons

entrelaçaram-se.

— Onde estamos? — perguntou Hanio, sem conseguir conter-se.

— Hein?

— Em que localidade fica este hospital?

— Em Ogikubo. O hospital foi construído na parte mais alta da cidade e é conhecido pelas bonitas paisagens que se podem ver daqui. Mesmo que os doentes tenham de ficar algum tempo, não se queixam. É como se estivessem num hotel. E este quarto é um dos melhores.

— Consegue ver daqui o bairro onde ela vive?

— Talvez, deixe ver… Deve ser do lado de lá do parque.

— Sim, é isso. Olhe pela janela, por favor, e diga-me se se vê algum incêndio nessa zona.

O som da sirene dos bombeiros era cada vez mais estridente. Depois de insistir mais uma vez na necessidade de ele manter a calma, a enfermeira dirigiu-se à janela. Abriu-a ligeiramente e espreitou.

— Ah, sim, vê-se bem daqui — exclamou ela. — E é mesmo naquela zona.

Para lá da curva do braço dela, Hanio avistou um céu tão vermelho a refletir-se na bata branca da enfermeira que parecia tê-la tornado carmesim. Num estado de grande agitação tentou levantar-se, mas as vertigens foram mais fortes do que ele e perdeu a consciência.

25

Apesar das perguntas insistentes que fez, Hanio não conseguiu obter mais nenhuma informação sobre o incêndio.

Um polícia à paisana, ou melhor, um detetive, dado que se vestia como todos os detetives se vestem, foi vê-lo e fez-lhe um breve interrogatório na presença do médico. Hanio não teve outra opção senão dizer a verdade sobre o seu relacionamento com aquela mulher.

— Qual era a sua relação com a falecida? — perguntou o detetive com um hálito tão nauseabundo que chegou até à cama.

— Éramos amigos.

— Enquanto passeava com ela, o senhor desmaiou e trouxeram-no para aqui, certo?

— Exatamente, mas o que tem isso a ver com…

Antes que o médico pudesse fazer-lhe sinal para parar, já o detetive começara a informá-lo de todos os factos da situação.

— A senhora Inoue morreu carbonizada no incêndio que ocorreu em sua casa ontem à noite. Ela tinha uma reputação duvidosa, mas estava sozinha naquele momento. Sendo a única vítima mortal, há questões que têm de ser muito bem analisadas. O seu único filho está em casa de pessoas de família, mas foi muito triste vê-lo agarrado ao cadáver da mãe a chorar. Parece ser um aluno brilhante… De qualquer modo, o senhor tem um álibi perfeito e sobre si não recaem suspeitas. Gostaria apenas de lhe fazer algumas perguntas.

Hanio, que nunca lamentara a morte de ninguém, ficou surpreendido consigo próprio por estar a chorar, enquanto ia ouvindo o que lhe era dito. Qual era a origem daquelas lágrimas?

— Apenas posso dizer que a amava — disse ele, com emoção.

— Não estamos aqui para pôr em causa o que ela lhe terá deixado em testamento ou qualquer coisa desse tipo.

— Não seja grosseiro, peço-lhe.

O médico sussurrou qualquer coisa ao ouvido do detetive.

— Bem, estimo as suas melhoras — disse o detetive, ao despedir-se para regressar à esquadra.

O médico, já de certa idade, olhando para Hanio deitado na cama, disse-lhe com um tom de voz tranquilizador:

— Estas coisas são sempre muito complicadas, mas o melhor para si é tentar ficar calmo e recuperar bem. A conta do hospital foi paga de antemão e suponho que ainda reste algum dinheiro. Tenho a certeza de que o último desejo da senhora foi que descansasse para poder recuperar a saúde o mais depressa possível. Sendo ainda um homem novo, vai ver que ultrapassa tudo isto sem que este lamentável acidente lhe cause danos irreparáveis. A própria medicação depende muito do estado de espírito das pessoas. Com umas resulta, com outras não… A melhor maneira de honrar a sua memória será recomeçar uma nova vida e com um pensamento positivo. Bom, agora vou dar-lhe um sedativo.

Hanio sentiu uma certa simpatia por este homem, cuja silhueta lhe fazia lembrar um veado, velho e esquálido. Assemelhava-se mais a um padre do que a um médico. As suas palavras de encorajamento não diferiam muito das que alguém lhe dirigira numa outra ocasião. Referiam-se a coisas diferentes, mas alguém usara quase as mesmas frases quando saiu dos Cuidados Intensivos, depois de ter sido internado com uma *overdose*. Eram palavras que pretendiam dar-lhe força para se dedicar com empenho às suas atividades diárias e a viver a vida o melhor possível. Mas saber se estava ou não interessado em seguir tais conselhos era uma questão completamente diferente.

26

Apesar das naturais preocupações, Hanio era suficientemente jovem para que a sua recuperação se viesse a processar de maneira relativamente rápida. Era evidente que não ia ser necessário ficar um mês inteiro no hospital, como lhe tinham dito. Segundo o médico, dentro de duas semanas devia ter alta.

Um dia, Hanio recebeu a visita de Kaoru. Estava um pouco relutante em enfrentá-lo, receoso de que o pudesse recriminar pelo que acontecera. Mas Kaoru parecia muito descontraído e à vontade, e falou abertamente, apesar da presença da enfermeira.

— Hanio, vim aqui para lhe dizer como estou agradecido pelo que fez. Sei que estão a ser feitas investigações quanto à morte da minha mãe para se saber se foi suicídio, fogo posto ou se o incêndio deflagrou por acidente. Mas seja qual for o resultado, a minha mãe está morta. Não há nada que possamos fazer em relação a isso. Tenho pensado muito sobre o que se passou e cheguei à conclusão de que ela já não suportava a vida. Por isso, creio que é bom preservar as memórias felizes de quando vivíamos os três juntos. Pelo menos consigo vivo, podemos partilhar essas memórias de vez em quando. E acima de tudo, graças a si, acho que a minha mãe morreu depois de sentir a felicidade verdadeira pela primeira vez na vida. Tenho de lhe estar muito grato.

Enquanto o jovem proferia estas palavras, como se de um adulto se tratasse, grossas lágrimas caíam-lhe sobre os joelhos das calças do uniforme.

— Vem visitar-me sempre que te apetecer. E fica à vontade para falares seja do que for — disse-lhe Hanio.

— Obrigado.

— Já agora, gostava de pedir-te um favor. Por sorte, a chave do meu apartamento não se perdeu. Tinha-a no porta-chaves que costumo trazer no bolso das calças e, por isso, não foi apanhada pelo fogo. Não quero incomodar-te, mas achas que podias levar a chave e dar uma saltada ao meu apartamento para ver se está tudo bem?

— Oh, não me diga que vai começar tudo de novo — disse o rapaz, dando um passo atrás. — Por favor, não faça isso! Ainda não aprendeu a lição?

— Não te preocupes. Vai lá e dá uma olhadela. Calculo que deve haver uma pilha de correio atrás da porta. Só te peço que o apanhes e mo tragas.

O rapaz prometeu fazer isso e foi-se embora. Logo a seguir, apareceu a enfermeira, que começou a tentar saber coisas de Hanio.

— Então em que é que trabalha?

— Não penso que isso seja da sua conta.

— Pergunto só por curiosidade.

— Sou acompanhante masculino. Mas suponho que já sabia isso, não?

— A sério? Bom, mas para mim deve ser demasiado caro.

— Ofereço serviço gratuito a mulheres jovens.

— Não me diga!

A enfermeira subiu a saia branca até mostrar as ligas das meias igualmente brancas e, acima delas, as coxas robustas e bronzeadas de um modo que só os ares do campo dão.

— Uau! Era a isto que se referiam quando falavam das vistas magníficas deste hospital?

— Talvez. Então, já recuperou a sua energia?

Como resposta, Hanio segurou-a pelos braços e puxou-a para a cama.

Passou algum tempo até Kaoru voltar ao hospital para o ver. Hanio estava já a ficar preocupado, mas um dia, logo a seguir ao jantar, o rapaz voltou.

— Foi terrível — disse ele, ao mesmo tempo que lançava o correio para cima da cama.

— O que aconteceu? A enfermeira já se foi embora e não vai aparecer por aqui mais ninguém. Está descansado, podes falar à vontade.

O rapaz estava sem fôlego.

— Abri a porta da casa e andava por ali a olhar quando dois homens entraram de repente.

— Japoneses?

— Sim, mas qual a importância disso?

— Pensei que podiam ser estrangeiros. E depois?

— Um deles agarrou-me por trás e perguntou-me se tinha sido eu a pôr o anúncio no jornal. Fiquei quase sem respirar. O outro disse que era impossível ser eu, pois não passava de uma criança. O primeiro homem lamentou-se por andarem há vários dias à procura dessa pessoa e agora, quando julgavam que a tinham encontrado, aparecia-lhes uma criança. Ao ouvir isto, o outro homem sugeriu que talvez eu andasse a fazer-lhe recados, o que queria dizer que devia saber do seu paradeiro. Tinha uma voz assustadora. Fingi ir dizer-lhes o que queriam saber, mas aproveitei uma oportunidade, peguei no correio e fugi para aqui a sete pés…

De repente, o rapaz parou de falar e ficou de boca aberta, aterrorizado. Sem eles darem por isso, alguém abrira vagarosamente a porta do quarto.

27

Dois homens entraram intempestivamente no quarto.

— O que desejam? — perguntou Hanio, muito calmo.

Descrevê-lo, num contexto destes, como «calmo», pode deixar no ar a ideia de que havia nele alguma coisa de heroico. Mas não. Acontecia apenas que se sentia perfeitamente tranquilo face à possibilidade de aqueles homens o mandarem para o outro mundo sem mais nem menos. Lá no fundo do seu pensamento existia o desejo de seguir o destino da bela vampira, mas com a consciência plena de que esse desejo punha em causa a sua anterior atitude frívola, embora pragmática, em relação à morte. Mas que importância tinha isso agora? Quem quer saber das questões pessoais de alguém que está para morrer?

Um dos homens, em pé junto à porta, vigiava o quarto, enquanto o outro, ao lado da cama, olhava fixamente para Hanio.

O jovem Kaoru, encostado à parede do outro lado da cama, agachou-se, dando a sensação de que Hanio o estava a proteger com o seu corpo.

Os homens tinham à volta de trinta anos, sendo um talvez ligeiramente mais velho do que o outro. O seu comportamento não era suficientemente excêntrico para que pudessem ser considerados membros de qualquer organização criminosa. O ar duro e a aparência robusta indicavam que podiam ter sido militares ou polícias. «São de certeza ágeis e rápidos», pensou Hanio, «mas a maneira de vestir deixa muito a desejar.» Esteve mesmo tentado a dizer a um deles que não fica bem uma gravata cor de rato, ainda por cima já muito usada, com um fato cinzento.

— Bom, o melhor é começar.

O mais velho dos dois homens, que parecia ser quem mandava, não tirava os olhos de Hanio enquanto falava com o colega. Este segundo homem, que estivera junto à porta, aproximou-se da cama. Ao fazê-lo, Hanio reparou que o primeiro tinha uma pistola preta nas mãos, com o cano apontado na sua direção.

— Não te mexas e mantém a boca fechada, ouviste? E tu, miúdo, se te pões aos berros ou tentas fugir, vais ver como elas te mordem.

«Um guião bastante previsível», pensou Hanio. Mas, para sua grande surpresa, o homem que se aproximara dele sentou-se na beira da cama, agarrou-lhe o pulso do braço esquerdo e começou a medir a pulsação com toda a atenção.

Passaram-se trinta segundos em completo silêncio.

— Então? — perguntou o primeiro homem.

— Trinta e oito em trinta — respondeu o colega. — Dá um ritmo cardíaco de setenta e seis.

— Não é muito alto. É até bastante normal, não é?

— Um ritmo normal é ligeiramente mais baixo. Mas há quem chegue a ter cinquenta.

— Ora, vamos lá ver…

O primeiro homem encostou o cano frio da pistola ao pijama de Hanio, exatamente na zona do coração.

— Ouve bem. Daqui a três minutos vou puxar o gatilho. Se te mexeres ou fizeres algum ruído antes disso, disparo imediatamente. Caso contrário, terás pelo menos três minutos de vida.

Kaoru começou a choramingar.

— Para com isso! — rosnou o homem entre dentes.

Kaoru deixou-se cair no chão, chorando quase em silêncio.

O primeiro homem fez sinal ao outro com os olhos para que medisse a pulsação de Hanio novamente. O silêncio fluiu de novo, como a corrente de um rio negro.

— Quantas tem agora?

— É estranho. Desceram. Agora tem sessenta e oito.

— Impossível. Mede mais uma vez.

— Está bem.

Hanio sentia-se como se estivesse a ser submetido a um exame geral ao coração e a pouco e pouco começou a ficar descontraído e a achar a situação divertida. Não sabia explicar porquê, mas estava a passar-se qualquer coisa de cómico. E, muito francamente, não estava nada inclinado em dar-se ao trabalho de desencadear uma altercação.

— E agora?

— Ainda sessenta e oito.

— Bom, este tem nervos de aço. Estou espantado. É a primeira vez que vejo uma coisa assim. Valeu a pena o esforço que fizemos para o apanharmos.

O homem enfiou a pistola no casaco e dirigiu-se a Hanio num tom agora muito mais gentil.

— Por favor, fique à vontade. Isto foi apenas um pequeno teste em que passou com distinção. Foi, de facto, admirável. Nervos de aço, volto a dizer. Um resultado magnífico.

O homem deu uns passos atrás para puxar uma cadeira e sentou-se ao lado da cama, com um ar bastante amigável. Com a inesperada alteração das circunstâncias, Kaoru parou de chorar e saiu de onde estava, junto à cama.

— Importam-se de me dizer quem diabo são? — perguntou Hanio.

Reparou que o terceiro botão do pijama estava desapertado. Ao apertá-lo, sentiu qualquer coisa picar-lhe os dedos. Retirou-a e observou o objeto. Era um gancho de cabelo de um azul brilhante. A enfermeira deve tê-lo deixado cair.

— Ah, vejo que temos aqui um galã! — exclamou o primeiro homem, sorrindo e acendendo um cigarro.

— Será que não me podem mesmo dizer quem são? — insistiu Hanio, já um pouco exaltado.

— Podemos vir a ser seus clientes. Queremos comprar o que tem para vender.

— O quê?!

— Vá, reconheça que não é simpático dirigir-se em tom agressivo a quem vem tratar de negócios. Não se esqueça de que só lhe batemos à porta porque estamos interessados em comprar uma coisa que foi posta à venda. Não vejo o que isso possa ter de estranho.

28

— Não podia ter pensado numa maneira menos elaborada de me contratar?

Hanio estava exasperado, chegando mesmo a atrapalhar-se ao acender um cigarro. O primeiro homem tirou a pistola, puxou o gatilho e do cano surgiu uma chama, que ele lhe pôs por baixo do nariz.

— Então quer dizer que tudo não passou de uma brincadeira estúpida.

— Bom, a verdade é que usamos os mais variados processos para pôr alguém à prova — respondeu o homem com uma expressão afável, dando a entender que, no fundo, talvez fosse boa pessoa.

— Espero que nos perdoes, miúdo — disse ele a Kaoru. — Desculpa termos apertado contigo há bocado no apartamento. A verdade é que tivemos de ir até ao limite para encontrar este senhor com a maior rapidez possível. Não tínhamos outra opção, até porque sabíamos que Hanio estava-se nas tintas para a sua vida.

— O que quer dizer isso de «estar-se nas tintas»? — perguntou Kaoru, um pouco a medo.

— Estar-se nas tintas significa «estar-se nas tintas». Nunca ouviste esta expressão? Francamente! Ah, os estudantes de agora! Não me admira que as pessoas estejam sempre a criticar a educação no Japão… Vá, miúdo, são horas de ires para casa. O teu amigo Hanio está em segurança. Não há nada de ilegal que pretendamos fazer. E não digas nada à polícia quando te fores embora. Se tentares qualquer coisa desse tipo, sou pessoa para trocar esta pistola de brincar por uma verdadeira. Aposto que não ias gostar de ir para a escola com a barriga cheia de buracos.

— Se enchesse a minha barriga de buracos, encaixava neles umas lentes para que as pessoas pudessem dar uma espreitadela lá para dentro por dez ienes cada uma. Seria uma boa maneira de ganhar uns trocos.

— Vá lá, deixa-te de piadas e põe-te a caminho.

— Adeus — murmurou Kaoru, olhando para Hanio com alguma ansiedade no olhar.

— Eu fico bem, não te preocupes. Se bem te lembras, foste também muito persistente quando foste à minha casa da primeira vez. Em breve, entrarei em contacto contigo, por isso fica descansado e vai para casa.

— Está bem — respondeu Kaoru. E passados uns momentos já a sua silhueta transpusera a ombreira da porta.

— Pelo que disse, depreendo que o rapaz também foi seu cliente.

— Na verdade, quem comprou a minha vida foi a mãe dele.

— Uau! — exclamou o primeiro homem, notoriamente impressionado. O seu companheiro puxou de uma cadeira, finalmente seguro de que já podia sentar-se a descansar.

— Bom, se me vai falar de alguma coisa importante que não queria que o rapaz ouvisse, podemos tratar do assunto, enquanto bebemos um copo. O meu médico disse-me que o álcool me fazia bem. Sou um doente privilegiado, não lhe parece?

Hanio tirou uma garrafa de uísque e copos que tinha debaixo da cama. Limpou-os apressadamente do pó com o lençol e estendeu um a cada homem. Ficaram num silêncio compenetrado, enquanto ouviam o borbulhar do uísque a cair nos copos. Ergueram-nos e brindaram com alguma deferência.

— Falemos então agora de negócios — disse o primeiro homem. — Terá uma recompensa de dois milhões no caso de ser bem-sucedido. Se falhar, fica apenas com um adiantamento de duzentos mil. O que lhe parece?

— O senhor fala de uma recompensa se eu for bem-sucedido, mas ser bem-sucedido significa que perderei a vida. Ora, isso equivale a dizer que só me pagará duzentos mil.

— Não extraia conclusões precipitadas. Se este trabalho correr bem, não terá de pagá-lo com a sua vida. E receberá os dois milhões.

— Ponha-me lá então a par de tudo, se não se importa.

Hanio sentou-se na cama de pernas cruzadas, bebendo o seu uísque e muito atento à história que tinham para lhe contar.

29

— Por onde hei de começar?

Quando o primeiro homem começou a falar, Hanio reparou que as rugas à volta dos seus olhos não eram apenas sinal de agruras, mas também de um coração de ouro.

— Antes do mais, importa dizer que não podemos divulgar os nossos nomes nem aquilo a que nos dedicamos. Dada a natureza do que lhe vamos pedir para fazer, certamente compreenderá. Como é fácil ver, somos japoneses. Contudo, o que lhe vamos contar não tem qualquer relação com o Japão. Diz respeito a embaixadas de dois países estrangeiros, de resto bastante diferentes. Chamemos-lhes País A e País B.

«Ora bem, a mulher do embaixador do País A, que é muito bonita e conhecida, organizou uma festa na embaixada, para a qual ela e o marido convidaram embaixadores de diversos países. Este acontecimento é tão comum numa embaixada como eu e o senhor convidarmos alguns amigos para jogarem *mahjong* connosco. Nessa noite, a mulher do embaixador recebeu os convidados usando um vestido de cauda verde-esmeralda. Fazia-o, porque estava presente um príncipe da família imperial, obrigando assim a que houvesse alguma formalidade no vestir. Digo-lhe, já agora, que não estou autorizado a revelar a natureza da nossa relação com a festa, que decorreu nessa embaixada. Mas prosseguindo: como mandam as regras do bom gosto, um vestido verde-esmeralda, com bordados da mesma cor, requer joias a condizer. A mulher do embaixador do País A exibia um colar de extraordinária beleza, uma peça maravilhosa, constituída por trinta e cinco magníficas esmeraldas intercaladas por pequenos diamantes. O baile começou, as luzes do salão de banquete diminuíram de intensidade e os convidados foram-se deixando arrastar ao sabor do ambiente e das danças. Mas, quando a festa chegou ao fim, a mulher do embaixador deu-se conta, subitamente, de que o colar tinha desaparecido. Manteve a serenidade e quase nenhum dos convidados percebeu o que se passava. Aqueles que repararam

assumiram simplesmente que ela o teria retirado em qualquer momento.

«Metade dos convidados já tinha saído antes de o baile terminar, pelo que o ambiente no salão era mais sossegado quando a festa chegou ao fim. A mulher, embora pálida devido ao choque, arranjou coragem para se despedir de todas as pessoas com um sorriso. Depois de o último convidado ter saído, caiu nos braços do marido a soluçar.

«— Ah, isto é horrível! Horrível! Roubaram-me o colar de esmeraldas — disse ela.

«O colar custara uma fortuna, não era um roubo sem importância. Mas, como dizia agora ao marido, não podia fazer uma cena embaraçosa no meio de uma festa para a qual convidara todas aquelas pessoas ilustres.

«Face ao que ouvia, o embaixador ficou lívido. Não era possível considerá-lo uma pessoa agarrada ao dinheiro. Na verdade, dizia-se que possuía até uma fortuna considerável na sua terra e que apenas aceitara ser embaixador por mero passatempo. Não havia motivo aparente para ficar assim tão transtornado por causa de um colar. O problema, porém, é que a sua mulher desconhecia que o colar era importante por outras razões. Bom, antes de continuar a história, talvez seja boa ideia falar-lhe um pouco desta pedra preciosa, que dá pelo nome de esmeralda. A maioria das joias são avaliadas de acordo com a perfeição da sua superfície. A esmeralda é uma exceção. É sempre naturalmente imperfeita — tem aquilo a que se chamam inclusões. Estas inclusões fazem parte do encanto natural das esmeraldas: o efeito que provocam é muitas vezes semelhante ao que vemos quando olhamos para um mar completamente verde. Existe mesmo uma escala de ordem estética para avaliar as pedras em função das diferentes disposições das fissuras. Pode dizer-se que as esmeraldas, ao contrário dos diamantes, possuem alguma coisa de sensual. Se considerarmos que são estas fissuras interiores e mais densas que atribuem a essa maravilhosa pedra verde a sua força vital, não podiam deixar de conferir-lhe certo mistério orgânico.

«Acontece que o embaixador, quando ofereceu o colar à mulher, mandou colocar uma esmeralda falsa no meio das verdadeiras. Essa pedra estava admiravelmente trabalhada, tão perfeita em termos de inclusões e cor que era impossível distingui-la das outras trinta e quatro. As imperfeições introduzidas na pedra falsa, contudo, tinham sido concebidas de forma a criar um código que permitia ao embaixador ler os telegramas confidenciais que o seu país, o País A, lhe enviava. Esta esmeralda especial atuava como prisma. A luz atravessava o labirinto das fissuras mais densas e era refratada na superfície do telegrama, de modo a permitir a leitura do que estava escrito.

«O embaixador já se tinha apercebido de que alguém intercetava os telegramas que o seu país lhe mandava, tendo a ideia, por isso, de introduzir uma chave de encriptação nessa esmeralda. Combinou com a mulher ser ele a guardar o colar num cofre, e sempre que precisasse dele para alguma festa ou outro acontecimento do género ele ia buscá-lo. Ela, obviamente, desconhecia o segredo do cofre.

«Notando como ele tinha ficado pálido, disse:

«— Quem poderia ter sido? Imagina só, roubar uma coisa assim tão descaradamente, mesmo debaixo do meu nariz. E pensar que os nossos convidados de hoje eram embaixadores e senhoras e cavalheiros dos mais ilustres do Japão!

«— Em que momento achas que isso aconteceu? — perguntou o embaixador com um ligeiro tremor na voz.

«— Durante o baile. Não pode ter sido noutra ocasião.

«— Com quem dançaste? Com quantos homens?

«— Com cinco, talvez seis.

«— Tenta lembrar-te de todos eles.

«— Bem, o primeiro foi o príncipe.

«— Acho que podemos excluir esse. Quem mais?

«— A seguir foi o ministro dos Negócios Estrangeiros do Japão.

«— Também não terá sido ele, com toda a certeza. E depois?

«— O embaixador do País B.

«— Pode muito bem ter sido *esse* — disse o embaixador do País A, mordendo o lábio inferior.

«Estava a travar-se uma dura guerra de espionagem em Tóquio, entre o País A e o País B, sendo, portanto, natural que o embaixador do País B aparecesse como o suspeito óbvio. As pessoas tinham bebido muito, a sala estava cheia de gente e pouco iluminada, e a música estava ao rubro. O embaixador do País B tinha um aspeto anafado, mas, por absurdo contraste, os seus dedos eram de uma grande delicadeza. Teria habilidade suficiente para desapertar o colar à volta do esguio pescoço branco da mulher do embaixador do País A sem ela dar por nada.

«O embaixador e a mulher ficaram acordados toda a noite a falar no assunto, mas não chegaram a uma conclusão sobre transmitirem a informação à polícia. Ao amanhecer, era notória a sua exaustão devida à falta de sono. Foi então que um empregado lhes veio trazer um comum envelope castanho numa bandeja de prata.

«— Estava esta manhã na caixa de correio, Sr. Embaixador.

«Abriram-no e viram no seu interior o colar de esmeraldas. Não é difícil imaginar a alegria sentida pela mulher.

«— É evidente que alguém nos quis pregar uma partida. Um bocado estúpida, mas enfim… Quem quer que tenha sido, deve ter-se sentido depois muito envergonhado. E, realmente, é coisa indigna de um diplomata.

«— Tens a certeza de que é o mesmo colar?

«— Sim, a certeza absoluta.

«Ela ergueu o maravilhoso colar de trinta e cinco esmeraldas para o observar à luz do sol da manhã e abanou-o ligeiramente. O embaixador pegou nele depois e procurou a esmeralda que lhe interessava. Percebeu de imediato. A pedra falsa tinha sido substituída por uma esmeralda verdadeira.

30

— As coisas podiam ter corrido melhor se, logo de início, o embaixador tivesse falado à mulher na esmeralda falsa — prosseguiu o primeiro homem. — Mas o embaixador era um diplomata conservador neste tipo de questões. Apesar de ela ser sua colaboradora preciosa no desempenho de funções oficiais, guardava só para si tudo o que era informação confidencial. Uma vez que o código tinha sido roubado, o embaixador enviou um telegrama para o seu país a pedir que fosse considerada a utilização de um novo sistema de descodificação. Seria a melhor solução em termos de futuro. Contudo, permanecia o problema dos telegramas que entretanto tinham sido enviados. Se fossem intercetados, descodificados e o seu conteúdo tornado público, podiam dar origem a um vasto incidente de âmbito internacional. Como o código era conhecido de quem roubou, não havia dúvida de que essa possibilidade era real. Se a informação fosse divulgada logo após o roubo, já não havia nada a fazer, mas se houvesse demora de um dia ainda se estava a tempo de controlar a situação. E se nada viesse a lume durante dois ou mais dias, mais a esperança aumentava. Podia haver várias razões para não o fazerem, sendo possível que uma delas fosse o receio de represálias. Mas, mesmo nesse caso, jamais se conseguiria a devolução do que foi roubado. E, além disso, o mais provável é que já tivessem sido enviadas várias cópias para o país eventualmente autor do roubo. Mesmo que se conseguisse a devolução da informação encriptada, nada garantia que não houvesse outras cópias.

«O embaixador desesperava. A sua ansiedade ia aumentando a cada dia que passava. Não tinha outro remédio senão ficar a aguardar por um sinal qualquer da parte contrária. Ah, mas não ia desistir, havia uma carta na manga que ainda podia jogar. Se o País A viesse a apoderar-se do código do País B, ou seja, o equivalente à esmeralda do País B, talvez fosse possível chegar a um acordo. O País A há já algum tempo que intercetava telegramas enviados pelo

País B, mas, até ao momento, não conseguira decifrá-los. Nem mais um dia se podia perder. O embaixador decidiu tomar rapidamente a iniciativa e avançou para o roubo do código. Mas punha-se a questão de saber onde se encontrava. Como se sabe, o País B conseguira não só identificar o segredo mais bem guardado do País A, o código no interior da esmeralda, mas também apoderar-se dele mesmo nas suas barbas. Isto só foi possível, como é óbvio, através de um golpe muito bem executado por parte dos serviços secretos do País B, cuja capacidade, de resto, é bem conhecida. Os serviços secretos do País A, por seu lado, em nada ficavam a dever ao seu oponente, e se ainda não tinham obtido os códigos do País B era certamente por não se terem dedicado a fundo à questão. Dada a urgência da situação, o embaixador marcou um prazo de quarenta e oito horas para os seus serviços secretos desencadearem a ação e apresentarem resultados.

«Os espiões do País A já tinham a embaixada do País B debaixo de olho há algum tempo, mas não detetaram nada de especialmente diferente do que se passava nas embaixadas de outros países. Havia apenas uma coisa que a distinguia das outras: o seu embaixador tinha o hábito de ficar a ler até tarde na sua biblioteca. Talvez fosse nesses momentos, considerou a equipa de espiões, que o embaixador do País B descodificava os telegramas que lhe eram enviados. O embaixador era também conhecido por ser consumidor imoderado de cenouras. Na sua secretária havia sempre um copo com uns vinte talos de cenoura a que juntava sal e ia roendo sempre que sentia fome. A espionagem do País A tinha obtido esta informação junto de uma loja de legumes frescos que fornecia à embaixada do País B cenouras da mais alta qualidade. Códigos secretos e cenouras, tudo no mesmo saco! É caso para rir, não há dúvida. Um determinado espião do País A, considerado bastante competente na sua profissão, começou a pensar que talvez a relação entre as duas coisas não fosse assim tão fortuita. Chamemos a este homem, o primeiro a infiltrar-se na embaixada do País B, o Agente X1. Apesar de ter nascido num dos mais pequenos países da Europa, recebera do País A formação extremamente exigente na área da espionagem internacional. Mas era, no fundo,

um apátrida, utilizando, conforme as conveniências, oito identidades diferentes. Antes de dar início à ação para que fora mandatado, o Agente X1 encontrou-se secretamente com o embaixador do País A.

«— Estou certo de que vou conseguir encontrar o código e ainda hoje o virei entregar — disse ele ao embaixador.

«— Qual é o seu plano?

«— Vou deitar mão às cenouras do embaixador do País B — disse ele, pleno de confiança.

«Foi a última vez que o embaixador do País A viu o Agente X1 vivo. Foi encontrado sem vida na embaixada do País B. Os meios de comunicação social deram a notícia de que um ladrão de origem desconhecida tinha assaltado a embaixada, ali acabando por se suicidar com cianeto de potássio. Nada mais se adiantava. Passaram-se vários dias e o embaixador do País A sentiu-se de certa forma aliviado pelo facto de o conteúdo dos telegramas intercetados ainda não ter sido divulgado, embora, obviamente, ainda não fosse caso para ficar completamente descansado em relação a isso. O País B podia muito bem fazê-lo dentro de um mês ou mesmo de um ano, quando achasse que era politicamente mais oportuno.

«O embaixador do País A requisitou um segundo elemento, o Agente X2, para proceder a investigações. Também ele desapareceu em circunstâncias semelhantes. Há rumores de que, tal como o Agente X1, também se encontrou com o embaixador do País A e que, antes de partir para a sua missão, lhe disse: “A chave está nas cenouras.”

«Seguiu-se o Agente X3, que desapareceu da mesma forma. Por fim, não restou outra alternativa ao embaixador do País A senão reconhecer que o assunto tinha tomado proporções demasiado graves. Era evidente que as cenouras tinham um papel importante naquilo tudo. Dizia-se que o fornecimento de cenouras ao embaixador do País B ocorria todas as noites, mas ninguém sabia exatamente porquê. Apesar da escassa informação ao seu dispor, o embaixador do País A pôde concluir que os agentes tinham pegado num único talo de cenoura, morrendo imediatamente mal o puseram na boca, aparentemente com sintomas de envenenamento por

cianeto de potássio. Isto levou a crer que talvez só um ou dois dos cerca de vinte talos de cenoura existentes no copo não continham o veneno, sendo de supor que apenas o embaixador era capaz de os distinguir, de modo a poder pô-los na boca e trincá-los quando lhe apetecesse. Embora fosse perfeitamente evidente que as cenouras continham a pista para descodificar o código de encriptação, não havia maneira de saber quais os talos que não estavam envenenados.

«Devo também acrescentar que os três espiões que morreram representavam uma mais-valia cultural de valor incomensurável, tendo os custos do seu treino ascendido a milhões. Não era possível o embaixador do País A continuar a sacrificar mais nenhum desses peritos em vão.

«Ora, é precisamente aqui que o senhor entra. Queremos que se introduza clandestinamente na embaixada, identifique o talo de cenoura que não está envenenado, lhe dê uma dentada e obtenha assim a chave para decifrar o código. Que lhe parece? Como vê, somos japoneses, mas sentimo-nos gratos por aquilo que o País A fez por nós. E, por isso, queremos comprar a sua vida para podermos saldar a nossa dívida.

— Se as coisas correrem bem, os senhores também virão a ter uma recompensa das grandes, não é verdade? — perguntou Hanio.

— É claro. Com a nossa idade, se não fosse isso, não nos teríamos dado ao trabalho de o perseguir e de atuarmos como se fôssemos malfeitores.

— Estou a ver — disse Hanio, soprando o fumo do cigarro para o teto, com o ar mais descontraído do mundo.

— Então, o que me diz? Tem uma hipótese em vinte. Acha que consegue?

— Bom, há uma coisa que ainda ninguém considerou — disse Hanio, após pensar uns instantes. — Acabou de dizer que a embaixada do País A tem vindo a intercetar, há já algum tempo, os telegramas confidenciais do País B, não é verdade?

— Exatamente.

— Do meu ponto de vista, não servem para nada.

— Porque diz isso? Uma vez descoberto o código…

— Não, devemos concentrar a atenção no papel utilizado nesses telegramas e não no código. A embaixada do País A já conseguiu obter o formulário dos telegramas recebidos pela embaixada do País B?

— Não tenho bem a certeza.

— É preciso saber ao certo. Suponho que teremos de esperar até amanhã para ficarmos na posse dessa informação. E é provável que eu venha a morrer na sequência disso, pelo que gostaria de ter uma boa noite de sono. Portanto, sugiro que regressem às vossas casas e me venham aqui buscar amanhã de manhã.

— E se está a dizer isso para nos escapar? Não, esta noite ficamos aqui.

— Como desejarem. A enfermeira é capaz de entrar em estado de choque quando vier de manhã tirar-me a temperatura, mas acho que lhe posso dizer que são familiares que me vieram visitar e que passaram cá a noite. Talvez familiares um pouco indesejáveis, mas enfim… Estamos então de acordo, não é verdade? Amanhã de manhã um dos senhores tem de ir bem cedo à embaixada do País A e verificar se têm ou não o papel utilizado pelo País B. Até lá, não é possível fazer nada.

Havia um claro tom de confiança na voz de Hanio. Mal parou de falar, deu um grande bocejo. Depois, deixou cair a cabeça na almofada e começou de imediato a ressonar.

— Tem nervos de aço, não há dúvida — disse um dos homens.

Os dois visitantes trocaram olhares em que era nítida a admiração por Hanio.

31

Na manhã do dia seguinte, o tempo estava agradavelmente primaveril, não se vendo uma única nuvem no céu. Hanio conseguira que o médico lhe desse alta temporária e arranjava-se, fazendo a barba tranquilamente em frente ao espelho. O primeiro homem, entretanto, deslocara-se à embaixada. Com o companheiro ausente, o segundo homem tornou-se subitamente conversador. Mostrava evidente admiração por Hanio, mas não dizia senão banalidades e frases feitas.

— Ah, a sua atitude perante a morte é de louvar. Em si juntam-se corpo e alma, como num samurai.

Ao pequeno-almoço, o homem comeu um bolo com creme que pedira à enfermeira para lhe trazer. Hanio ficou fascinado ao ver o homem comê-lo. Parecia uma criança quando lhe deu uma dentada. O creme amarelo, saindo em forma de quarto crescente dos lados da boca, parecia o sol a brilhar dos dois lados da boca.

Pela primeira vez em muito tempo, Hanio reparara em algo relacionado com os seres humanos que o interessava e divertia. Pelo que podia deduzir, os espiões do País A, um dos mais avançados do mundo, não levaram em linha de conta um pormenor essencial e isso revelou-se catastrófico, conduzindo-os inexoravelmente à morte. Faltava saber, claro está, se a sua dedução estava correta. Ao ver-se ao espelho, depois de aplicar a loção de barbear, a sua imagem refletida parecia tão jovem e radiosa que até ele próprio a achou cativante. Tinha o rosto de um jovem hedonista, oriundo de uma família endinheirada e sem qualquer preocupação ou responsabilidade no mundo. Do lado de fora da janela, flores de cerejeira, ainda só meio abertas, balançavam ao sabor da brisa.

O primeiro homem regressou, ofegante.

— Trago grandes notícias. Eles sempre têm o formulário usado nos telegramas. Os espiões do País A, quando querem, conseguem tudo. Ah, já me esquecia. Antes de dar início à sua missão de vida

ou de morte e de se infiltrar clandestinamente na embaixada do País B, tem de comparecer a uma reunião com o embaixador do País A.

— A que horas?

— Entre as dez e as onze, quando lhe der jeito.

— Está bem — respondeu Hanio, olhando para o relógio. — Tenho de ir a um sítio primeiro, por isso devo lá chegar por volta das dez e meia.

— O que quer dizer com isso? Onde tem de ir? A propósito, ainda tem espuma atrás das orelhas.

— Obrigado.

A ingerência dos dois homens no seu quotidiano matinal importunou Hanio sobremaneira. Limpou a zona por trás das orelhas com uma toalha e passou-a também pelo queixo. Apareceram na toalha alguns pontos vermelhos. Tinha-se cortado com a lâmina.

A visão do sangue trouxe-lhe recordações da mulher vampira e emocionou-se ao pensar que nunca mais voltaria a sentir o envolvimento profundo de estar imerso num doce e lânguido banho letal. É possível que ela tenha comprado a sua vida com o intuito de lhe proporcionar uma experiência com aquele grau de intensidade.

— Mas diga lá então onde tem de ir — insistiu o primeiro homem.

— Não vale a pena perguntar. Venha apenas comigo. Tenho de fazer compras, só isso. Preciso de estar preparado antes de ir desta para melhor.

O homem ficou de cara séria, sem saber o que responder. E Hanio divertiu-se com isso.

Quando saiu do hospital, a enfermeira avisou-o:

— Agora não se meta em confusões só porque o deixaram sair. Ainda não está totalmente restabelecido.

— Acho que ontem lhe provei que não posso estar melhor de saúde… — brincou Hanio.

Ao ouvir isto, a enfermeira deu-lhe um beliscão no braço.

Lá fora, sob a luz primaveril, a lembrança da breve dor desse beliscão deu-lhe mais ânimo. Ao descerem a larga rampa que levava ao centro da cidade, os três, exprimindo nos rostos um misto de divertimento e tensão, mais pareciam um grupo de amigos a caminho de uma corrida de cavalos.

— Precisamos de ir a uma frutaria de boa qualidade que só venda legumes frescos — fez Hanio notar aos seus acompanhantes. — Talvez na zona de Aoyama.

Chamaram um táxi para os levar até lá.

Há já muito tempo que Hanio não ia à cidade. Não se via qualquer indício de morte. As pessoas estavam metidas até ao pescoço na sua vida quotidiana. Pareciam caminhar como se fossem picles humanos.

«Neste caso, sou um picle dos mais avinagrados», pensou Hanio.

Mas, mesmo como picle nunca conseguira ser mais do que a azeitona que vem com a taça. A rotina monótona de três refeições ao dia não fazia o seu estilo.

«É o meu destino, não está ao meu alcance mudá-lo», pensou Hanio.

Na frutaria K., Hanio comprou cenouras já descascadas, cortadas em talos e embaladas num saco de plástico transparente, embaciado pelo frio do frigorífico. Os dois homens assistiam a tudo com um ar compenetrado.

— Só vai comprar isto? — perguntou o primeiro homem.

— Só — respondeu Hanio. — Bom, vamos lá então até à embaixada do País A.

Hanio sentiu-se um pouco ferido no orgulho por ter de entrar pela porta de serviço, nas traseiras da magnífica embaixada construída em pedra calcária. Depois atravessaram a cozinha, subiram umas escadas imundas e abriram a porta de um magnífico escritório de estilo eduardiano. Os dois homens que o tinham levado ficaram à entrada, vigilantes. Um cavalheiro de cabelo grisalho e ar distinto estava sentado muito direito a uma secretária imponente.

— Aqui está a pessoa de que lhe falámos.

— Ah, muito bem. Sou o embaixador do País A.

O cavalheiro estendeu educadamente a mão. Hanio, ao apertá-la, sentiu que estava a pegar numa flor seca. Parecia tão suave que ao mínimo toque podia desfazer-se. Apesar disso, ao retirar a mão imaginou que podiam lá ter ficado vários espinhos espetados.

— Aqui está o seu adiantamento — disse então o embaixador.

Em cima da mesa via-se um cheque. O embaixador pegou nele, preencheu rapidamente a quantia, duzentos mil ienes, assinou-o e entregou-o a Hanio antes ainda de a tinta ter secado.

— Bem, Sr. Embaixador, vamos ao que interessa. O formulário em branco que o senhor tem consigo pertence ao País B? — perguntou Hanio.

— Sim, e temos mais alguns exemplares à sua disposição.

— Agradecia-lhe que pedisse a alguém que datilografasse um dos telegramas intercetados do País B, de forma a que o texto fique dentro das margens da página em branco.

— Com certeza.

O embaixador tocou a campainha para chamar uma datilógrafa e entregou-lhe a fotocópia de um dos telegramas intercetados e o impresso do formulário.

— Está aqui uma fotocópia do telegrama. Veja — pediu ele a Hanio.

Mal passou os olhos pelo papel, Hanio pôde ver que continha um conjunto de palavras incompreensíveis. Mesmo com tradução para japonês, continuaria a não fazer sentido.

Enquanto esperavam que a datilógrafa fizesse o seu trabalho, Hanio, o embaixador e os homens que o tinham acompanhado permaneceram sentados em frente uns dos outros em total silêncio. A parede estava decorada com retratos dos grandes políticos do País A e a secretária tinha à volta estantes com edições luxuosas em capa de couro, entre as quais *As Obras Completas de Benjamin Disraeli*. Pairava no ar um odor enjoativamente doce que devia corresponder ao perfume usado por quem ali permanecia muito tempo.

A datilógrafa, de meia idade e ar bastante formal, entregou de forma inexpressiva a folha datilografada e deixou a sala.

— Ora bem… — disse o embaixador.

— Então vejamos.

Hanio tirou um dos talos de cenoura do saco de plástico ainda frio e meteu-o na boca.

32

«A cor das cenouras deriva do caroteno, um pigmento que dá origem à vitamina A. Quanto mais pigmentação, mais abundante é a vitamina A. Por vezes, produz-se uma enzima que é aniquiladora da vitamina C, a ascorbinase. Por outro lado, as cenouras não contêm amido. Assim, a amílase salivar, que transforma o amido em maltose, não atua no caso das cenouras.»

Hanio intuiu que o segredo para descodificar o que estava escrito podia estar no modo engenhoso como estas duas enzimas, sem relação direta entre si, foram combinadas para atuarem alternadamente sobre o papel, desencadeando reações químicas diferentes. A saliva produzia uma reação química onde a ascorbinase não tivesse efeito e vice-versa.

Hanio mastigou bem a cenoura, depois cuspiu a papa mastigada para cima do telegrama e espalhou-a sobre o papel. Observaram então que começavam a aparecer outras palavras entre o texto codificado.

— Espantoso! — exclamou o embaixador, extasiado, ao ver o telegrama a ser descodificado.

Acenava com a cabeça e emitia uivos de contentamento.

— Espero que haja cenouras suficientes, porque há muitos outros telegramas que precisam de ser decifrados. Sinto-me mesmo aliviado. Agora nada temos a recear nas nossas negociações com o País B. Eles nem vão perceber o que lhes aconteceu. Estamos, ao que tudo indica, perante um empate técnico.

— Precisavam de um pouco mais de sal — disse Hanio, que continuava com a sua mastigação. — Mas acho que acompanham bem uma bebida. Posso pedir-lhe um uísque?

— Logo, quando tudo terminar, terá o seu uísque. Neste momento, é importante que não se perca a reação química — respondeu o embaixador. Os seus olhos brilhavam de alegria e de expectativa, enquanto Hanio prosseguia na sua tarefa de mastigar cenouras como um cavalo esfomeado.

33

Depois de Hanio ter passado a cenoura mastigada por todos os impressos, o embaixador conduziu-o a outra sala, onde lhe entregou um cheque de dois milhões de ienes. Cada um dos homens que o acompanhavam recebeu também um cheque. A avaliar pelas expressões sorridentes nos seus rostos, devia ser uma boa maquia.

O embaixador serviu-lhe um copo de uísque.

— Como fez para conseguir ter sucesso? Estou morto por saber como engendrou um plano de ação sem risco para a sua vida.

Estava fora das capacidades de Hanio poder fornecer todos os pormenores em inglês, pelo que pediu ao mais velho e falador dos dois homens que servisse de intérprete. Este ficou radiante por poder participar, revelando até um domínio do inglês que não seria de esperar à partida e estava muito acima do básico. Deve dizer-se que Hanio não teve papas na língua, vendo-se o homem na necessidade de proceder a alguns cortes aqui e ali.

— Em primeiro lugar, estou estupefacto com a forma negligente como o País A tem atuado. Ficar sem três agentes de topo de uma assentada é obra e custa imenso dinheiro. Por outro lado, verdade seja dita, todos eles eram altamente incompetentes e o seu país pouco tem a perder com o seu desaparecimento. Os erros que têm sido cometidos devem-se, quanto a mim, a ganância, desatenção aos pormenores mais simples e sobrevalorização obsessiva de sinais superficiais. Engano-me? Então, vejamos. Três agentes dos serviços secretos introduziram-se na embaixada do País B para se apoderarem das cenouras. Estavam, até certo ponto, na pista certa. Deixem-me dizer-vos que li o artigo de jornal relativo à primeira das mortes. Como é que era o título? «Ladrão Pouco Esperto Assalta Embaixada, Come Cenouras Envenenadas e Morre» O artigo relatava que a vítima fora encontrada sem vida após ter ingerido uma cenoura que continha cianeto de potássio. Incluía um depoimento do embaixador, no qual este explicava que se estavam a efetuar testes em rações para animais, tendo algumas amostras ficado acidentalmente esquecidas em cima de uma mesa; o ladrão

deve ter tido fome e comeu um dos talos. Quem tivesse lido o artigo não podia deixar de achar a explicação hilariante. Ora, é neste ponto preciso que toda a gente parece ter ficado com areia nos olhos. O grande erro foi acreditar que, após a primeira morte, o embaixador do País B continuava a pôr cenouras envenenadas na mesma mesa, noite após noite, na expectativa de que outros assaltantes aparecessem. Mas, pergunto eu, alguém viu o primeiro espião meter o talo de cenoura na boca? Não seria possível alguém tê-lo introduzido pela garganta abaixo? A questão é que o embaixador do País B conseguiu enganar-vos todos, levando-vos a pensar que era necessária uma cenoura específica para revelar o código procurado. Ele convenceu-vos de que o problema estava em distinguir as cenouras envenenadas das que estavam boas. No fundo, fez-vos andar a marcar passo no mesmo sítio. Mal ouvi a história, vi logo que havia gato escondido com o rabo de fora. Nunca ocorreu a ninguém que as cenouras, todas elas, podiam ser *absolutamente normais*? Até uma criança de cinco anos podia ter tido uma ideia como essa. Mas acha-se sempre que estas coisas são extremamente complicadas e isso, neste caso, já custou a vida a três pessoas.

«Foi necessário, portanto, inventar um plano diferente. Em primeiro lugar, quis fazer um teste com cenouras comuns, das que se podem encontrar em todo o lado. Um molho seria suficiente. Mas, se o teste falhasse, e eu não tivesse outro remédio senão deslocar-me à embaixada e correr o risco de ingerir uma cenoura que contivesse cianeto de potássio, teria morrido sem um lamento. Quando uma pessoa põe deliberadamente a vida em risco, não é um molho de cenouras que o vai atrapalhar. Devo até dizer que detesto cenouras. Aquele tom meio alaranjado que nem sequer parece cor é horrível. E o cheiro, sobretudo quando cruas, é de fugir. Eu odiava o meu pai, e em criança via-o mastigar cenouras cruas constantemente. Lembro-me de pensar que, se continuasse assim, ainda se transformaria num cavalo. E jurei a mim mesmo que nunca uma coisa tão vulgar havia alguma vez de tocar os meus lábios. Essa convicção da infância acabou por passar mesmo a repulsa visceral. Mais tarde, em situações em que era forçado a comer um

guisado de vaca, ou qualquer outro prato que levasse cenouras, ficava completamente agoniado, era pior do que enfiar a cabeça num cano de esgoto. E quando um dia vi numa livraria *O Cenourinha*, de Jules Renard, achei que o autor não podia ser uma pessoa civilizada. Para resumir, garanto que se me fosse dado escolher entre meter uma bala na cabeça e comer cenouras, escolheria a primeira hipótese. No momento presente, contudo, a minha vida está nas mãos de um cliente, não nas minhas, pelo que abri uma exceção e não hesitei perante as cenouras, embora a repulsa continue presente. Portanto, considero os dois milhões uma espécie de indemnização e acho o valor justo. Gostaria ainda de lhe dirigir algumas palavras pessoais, Sr. Embaixador, se me permite. Deixe de considerar que tudo é sempre uma complicação dos diabos. A vida e a política são muito mais simples e muito menos profundas… por vezes, até mesmo superficiais… do que se imagina. É claro que tenho perfeita noção de que a minha atitude podia ser totalmente diferente se não estivesse preparado para enfrentar a morte a qualquer momento. Só a vontade de viver o mais tempo possível torna tudo tão complicado e tão misterioso. Bom, é chegado o momento de me ir embora. Prometo não falar a ninguém do trabalho que aqui vim realizar, não sendo, portanto, necessário que ponham agentes a vigiar os meus passos. E não volte a solicitar os meus préstimos, por favor. Foi a última vez que estive disponível para ajudar. De resto, não tenho qualquer interesse pelas disputas políticas entre o País A e o País B. Acho mesmo que é só por não terem mais nada que fazer que os governos desses países se entretêm com coisas deste género. Adeus!

Ainda o outro homem não acabara de fazer a tradução das suas palavras e já Hanio, inclinando respeitosamente a cabeça, cruzava a porta imponente.

34

Hanio voltou ao hospital, juntou rapidamente as suas coisas e saiu. Assegurando-se de que ninguém o seguia, regressou ao apartamento e começou de imediato a pôr tudo em caixas.

— Então, vai finalmente deixar-nos? E logo agora que parece já restabelecido? Bom, tenho pena que se vá embora. Lamento, mas não posso devolver o dinheiro que já pagou relativamente às rendas dos próximos seis meses — disse o porteiro.

— Pode ficar com ele — retorquiu Hanio.

— Para quem é ainda jovem, não há dúvida de que anda a sair-se bem na vida… — comentou o porteiro com cara de inveja. Parecia estar a saborear pedaços de comida que ainda se encontravam num qualquer sítio dentro da boca, como se fosse uma vaca a ruminar.

Não havia muito para empacotar. Hanio tinha poucos livros que quisesse levar consigo e costumava deitar fora as roupas de que já estava farto, pelo que era apenas preciso desmontar a mobília e meter o resto em três caixas grandes de cartão. Encontrou o rato de brincar com quem em tempos tentara partilhar o jantar e lançou-o para dentro de um deles.

A pequena carrinha da empresa de mudanças que tinha contratado já aguardava em frente ao apartamento. O condutor contemplava despreocupadamente uma frágil cerejeira junto à porta de uma casa do outro lado da rua. Era a época de as cerejeiras estarem em flor, mas esta não devia ter mais do que uns dez botões abertos. Como o condutor não parecia disponível para dar uma ajuda, Hanio foi trazendo a mobília para baixo sozinho, a pouco e pouco. Talvez por não estar ainda fisicamente a cem por cento, ou porque as cenouras lhe tivessem caído mal, a verdade é que após ter transportado apenas duas cadeiras ficou alagado em suor. O porteiro, metido lá dentro em qualquer sítio, também não apareceu para dar uma ajuda.

Enquanto se esforçava para descer as escadas com a mesa apoiada num só ombro, sentiu que o peso desaparecera como por

milagre e, olhando para cima, viu, surpreendido, que o mais velho dos dois homens que o tinham acompanhado lhe tinha pegado.

— Deixe-me ajudá-lo. Você ainda está em fase de recuperação.

Logo a seguir, Hanio viu o outro homem pular rapidamente os degraus da escada dois a dois.

— Quer que leve estas caixas lá para baixo? — perguntou ele.

Não demorou muito a que tudo fosse carregado na carrinha.

— Muito obrigado — disse Hanio. — Mas eu tinha-vos pedido para não me seguirem.

— Nós não andamos a segui-lo — disse o primeiro homem. — Achámos apenas que tínhamos a obrigação de fazer alguma coisa por si. A nossa experiência diz que as pessoas que nos tratam bem acabam por desaparecer sem deixarem rasto. É uma coisa que se compreende perfeitamente. Tem a nossa palavra de que o vamos deixar em paz a partir de agora, mas, se precisar de alguma coisa da nossa parte, ligue-nos a qualquer hora. Pomo-nos onde precisar num instante.

— Suponho que andam sempre armados para o caso de ser necessário…

— Claro — disse o homem espontaneamente, ao mesmo tempo que lhe estendia o cartão de visita com uma expressão de genuína honestidade no rosto. No cartão constava o nome, Makoto Uchiyama, uma morada e um número de telefone, mas nenhuma indicação de profissão.

— Para onde se vai mudar? — perguntou ele, manifestando amavelmente o seu interesse em saber.

— Não tenho resposta para essa pergunta. Nem eu próprio sei — respondeu Hanio, olhando para trás de si enquanto subia para o lugar ao lado do condutor. A carrinha arrancou lentamente, quase contra vontade, deixando para trás os dois homens, que ficaram a acenar debaixo da cerejeira.

— Para onde? — perguntou normalmente o condutor.

— Setagaya — respondeu Hanio, mencionando o primeiro nome que lhe veio à cabeça.

A verdade é que não tinha qualquer destino em vista. Levava dois cheques no bolso, um de dois milhões de ienes e outro de

duzentos mil. Enquanto ia olhando as ruas envoltas em pó e pólen, fez as contas, pela primeira vez, ao dinheiro que ganhara desde que começou o seu negócio: cem mil do velho, o seu primeiro cliente; quinhentos mil do incidente que acabou com a mulher a suicidar-se; duzentos e trinta mil do filho da vampira; dois milhões e duzentos mil do último caso.

Tinha ganho em muito pouco tempo um total de três milhões e trinta mil ienes, o que equivalia a cerca de um milhão por mês. Estava longe de ser um mau negócio. O rendimento era dez vezes superior ao que recebia como redator publicitário. Tinha usado algum dinheiro na renda do apartamento, mas o que ficou garantia-lhe uma vida de certo luxo durante bastante tempo. É claro que um cantor popular ou uma estrela de cinema ganham muito mais, mas, por outro lado, têm também muito mais despesas e não têm possibilidade de levar uma vida tão descontraída como a sua. Recebia imensa atenção das outras pessoas com o mínimo esforço da sua parte, e até tinha experimentado o prazer de uma vampira lhe sugar o sangue.

Pareceu-lhe que seria o momento ideal para fazer uma pausa no negócio de vender a sua vida. Porque não experimentar uma vida despreocupada e luxuosa durante algum tempo, nesta zona da cidade? Se chegasse à conclusão de que lhe era agradável viver dia após dia sem qualquer objetivo concreto, continuaria a viver dessa maneira. Se viesse depois a pensar que era preferível morrer, tinha sempre a opção de reabrir o seu negócio.

Sentia-se senhor da sua liberdade individual e compreendia cada vez menos os motivos pelos quais as pessoas se casam e ficam depois presas umas às outras a vida inteira, ou se satisfazem como funcionários de empresas onde têm de trabalhar sempre sob as ordens de alguém até à reforma. O melhor era gastar aquele dinheiro todo. E, quando acabasse, podia sempre optar pelo suicídio.

Suicídio…

Quando a palavra lhe surgiu, sentiu-se dominado por uma espécie de náusea psicológica. «Seja qual for a posição que se tenha acerca disso», pensou Hanio, «matarmo-nos porque tivemos

um contratempo é uma desproporção que exige um esforço enorme.» Mas se conseguimos finalmente ter o tempo que procurávamos e falhamos, perderemos até a vontade de mexer um braço para ir buscar o cigarro que está ao nosso alcance. Queremos fumar, isso é certo, mas o cigarro parece estar a uma grande distância. Sentimos que é preciso fazer um esforço acima do normal para o gesto simples de nos levantarmos e estendermos a mão para o maço de cigarros, tal como acontece quando temos de empurrar um carro que empanou. E isso é uma outra forma de suicídio.

— Para que zona de Setagaya? — perguntou o condutor ao passar pela Sétima Circular de Tóquio.

— Ora, deixe-me cá ver. Olhe, leve-me a um desses sítios onde há imobiliárias e agências de emprego.

— Quer dizer que ainda não decidiu para onde se vai mudar?

— Realmente, ainda não.

— Incrível — disse o condutor, que, apesar de pronunciar essa palavra, não parecia surpreendido.

Hanio reparou numa imobiliária à esquina do cruzamento com a rua que levava à estação de Umegaoka. Tinha as janelas cheias de anúncios com quartos e casas para alugar.

— Pare ali, se não se importa. Acho que pode estacionar mesmo em frente.

O condutor emitiu uma espécie de grunhido surdo como resposta.

Hanio abriu com firmeza a porta deslizante e a agente imobiliária, uma mulher à volta dos cinquenta anos, roliça e de pele clara, cumprimentou-o. Estava sentada à secretária a folhear uns papéis. No canto da sala havia um modesto sofá almofadado, algumas cadeiras e uma floreira com pequenas rosas artificiais. Na parede estava colado um mapa da zona.

— Procuro um quarto para alugar — disse Hanio. — Ou talvez o anexo de uma casa ou coisa parecida, de modo a poder entrar e sair à vontade sem incomodar ninguém. Se possível, com refeições incluídas. Tem alguma coisa?

— Deixe-me ver. De momento, não me estou a lembrar de nada — disse a mulher. — Mas está disposto a pagar quanto,

aproximadamente?

— Cinquenta mil por mês, ou talvez um pouco mais. É claro que as refeições seriam consideradas à parte.

— Um momento, por favor.

Enquanto consultava os ficheiros, a porta de vidro abriu-se novamente e entrou uma mulher jovem, de calças. Quando a viu, a empregada da agência imobiliária fez uma careta que mostrou bem o seu desagrado.

35

A mulher da agência cambaleava de uma forma estranha. Embora fosse provável que ainda não tivesse trinta anos, a pele do seu rosto parecia ter um ar já gasto. As suas feições eram perfeitas, tendo mesmo um certo toque sofisticado, mas a maquilhagem que usava não era apropriada para uma mulher japonesa. Havia também alguma desproporção entre o seu pequeno corpo e os seios, que sobressaíam por baixo da camisola.

Mal esta mulher entrou na agência, a outra quase passou a ignorar a presença de Hanio.

— Faz alguma loucura e eu chamo imediatamente a polícia — ameaçou a agente imobiliária, enfurecida.

— Pode chamar à vontade! Não vou fazer nada de mal — respondeu a jovem mulher, enrolando um pouco as palavras. Virou uma das cadeiras e deixou-se cair em cima dela, de costas voltadas para Hanio.

— Para de nos aborrecer constantemente. Ninguém vai aceitar uma renda tão alta, ainda por cima com as condições ridículas que estás a exigir. Nem me interessa que possamos ter uma boa comissão. O nosso trabalho não é pôr-te em contacto com outras pessoas. E mesmo que fosse, terias de ser tu a trazê-las cá para assinarem o contrato. Mas isso é coisa que nunca serás capaz de fazer, pois não? Portanto, não vai acontecer nunca.

— Mas *compete-lhe* a si encontrar alguém! Não tem o direito de me dizer essas coisas horríveis. Não faz a mínima ideia do que eu sou ou não sou capaz.

Mal a rapariga acabou de dizer estas palavras, refastelou-se na cadeira e começou imediatamente a ressonar. O seu rosto tinha qualquer coisa de angélico enquanto dormia. Os lábios estavam ligeiramente entreabertos e pareciam tão suaves que Hanio ficou com a tentação de querer tocá-los com os dedos. Apenas o ressonar destoava do quadro.

— Da maneira como está a comportar-se só pode estar drogada. Já não a aguento e tenho de chamar a polícia. Não se importa de

ficar aqui um pouco enquanto vou lá fora? Estou preocupada com o que ela possa fazer quando acordar. Não me admirava que começasse logo a partir tudo. Isto não pode continuar a acontecer, é insuportável.

— Mas o que é que se passa? — perguntou Hanio, sentando-se e completamente esquecido da carrinha lá fora à sua espera.

De um momento para o outro, a história daquela mulher passara a interessar-lhe.

— Ela pertence a uma das famílias mais respeitáveis da região. Vive numa enorme mansão com os pais e é a filha mais nova. Os irmãos estão casados e vivem com as respetivas famílias. Os pais sempre a protegeram muito, o que levou a que tenha feito o que muito bem quis e lhe apeteceu desde que nasceu. Tornou-se uma pessoa completamente neurótica e não há ninguém no seu perfeito juízo que queira casar com ela. Os pais foram latifundiários muito ricos, mas no final da guerra viram-se a braços com uma situação económica difícil e vieram cá para lhes ir vendendo, à medida que fosse preciso, as terras e os prédios que possuíam. Acabaram por ficar sem nada, à exceção da casa onde vivem. Até agora, têm conseguido fazer face às despesas com a venda das propriedades, mas estão quase a chegar ao fim da linha. Para conseguirem algum dinheiro, querem alugar o pequeno anexo da casa, que tem praticamente a área de um salão de chá, mas as coisas não estão a correr nada bem. O problema é que recusam todas as propostas que lhes tenho apresentado. Sobretudo a rapariga, Reiko, dá-me cabo da cabeça e eu já não sei o que hei de fazer. Quer meio milhão de ienes só pelo depósito do anexo de uma casa, velho e a cair aos bocados, mais uma renda de cem mil. Recusa-se a ceder neste ponto. Outra das condições é que o inquilino tem de ser obrigatoriamente homem, jovem e solteiro. Nem sequer se digna considerar quem não reúna essas condições. Apareceu um potencial cliente, um homem de meia-idade, presidente do conselho de administração de uma empresa, que estava disposto a aceitar as condições exigidas, porque anda interessado na Reiko. Mas imagine que quando ele a foi visitar para tratarem do contrato ela apareceu

completamente bêbada. Agora tente pôr-se no meu lugar. Sinceramente, cheguei ao limite.

A mulher parecia ter-se esquecido de chamar a polícia. Começou a chorar com a cara enfiada na manga do quimono, chegando mesmo a soluçar com a cabeça apoiada na porta de vidro coberta de anúncios. A porta abanava à cadência do seu choro, mas provavelmente era só o vento a bater nela.

Entre uma mulher que ressonava e outra que chorava, Hanio sentiu-se meio perdido, sem saber bem o que fazer, mas acabou por se levantar e pôr a mão sobre o ombro da mulher mais velha, que continuava a chorar.

— Acho que sou capaz de poder ajudar.

— Está a falar a sério? — perguntou ela, limpando as lágrimas e olhando bem para ele.

— Sim, mas tenho uma condição. Preciso de ter a garantia de que posso levar a minha mobília… e até a tenho comigo ali fora… para esse anexo. Se eu não gostar de lá estar ou os proprietários não gostarem de mim, saio de lá imediatamente.

— Não me diga que saiu da casa onde estava sem ter para onde ir.

— Vê uma carrinha de mudanças ali à espera? Estão lá todas as minhas coisas.

O vento soprava agora ainda com mais força, agitando os ramos de uma cerejeira do outro lado da cerca, junto à qual a carrinha se encontrava estacionada. O condutor estava fora da viatura, de novo a contemplar despreocupadamente as flores. Um véu amarelado de neblina cobria o céu azul. Um gato, que caminhava ao longo da cerca, saltou pelos ramos da árvore pulando de ramo em ramo, desceu pelo tronco e desapareceu num instante como uma alforreca arremessada pelas ondas do mar com a força do vento. Havia no ar da tarde uma luminosidade estranha, como se alguém tivesse posto sob o céu um objeto de grandes proporções. Estava uma tarde primaveril e cheia de luz, é verdade, mas ao mesmo tempo sentia-se no ar uma névoa de vazio.

Hanio tinha decidido fazer uma pausa para descansar das situações recentemente vividas, mas ali estava ele, uma vez mais, a

envolver-se noutra não menos bizarra. A vida é feita de voltas e reviravoltas. Tal como a Terra, no fundo. É impossível descrevê-la como uma esfera perfeita e equilibrada. Tão depressa implode, abrindo crateras, como explode em planaltos, erguendo rochedos pontiagudos.

É relativamente fácil dizer que a vida não tem sentido, mas Hanio não pôde deixar de voltar a ficar impressionado com a energia que é necessária para viver uma coisa que se considera insignificante.

— Ei! — disse a mulher mais velha abanando Reiko pelos ombros. — Este senhor quer alugar o teu anexo. É jovem e solteiro, como tu querias. Devias ir já mostrar-lhe a casa.

Reiko abriu os olhos, com a cabeça ainda encostada às costas da cadeira, e fitou-o. Um fio de baba reluzente saía-lhe da boca. Hanio achou aquilo repulsivo, mas, ao mesmo tempo, estranhamente erótico.

Reiko acabou por conseguir pôr-se de pé com alguma dificuldade.

— Até que enfim. Finalmente apareceu alguém. Valeu a pena esperar — disse, enquanto se lançava na direção da mulher da agência para lhe dar um abraço. — Então, nem sequer consegue ficar um pouco contente por mim? Vá, não seja má — disse ela. Apesar da aparente sinceridade daquelas palavras, soavam vazias e delas estava ausente qualquer ponta de emoção.

— É por isto que ela é tão difícil de aturar — disse a funcionária da agência, virando-se para Hanio. — Às vezes, é irritante até mais não, outras é toda doçura e gentileza — acrescentou, desta vez desenhando nos lábios um sorriso claramente profissional.

36

Reiko indicou ao condutor que deixasse os bens pessoais de Hanio junto ao portão traseiro da casa, que ficava mais próximo da entrada do anexo. Depois, pediu a Hanio que a fosse seguindo ao longo do caminho empedrado que ia dar à casa principal.

Atravessaram um jardim frondoso, de que era difícil suspeitar, dado situar-se mesmo ao lado da Sétima Circular, com todo aquele trânsito tão intenso. Um casal de alguma idade estava sentado em cadeiras de vime no alpendre da casa.

— Já voltaste, Reiko, que bom — disse a senhora.

— Olá. Tenho aqui uma pessoa que quer arrendar o anexo.

— A sério? Que boa notícia! A nossa casa não está assim muito confortável, mas entre, por favor.

A mulher, elegante e de baixa estatura, cumprimentou Hanio com gentileza. O ancião de cabelo grisalho que estava ao seu lado foi também muito atencioso e, tal como ela, vestia roupas tradicionais japonesas.

— Muito prazer em conhecê-lo. Chamo-me Kuramoto — apresentou-se ele com um sorriso amigável que tranquilizou Hanio.

Dirigiram-se depois para a sala de receção da casa e ofereceram-lhe o lugar de honra, de frente para um nicho decorativo. Serviram-lhe chá e trataram-no com uma cortesia de tempos antigos, de um grau quase inconcebível. A mobília era de excelente qualidade. A grossa prateleira central do nicho, de pau-rosa, exibia um queimador de incenso e uma catatua ornamental com pedras preciosas. Havia um pergaminho pendurado, com imagens que reproduziam a fábula *O Rio dos Pessegueiros em Flor* e contendo também os seus versos.

— A nossa filha talvez não seja a simpatia em pessoa, mas peço-lhe que não a julgue muito severamente — começou por dizer o ancião.

— Sabe, apesar dos seus defeitos, tem um coração de oiro. Há algo de inocente e puro nela — atalhou a sua mulher. — E isso não a preparou para enfrentar os obstáculos terríveis que a vida lhe pôs

à frente. É por isso que precisa de tomar um medicamento, *Hymena*, que nem sequer é um barbitúrico.

— Não é *Hymena*, mãe, é *Hyminal*.

Reiko não gostava de falar dessas coisas com muito pormenor. Já a mãe falava da filha de quase trinta anos como se ainda fosse adolescente.

— Ai, sim? Bom, ela toma isso e também aquela droga que começa por L.

— LSD, mãe.

— Eu sabia que era L qualquer coisa. Muito bem, LSD. Parece marca de comida instantânea, mas enfim. Seja como for, ela meteu-se nessa droga, que é a última moda entre os jovens de hoje, e à noite vai para a zona de Shinjuku à procura do seu Príncipe Encantado. Não é verdade, Reiko?

— Já chega, mãe!

Mas a mulher parecia incapaz de parar.

— Esta minha filha tem uma teimosia que não sei de onde vem, é sobretudo isso que a diferencia dos irmãos. Mas tem bom carácter e não lhe falta iniciativa. Eu acho que devemos dar-lhe todo o apoio que pudermos. De resto, que direito têm os velhos de dizer aos mais novos o que devem fazer? Estamos mais do que dispostos a satisfazer-lhe as vontades para que tenha a possibilidade de olhar de frente para a vida e escolher o seu caminho. Ora, se uma filha que consideramos possuidora do coração mais puro quer remodelar o anexo e é intransigente quanto às características da pessoa a quem o devemos alugar, quem somos nós para levantar objeções? E agora, possivelmente graças à intervenção de alguma entidade divina, encontrou-o a si. A sorte bateu-lhe à porta, não há dúvida, e ela só tem de ficar agradecida por esta oportunidade! Reiko, talvez fosse boa ideia ires mostrar o anexo a este senhor…

— Claro.

Reiko levantou-se para o fazer, agarrando-se de novo aos dedos de Hanio de tal forma que também ele se ergueu um pouco cambaleante.

A luz primaveril passava através dos ramos ainda com algumas folhas e alastrava pelo jardim. Caminharam por entre arbustos e

algumas camélias em flor e dirigiram-se ao anexo. Reiko abriu ruidosamente as grossas portadas que protegiam as janelas das tempestades.

Ele acharia normal haver um forte cheiro a mofo, como é costume quando os tatames ficam muito tempo num sítio fechado, mas a verdade é que não se notava qualquer cheiro. Contrariamente ao que é habitual, não se via nenhum desses tapetes no salão de chá, o qual fora transformado numa cozinha em cujo chão se colocaram azulejos com desenhos de folhas caídas.

A espaçosa sala contígua provocou uma enorme admiração em Hanio. O chão tinha um luxuoso tapete de Tianjin. Uma colcha persa cobria uma cama de bambu, ao estilo da Indochina francesa, e no nicho decorativo, que habitualmente contém um pergaminho e um arranjo floral, havia uma excelente aparelhagem estereofónica. Num dos cantos da sala, podia ver-se um conjunto de cadeiras de pau-rosa vietnamitas, estilo Luís XIV, decoradas a madrepérola, e ao seu lado um candeeiro de pé de estilo arte nova, em bronze, imitando a silhueta de uma mulher. A parte inferior do corpo continha um gracioso arranjo de folhas de lírios dos vales, enquanto que a parte superior se curvava para segurar a lâmpada nas mãos. As paredes estavam cobertas com tecido adamascado e noutro canto encontrava-se um esplêndido armário para vinhos. Num breve relance, Hanio apercebeu-se de que estava recheado de vinhos de qualidade excecional.

«Agora percebo por que motivo a renda é tão elevada», pensou Hanio. Reiko pareceu ler-lhe o pensamento.

— É evidente, não é? A mulher da imobiliária não sabe o que está nesta casa. É uma perfeita idiota. Acha que a culpa é minha por perder a paciência quando ela me critica, o que passa a vida a fazer. Dediquei-me de alma e coração à remodelação deste espaço. Vivo sempre só, sabes, e mesmo quando vou a Shinjuku, não me encontro com ninguém. E amigos também não tenho. Faço isto porque estou triste e me apetece. É uma coisa assim tão estranha?

— Não, não acho nada. E o teu gosto é muito interessante, mesmo bastante fora do vulgar.

— Todos os objetos que aqui vês pertencem à coleção do meu pai. Fui buscá-los ao armazém de família. Ele não foi nenhum santo quando era jovem, mas agora parece ter uma visão mais esclarecida do mundo.

— E não pôs objeções?

— De maneira nenhuma. Nesta casa, quem manda sou eu. Ele tem um receio enorme de qualquer confronto comigo.

De repente, soltou uma gargalhada estridente que parecia interminável.

Ouviu-se um toque na portada, que ficara aberta, e a mãe de Reiko entrou na sala. Trazia um tabuleiro lacado com duas folhas de papel com flores, de alta qualidade, dobradas ao meio.

— Aqui tem a fatura e o contrato, queira fazer o favor de assinar — disse ela.

Os documentos indicavam um depósito de quinhentos mil ienes e uma renda de cem mil por mês. Estava redigido com a caligrafia tradicional do estilo *Oie*, que é mais facilmente legível em termos de prosa corrida.

— Não ando com tanto dinheiro comigo e tenho de ir levantar essa quantia ao banco — disse Hanio. — Não é possível agora, porque já passa das três, mas amanhã fá-lo-ei logo que possa. Isto se não houver problema, claro.

— Esteja à vontade para fazer o que lhe for conveniente — disse a mulher, retirando-se vagarosamente.

Subitamente, Hanio lembrou-se de que tinha deixado as suas coisas junto ao portão. Preocupava-o agora o facto de poderem parecer tralha velha e usada numa sala mobilada como aquela. Ficou a pensar se não seria melhor pôr tudo num armazém.

— Se precisares de algum sítio para guardar as tuas coisas, posso indicar um ou dois. Suponho que tens de fazer alguma coisa relativamente à mobília que trouxeste contigo — disse Reiko, inesperadamente.

Parecia ter o dom de ler o pensamento das pessoas.

— Como adivinhaste o que eu estava a pensar?

— É só quando estou pedrada. E não faço ideia porquê. Habitualmente, isso não acontece.

Nada mais lhes ocorreu dizer e ficaram em silêncio.

Quanto mais pensava na casa, mais estranha lhe parecia. Era tudo bastante enigmático. Por que razão teria ela arranjado um quarto tão luxuoso e com uma cama tão grande? E porque era tão específica quanto ao tipo de pessoa a quem o queria alugar e tão intransigível quanto à renda?

Era evidente que precisava do aluguer por razões económicas, mas mesmo assim tornava-se difícil acreditar que uma mulher de trinta anos e metida a fundo nas drogas andasse todo o tempo a correr para uma agência imobiliária à procura de um inquilino. Estava longe de pertencer ao género convencional, mas não parecia louca.

Hanio pensou que talvez ele fosse o tipo de pessoa que, tendo saído à justa de situações perigosas e extremas, estivesse destinado a travar conhecimento com uma espécie de alma gémea. As pessoas solitárias têm a capacidade de sentir a solidão nos outros. Neste aspeto não diferem muito dos cães. Quando, de olhos semicerrados, Reiko olhou pela primeira vez para Hanio na agência imobiliária, deve ter-se apercebido logo de que ele não correspondia ao tipo de homem que respira saúde e tem uma atitude prática perante a vida, como normalmente acontece com os da sua idade.

Não deixa de ser curioso constatar que as pessoas solitárias têm tendência para decorar as suas casas com objetos extravagantes. No que diz respeito a Hanio, só adquiriu o gosto por um estilo de vida mais luxuoso depois do êxito conseguido com o negócio de pôr a vida à venda, quando vivia no seu modesto apartamento. A casa de Reiko era do seu total agrado, principalmente porque o teto baixo lhe dava um certo ar solene de túmulo.

— A minha ideia é ficar por aqui a descansar o corpo e a mente.

— Mas qual a razão desse cansaço todo?

— Nenhuma em especial, mas sinto que preciso mesmo de algum descanso.

— Como é que alguém pode estar cansado de viver ou da própria ideia de estar vivo? Não é normal.

— Bom, não há nada que nos canse tanto como isso.

Reiko riu-se abertamente.

— Eu sei qual é o teu problema. Estás cansado de tentar morrer.

37

O olhar de Reiko podia parecer vago e alheado, mas quando falava acertava sempre no alvo. Estupefacto, Hanio nem sabia bem o que dizer. Reiko tirou da estante a edição de luxo de um livro, pousou-o em cima dos joelhos e começou a folheá-lo.

— Olha, vê.

Era uma edição de grandes dimensões e magnificamente ilustrada de *As Mil e Uma Noites*. A imagem que Reiko lhe mostrava era de um conto sobre uma relação incestuosa. A história referia-se a dois irmãos de mães diferentes, um rapaz e uma rapariga, que se apaixonaram um pelo outro. Escondiam-se dos olhos do mundo num quarto luxuoso criado dentro de uma sepultura debaixo de terra onde faziam amor dia e noite. Acabaram por provocar a ira de Deus e foram consumidos pelas chamas divinas. Quando o pai descobriu o esconderijo e entrou na sepultura, encontrou os seus corpos carbonizados sobre a colcha de seda bordada que cobria a cama e a que o fogo não chegara. A ilustração mostrava os corpos nus, reduzidos a carvão, mas mantendo ainda a forma humana e agarrados um ao outro num terno abraço. A imagem exprimia o horror e a fealdade da morte, mas também o prazer intenso que os dois corpos partilharam em vida. Era como se tivessem sido consumidos não pelo fogo da ira divina, mas pelas chamas do prazer carnal que os tinha iluminado em vida.

— Carbonizados e ainda a beijarem-se — comentou Reiko. — Não deve haver maneira mais extraordinária de partirmos deste mundo. Morreram no auge da felicidade!

— Sim, com toda a certeza. Mas gostava de te perguntar por que razão estavas tão empenhada em querer alugar uma casa magnífica como esta a uma pessoa com as minhas características — disse Hanio.

— Em breve saberás. Ando há muito tempo com uma ideia na cabeça e estou prestes a poder concretizá-la.

38

Nessa noite, sem nada de especial para fazer, Hanio resolveu telefonar a Kaoru.

— Olá! Então onde é que está agora? Reparei que deixou o seu antigo apartamento — disse o rapaz, num tom de voz que indicava boa disposição.

A morte da mãe não parecia tê-lo afetado muito.

— Mudei-me à pressa, e achei que devias ficar com a minha nova morada e o meu novo número de telefone.

— Tem a certeza de que ninguém está a escutar a nossa conversa?

— Não me admiro nada que possam estar a fazer isso, mas que importância tem?

— Já voltou ao seu negócio?

— Não, agora preciso de fazer uma pausa e descansar.

— Faz bem, deve ir com calma. E há mais alguma coisa que o esteja a preocupar neste momento?

O rapaz exprimia-se claramente como um adulto.

— Se recomeçar a atividade, eu digo-te.

— Mas para quê? Porque não volta costas ao passado? Já agora, posso ir visitá-lo?

— Neste momento, estou um pouco ocupado.

— Não me diga que anda com outra mulher…

— Acertaste.

— Bem, é caso para dizer que não perde pela demora.

— Se me meter em sarilhos, ligo-te. És a única pessoa em quem posso confiar se alguma coisa der para o torto.

Estas palavras fizeram aumentar a autoestima do rapaz, que se sentiu à vontade para dizer:

— Mas depois aborrece-se comigo se lhe quiser salvar a vida. É difícil para mim, porque fico sem saber o que fazer. Mas sim, claro, fico à espera que me contacte se precisar. Deixo-o em paz, agora. Fique bem — disse ele.

E desligou.

No dia seguinte, Hanio foi ao banco e abriu uma conta. Depois, levantou o cheque e regressou a casa para pagar à Sr.ª Kuramoto.

— Oh, é muito gentil da sua parte. Muito obrigada. A minha filha vai ficar muito contente. Neste momento, não está em casa. Ela tem andado à procura de alguém como o senhor há tantos, tantos anos.

A mulher sorriu amavelmente a Hanio da porta de entrada. Entregou-lhe o contrato, envolto num sofisticado tecido de cor violeta.

— Gostava de falar um pouco consigo, se não se importa — disse ele.

— Claro, claro, com certeza. Posso oferecer-lhe um chá? — perguntou ela, ao mesmo tempo que o conduzia com reverência exagerada para o salão.

Quando lá entrou, Hanio experimentou imediatamente uma sensação de grande paz interior. Todos os demónios do mundo moderno tinham sido afastados daquele lugar. Todos, exceto uma pessoa, Reiko!

O Sr. Kuramoto pôs de lado a antologia de poesia da dinastia Tang que estava a ler.

— Está com ótimo aspeto — disse ele. — Dormiu bem?

— Sim, muito obrigado — respondeu Hanio, inclinando a cabeça num cumprimento respeitoso.

Hanio encontrava-se numa casa em que havia alguém, ele, a envidar esforços para morrer, e um casal sem nenhuma pressa de que o fim da vida chegue. Trazidas pelo vento, viam-se dispersamente pelo jardim pétalas de flor de cerejeira. Na tarde amena e fresca, à luz coada da sala, a mão de pele clara do ancião ia virando as páginas do seu livro de poesia Tang. Aquelas duas pessoas passavam o tempo a tecer juntos a sua morte, como se tricotassem tranquilamente camisolas para o inverno que se avizinhava. Qual a origem da serenidade que demonstravam?

— Imagino que a maneira de ser da Reiko possa surpreendê-lo — disse o Sr. Kuramoto, com um sorriso. — A responsabilidade de ela ser assim é totalmente minha, mas espero sinceramente que não me julgue com demasiada severidade.

Hanio ficou na expectativa, olhando sem qualquer reação para o Sr. Kuramoto, que interrompeu o que estava a dizer, uma vez que a sua mulher entrou com o chá.

— Podes prosseguir, querido. É importante que lhe contes toda a história — disse ela, muito calmamente.

— Há muito tempo fui profissional da marinha mercante — começou por dizer o Sr. Kuramoto. — Cheguei a comandante, mas acabei por deixar o mar e fiquei com um cargo executivo na companhia de navegação, tornando-me mais tarde seu presidente. Comprei vários terrenos aqui na zona, com a intenção de passar o resto da minha vida como latifundiário de alguma envergadura. Mas como o Japão perdeu a guerra, a agricultura de grande escala foi-se tornando inviável e o negócio piorou de forma catastrófica. Atualmente, se os terrenos forem bem tratados, valem muitos milhões, mas a seguir à derrota na guerra as coisas estavam longe de ser assim. Para poder pagar o imposto predial fui obrigado a vender algumas terras e depois não tive outro remédio senão ir vendendo a pouco e pouco o que restou para poder fazer algum dinheiro. Um verdadeiro pesadelo!

«Ainda por cima, a minha filha mais nova nasceu em 1939, um ano depois de eu ter deixado o posto de comandante. Foi uma atividade que me desgastou a tal ponto que me vi a braços com um esgotamento nervoso, como agora se diz, tendo passado cerca de três semanas internado num hospital psiquiátrico. Apesar disso, fui contratado como quadro superior de uma empresa e mais tarde nomeado presidente do seu conselho de administração, cargo que exerci sempre com a maior competência. Portanto, recuperei muito bem do esgotamento, do qual, de resto, não ficaram quaisquer sequelas. No entanto, vinte anos mais tarde, ou seja, há nove anos, esse antigo percalço na minha vida acabou por ter consequências sérias na vida da Reiko. Havia conversas entre as famílias no sentido de preparar o seu casamento com um rapaz por quem se interessara. Contudo, sem que ninguém o esperasse, a outra parte fez saber que ficava tudo sem efeito. A Reiko, sendo uma pessoa que gosta de saber o porquê das coisas, não descansou enquanto não soube o motivo pelo qual tinha sido rejeitada. Na minha opinião,

não havia necessidade disso, mas enfim. Não demorou muito a obter a informação. A mulher que tinha servido de casamenteira, que é do género de não conseguir ficar calada, revelou-lhe tudo.

«Parece que a família do jovem descobrira que, vinte anos antes, eu tinha estado internado no hospital durante algum tempo. Suspeitaram, não se sabe por que razão, que o motivo do internamento não teria sido um simples esgotamento nervoso e, sabendo que eu tinha sido comandante de um navio, sempre sujeito a inúmeras tentações de ordem sexual, de porto em porto, segundo a perspetiva deles, concluíram que eu teria contraído sífilis. Como a Reiko nasceu no ano anterior a eu ir para o hospital, depreenderam que ela teria herdado a doença.

«A partir do momento em que a Reiko descobriu estas coisas, mudou completamente o seu comportamento, tendo começado a beber e a fumar. Disse-lhe várias vezes que aquilo não passava de uma história estúpida, que eles não podiam estar mais enganados e que podíamos prová-lo através de uma análise ao sangue. Era fácil pedir a um médico que esclarecesse a questão de uma vez por todas, mas ela não quis saber. Não havia nada que eu pudesse dizer nem qualquer explicação científica que lhe pudesse dar que a tranquilizasse. “Não tarda muito vou ficar demente! Para mim não há qualquer esperança! Nunca me hei de casar, nunca poderei ter filhos.” Foram precisamente estas as suas palavras. E desde que essa ideia se lhe meteu na cabeça, nunca mais de lá saiu, por muito que tenhamos tentado demovê-la. Os irmãos fizeram tudo o que era possível para a chamar à razão, mas a Reiko foi ficando dia após dia cada vez mais perturbada e não ouvia ninguém. Depois, a seu pedido, pusemos o anexo em seu nome, passando ela a ser a única proprietária legal. Mas, por qualquer razão que desconhecemos, disse-nos que não queria habitá-lo, preferindo alugá-lo com uma renda alta para poder viver desse rendimento.

«Já não me resta muito tempo neste mundo, e a minha situação financeira, não sendo tão boa como já foi, dá perfeitamente para sustentar uma filha. Contudo, como sabe, o dinheiro que o senhor vai pagar de renda irá diretamente para a Reiko e será somente isso que ela terá como rendimento pessoal.

«Tem de admitir-se que é uma história bastante estranha, e oxalá não se tenha importado de a ouvir. Mas agora o senhor está a par da situação e eu espero que não frustre as espectativas dela e viva bem aqui. Nos últimos tempos, parece que passa a vida em Shinjuku. Anda a tomar umas drogas esquisitas e aqui na zona toda a gente a trata como marginal. Mas o que nos aflige é acharmos que pode perder a sua sanidade mental por estar convencida de que tem sífilis congénita. Estamos desesperados e sem saber o que fazer para a ajudar. Sinto-me um pouco envergonhado, mas achei que tinha o dever de o pôr ao corrente da situação.

«Resta-nos no meio de tudo isto algo que atenua de alguma forma a nossa preocupação. É verdade que ela anda muito por Shinjuku e que as suas noites de sábado se prolongam até às manhãs de domingo, mas quando regressa vem sempre sozinha. Não sei bem porquê, mas não se relaciona com ninguém e nunca trouxe cá para casa nenhum desses rufias que andam por aí na má vida. Estamos gratos aos céus por isso. Seria mesmo embaraçoso ter sempre a entrar e a sair de nossa casa um desses *hippies* cabeludos que nunca se lavam e nem sequer sabemos se é rapaz ou rapariga. Talvez seja atrevimento da minha parte dizê-lo, mas o senhor, apesar da sua juventude, parece-me uma pessoa íntegra e correta. Precisamente como todos os jovens deviam ser.

39

Nessa noite, Reiko nunca mais chegava a casa. Hanio, que tinha ido para o quarto ler um livro, começou a ficar impaciente e atento aos sinais que indicassem a sua chegada.

Pensou em ir até Shinjuku à procura dela, mas acabou por concluir que não seria boa ideia. Conhecia bem a comunidade *hippie*, pois tinha contactado com ela quando trabalhara como redator. É verdade que criticavam o absurdo e a falta de sentido da sociedade em que viviam, mas não lhe parecia que tivessem coragem para lutar contra os obstáculos que lhes surgiam à frente. São pessoas com uma pena infinita de si próprias, agarradas a posições inconsequentes como a aversão à aprendizagem e à escola ou a fobias, como bem demonstra o exemplo de Reiko em relação à sífilis.

Hanio não conseguia sentir senão desprezo por essas pessoas e pelas supostas razões que apresentavam como justificação para os seus comportamentos. O absurdo e a falta de sentido nunca afetaram a vida das pessoas como os *hippies* imaginaram. Atingiu-as sempre de um modo mais semelhante ao daquelas baratas que ele viu saltar dos caracteres das páginas do jornal. Era assim que ele via as coisas. Pensamos que vamos por uma rua a caminhar alegre e despreocupadamente, quando na verdade estamos a tentar manter o equilíbrio nos ferros do telhado de um edifício com trinta e cinco andares. Ou estamos a brincar com um gato e, de repente, vemos lá no fundo da sua boca aberta, a miar e a tresandar a peixe, ruas devastadas e negras, como os restos queimados de uma cidade após um bombardeamento aéreo. Ou pomos uma colher de leite junto ao nariz de um gato siamês e quando ele está mesmo quase a bebê-lo retiramos a colher de repente e salpicamos-lhe o focinho. Ocorreu-lhe nesse preciso momento que em tempos chegou a pensar ter um gato siamês. Em vez disso, achou-se a ter por companhia ao jantar um rato de peluche. E pensou que, se ele tinha os seus rituais, que ocupavam um lugar central nas suas fantasias, também o deviam ter aqueles que dominavam todos os

aspetos do sistema político e económico japonês. O mesmo tipo de impulso que ele tinha em relação ao rato de peluche devia existir nas reuniões do conselho de ministros, e questões como a segurança nacional deveriam ser resolvidas de acordo com idênticos rituais. Só quando um gato altivo é humilhado de surpresa é que nos apercebemos do sentido que faz ter um gato.

Digamos, em resumo, que Hanio acreditava que todas as suas ideias tinham raízes no não sentido das coisas, apenas ganhando vida no momento em que lhes fosse atribuído um significado. Por essa razão, nunca começara a fazer alguma coisa que tivesse sentido. As pessoas que atribuem significado excessivo às suas ações acabam sempre frustradas e desesperadas. Não passam, no fundo, de sentimentalistas, agarradas à vida até à exaustão.

Se, quando abrimos um armário, vemos que a ausência de sentido está lá, juntamente com o monte de roupa suja, de que serve procurar a vida sem sentido noutro lugar qualquer? Hanio teve a sensação de que não tardaria muito a pôr novamente a sua vida à venda.

Naquele momento, a porta da casa abriu-se devagar. Seria um gato? Era Reiko. Uns brincos de plástico enormes pendiam-lhe das orelhas e vinha vestida com o que parecia ser um poncho mexicano. O pescoço branco sobressaía entre a exuberância de muitas riscas vermelhas, verdes e amarelas.

— Olá — cumprimentou-a Hanio em tom amistoso.

— Deves estar a morrer de fome. Vou fazer-te jantar.

— Mas que senhoria tão prestável.

— Então, o meu pai contou-te? — perguntou Reiko, concentrando o olhar num ponto indeterminado na testa de Hanio.

— É assim tão evidente?

— É, já sabes que eu consigo ler o teu pensamento…

Depois de dizer isto, Reiko foi até à *kitchenette* e começou a preparar o jantar, fazendo um certo ruído. Farto de estar sozinho, Hanio queria continuar a conversar, pelo que continuaram a dialogar em voz alta, acima do ruído da água a ferver e da faca de cozinha.

— Se quiseres, a partir de hoje não me importo de vir aqui dormir contigo — disse Reiko.

— Parece-me bem, mas…

— Mas o quê?

— Pensar que amanhã de manhã podemos estar os dois mortos e carbonizados até me dá arrepios.

— Deixo o gás aberto. A explosão vai dar-nos uma morte limpa…

— Mas até em *As Mil e Uma Noites* eles só morrem depois de chegarem à satisfação completa. Uma só noite nunca é suficiente.

— Que rapaz insaciável…

Aqui a conversa parou. Hanio, ouvindo a água a fervilhar na *kitchenette*, disse:

— Só espero que não ponhas veneno lá dentro.

— Seria uma morte melhor se fosse assim?

— Mais tarde haviam de descobrir o arsénico.

— E que importância teria isso, se morrêssemos juntos?

— Mas eu ainda não disse que sim. Concordei em ficar com o anexo, mas não assinei nenhum contrato que também te incluísse.

Ela serviu o jantar, um *filet mignon* com molho à parte, ambos de aspeto delicioso, com uma pequena garrafa de vinho a acompanhar. Ficou a observá-lo languidamente, como um gato, enquanto ele ia devorando a comida.

— Está bom? — perguntou Reiko.

— Delicioso.

— Então, gostas de mim? — perguntou ela, com voz sedutora.

— Tu cozinhas bem e um dia vais acabar mulher de alguém.

— Para de brincar, estou mesmo a falar a sério. Eu já há muito tempo que esperava vir a travar conhecimento contigo. Sabes, cheguei até a enviar-te uma carta. Tinha a certeza de que um dia virias ter comigo. Não sei explicar porquê, mas estava absolutamente convencida disso. Tu és mesmo a pessoa que pôs aquele anúncio estranho no jornal, não és? O que dizia «Vendo a Minha Vida.» É assim, certo?

40

— O quê? Já sabias que o anúncio no jornal era meu quando nos encontrámos na agência imobiliária? Como é possível? Entrei lá por acaso quando ia a passar por ali.

— Eu tenho uma fotografia tua — respondeu Reiko, com toda a calma.

— Uma fotografia? Como a arranjaste?

— Agora pareceste mesmo um detetive. Até me surpreende que alguém como tu se preocupe com ninharias tão pequeno-burguesas.

Ela não disse mais nada. Mas quer ele se tenha encontrado na agência com Reiko por mero acaso, ou não, o certo é que uma fotografia sua, tirada sem ele saber, circulava por aí. Mas por que carga de água? Teria ele passado a ser involuntariamente uma grande estrela num mundo tão imprevisível como este?

Depois de terem comido, Reiko sentou-se ao seu lado. Tomou a cara de Hanio nas mãos e os seus olhos assustadoramente grandes fixaram-se nos dele.

— Então, quer apanhar a minha doença?

— Hum — disse Hanio com pouca convicção.

— Bom, dê por onde der, vou enlouquecer. E, quem sabe, talvez o facto de ficarmos juntos seja o passo que me falta dar na direção do precipício.

As palavras de Reiko provocaram em Hanio uma súbita compaixão por esta jovem mulher, que em tempos perdera a oportunidade de se casar.

Quando Reiko tirou as roupas, Hanio ficou surpreendido pela delicadeza maravilhosa que o seu corpo exibia. Nele não havia qualquer sinal nefasto das drogas, como ele receara, e à luz coada do candeeiro, a sua pele, envolvendo aquela alma inquieta e solitária, parecia suave e imaculada. Os seios volumosos erguiam-se em suaves montes de uma maneira que dava à sua nudez algo de arcaico. A cintura era um pouco mais larga do que imaginou e o

ventre claro erguia-se da zona de penumbra acolhedor e cheio. Todas as partes do seu corpo que os dedos de Hanio tocavam estremeciam em movimentos ondulantes de enorme voluptuosidade. Reiko, ali parecendo tão pacificada ao seu lado, lembrou-lhe uma criança triste e abandonada. No momento final, um ríctus de dor espalhou-se pelo seu rosto, como se lhe estivessem a marcar a carne com um ferro em brasa. Hanio ficou perturbado. Nem queria acreditar no que tinha acontecido. No lençol via-se uma mancha de sangue com forma de pequeno pássaro.

Afastou-se com suavidade, optando por não dizer nada, mas Reiko quis falar.

— Então, ficaste surpreendido?

— Claro que sim. Não sabia que era a tua primeira vez.

Reiko levantou-se sem dizer mais nada e ainda completamente nua voltou com uma garrafa de licor e dois copos numa bandeja, como uma odalisca.

— Agora já posso morrer em paz.

— Não digas asneiras — respondeu ele, sonolento e já a arrastar as palavras. Naquele momento, o cansaço impedia-o de continuar a discorrer sobre a vida e a morte.

41

A pouco e pouco, Reiko foi revelando algumas coisas sobre si. Contou-lhe que sempre tinha querido fazer a experiência do túmulo, como no conto de *As Mil e Uma Noites*, mas faltava-lhe alguém que tivesse o mesmo desejo e o quisesse partilhar com ela. Ao ouvi-la, Hanio percebeu que era uma mulher delicada e tímida, embora a sua aparência e o seu tom de voz pudessem indicar o contrário.

— Tomei a decisão de não me apaixonar por nenhum homem — prosseguiu ela —, porque é evidente que teríamos relações sexuais e eu contagiá-lo-ia de certeza com a minha doença, o que seria horroroso. E mesmo que conhecesse alguém que, por amor, não se importasse de contrair o vírus, há o problema da loucura, que não tarda vai começar a desenvolver-se. Seria uma tristeza muito grande. Por isso, quando alguém fazia uma tentativa mais ousada, eu recusava entregar o meu corpo. E tomava *Hyminal* e metia-me no LSD. Quando chegava ao limite, regressava a casa. Sabia-me bem voltar para os braços da minha mãe, que sempre me tratou com uma ternura ilimitada. Além disso, podem chamar-me o que quiserem, mas, se percebo que é alguém com pouco dinheiro, nem sequer olho duas vezes para o pretendente. Por outro lado, os que têm dinheiro são todos uns velhos libidinosos.

«Eu só me via capaz de perder a minha virgindade com um homem jovem e solteiro, que estivesse na disposição de pagar pelo meu corpo, de pagar pela minha vida, de pagar pelo túmulo maravilhoso que eu ia construir para os dois. Havia outras condições a cumprir, bem entendido. Teria de ser alguém que não se importasse de ficar contagiado com a minha doença, alguém que não tivesse projetos para o futuro, alguém que desejasse morrer comigo quando a hora decisiva chegasse. Nem uma dessas condições podia ser posta de lado. E foi por isso que a tua fotografia provocou em mim uma espécie de faísca, mal a vi. Eu tinha mesmo de ir ao teu encontro.

— Mas onde é que viste essa minha fotografia?

— Importas-te de não interromper? Estou a contar-te como as coisas aconteceram. Sempre esperei que fosses mais bem-educado.

Mais uma vez, Reiko evitava a questão. Hanio pôs-lhe um braço à volta dos ombros e encostou suavemente o seu rosto um pouco zangado ao seu peito. Falou-lhe como se estivesse a dar conselhos a uma criança.

— Vá lá. Tens de acordar desse sonho louco. Estás a comportar-te como uma criança. És uma mulher de trinta e cinco anos que anda com aqueles marginais de Shinjuku e não consegue abandonar a ideia egoísta e hedonista de pintar o mundo em tons de azul, o que é uma ilusão deveras simplista. Se acendermos uma lâmpada azul numa sala pequena, tudo o que lá está fica azul, mas isso não significa que o interior dessa sala se tenha transformado num oceano. Em primeiro lugar, não tens doença nenhuma. Em segundo lugar, não vais ficar louca. É um delírio só justificado pela imaginação infantil, que nem sabe bem o que a loucura é. Em terceiro lugar, não faz qualquer espécie de sentido alguém pensar em matar-se só por medo de enlouquecer. Em quarto lugar, não há ninguém que queira comprar a tua vida. Não consigo perceber porque é que vieste ter comigo, que sou um profissional, para colaborar numa coisa dessas. Quem tem alguma coisa para vender sou eu e não tu. Comprar a tua vida? Deves estar a brincar comigo. Eu não desço a esse nível. Ouve, Reiko, as pessoas que compram as vidas dos outros e as querem depois usar para proveito próprio não passam de psicopatas. Os meus clientes estão ao nível do que há de mais baixo no ser humano e eu não posso senão sentir pena deles. Mas é precisamente por serem assim que me satisfaz que abram os cordões à bolsa para me pagar. Mas tu, apesar dos teus trinta anos, és apenas uma adolescente que acabou de perder a virgindade, que desistiu de esperar alguma coisa da vida por causa dessa fantasia completamente ilusória e que ainda não compreendeu o significado da condição humana. É apenas isso o que se passa. Portanto, digamos que não te enquadras no grupo dos que podem comprar a minha vida.

— Mas eu não quero comprar a tua vida. Quero vender-te a minha.

— Acho que ainda não percebeste. Eu não compro. Eu vendo.

— Eu também vendo.

— És então uma amadora sem experiência no assunto…

— Também não é minha intenção tornar-me profissional.

— Ainda bem, competição seria mau para o meu negócio! — exclamou Hanio.

De seguida, desataram os dois a rir.

42

Assim começou a sua vida a dois e, a princípio, tudo corria bem. Porém, as tentativas de Hanio em fazê-la ver as coisas de modo diferente não surtiam qualquer efeito. Reiko continuava a pensar que estava doente e que iria ficar louca em breve. Recusava terminantemente ser vista por um médico.

— Se um dia me acontecer alguma coisa e perder o juízo, peço-te que me mates logo e me sigas no meu destino. Fazes isso? — dizia-lhe ela, juntamente com outras elucubrações do género.

Hanio respondia-lhe sempre de forma evasiva, mas, de resto, passavam os dias como um simples casal de namorados que tinha começado a viver em comum. Hanio tentava refrear o estilo *hippie* de Reiko e, sempre que saíam para ir ao cinema ou para um passeio, ela vestia-se com roupas simples e elegantes, como qualquer jovem recém-casada. A anterior agressividade dos seus modos passou a dar lugar a uma certa sofisticação.

Uma tarde, foram dar um passeio num pequeno parque perto de casa. Iam ver as cerejeiras em flor, mesmo apesar de muitas pétalas terem sido arrancadas pela chuva torrencial do dia anterior. O parque não era mais do que um estreito pedaço de terra ao lado da linha ferroviária. Para chegar à entrada, Hanio e Reiko tiveram de atravessar uma passagem de nível, situada na estrada ao longo da qual tinham caminhado. Não havia uma única nuvem no céu, o que indicava tempo quente, mas a chuva do dia anterior arrastara uma quantidade enorme de pétalas e jornais empapados para junto do portão da entrada do parque. No parque infantil, entre baloiços, barras de elevação e estruturas de trepa-trepa, havia cerejeiras enormes, de antiga idade, mas, estranhamente, não se ouvia qualquer criança. E nesse silêncio absoluto, a superfície metálica daquelas armações de ferro refletia a luz do sol poente, por entre as flores que iam caindo. O casal dirigiu-se a um banco. Um vulto empoleirado num baloiço chamou-lhes a atenção. Balouçava-se para trás e para a frente e pétalas de flores caíam à sua volta. Era um homem de idade e notava-se-lhe a gravata bonita.

Quando Hanio se sentou no banco com Reiko, olhou para o velho e ficou com a sensação de já o ter visto anteriormente. Naquele momento, tirava amendoins de um dos bolsos com a mão enrugada e metia-os na boca, ao mesmo tempo que, com a outra, segurava numa marioneta de luva.

As marionetas de luva podem ser bastante difíceis de manejar; o dedo indicador é inserido na cabeça e controla os seus movimentos, ao passo que o polegar e o médio fazem o mesmo em relação aos braços. As que se encontram à venda nas lojas representam invariavelmente animais, simpáticas rãs e palhaços, destinando-se sobretudo a crianças. Mas a marioneta que o velho tinha na mão estava longe de poder ter como destinatário qualquer criança. Era uma mulher, usava um vestido de noite de cetim vermelho escarlate de primeira qualidade e exibia seios protuberantes. O seu rosto imitava o de uma modelo e tinha os lábios pintados com um batom tão fogoso quanto o vestido. O velho movia a cabeça e os membros da marioneta de uma forma desajeitada, segurando-a ao alto por entre as pétalas que caíam, sem parar de comer amendoins. Fazia com que a cabeça se movesse de um lado para o outro e para cima e para baixo. Parecia divertir-se ao olhar esses movimentos. Depois, deixava-a tombar para o seu próprio peito, enquanto continuava a mastigar prazenteiramente. Parecia que a marioneta se inclinava perante o velho a pedir-lhe desculpa por alguma coisa.

Hanio e Reiko ficaram fascinados, mas não quiseram interferir no curioso divertimento do homem, tendo, por isso, permanecido em silêncio. Nesse momento, cruzaram-se dois comboios em direções opostas fazendo um ruído assustador.

O velho, com um colarinho de camisa imaculado em volta do pescoço delgado e seco, virou-se devido ao ruído e, de repente, o seu olhar encontrou o de Hanio. Levantou-se imediatamente, com uma expressão de medo no rosto. O baloiço onde tinha estado sentado oscilou, bateu-lhe nas pernas e ele deu um passo para o lado, agarrando-se com a mão livre à armação de metal.

— Você anda a seguir-me. Prometeu que ia deixar-me em paz, mas anda a seguir-me — gritou ele.

— Isso não é verdade — disse-lhe Hanio. —Encontrei-o por mero acaso. A surpresa é mútua.

— Está a falar a sério?

O velho afastou-se do baloiço e aproximou-se do banco, com a marioneta pendurada na mão e a olhar ainda de forma desconfiada, mas ao ver Reiko sentada tranquilamente ao lado de Hanio pareceu ficar mais à vontade.

— Esta senhora é sua cliente? — perguntou ele, apontando para Reiko com o queixo.

— Não, deixe-me apresentá-la. É a minha mulher e vivemos aqui na zona desde que casámos.

Reiko inclinou levemente a cabeça sem dizer nada.

— Então, muitos parabéns! — disse o velho, um pouco desconcertado. — Posso fazer-vos companhia?

— Claro que sim.

O velho sentou-se no banco com a marioneta sobre os joelhos. Parecia estar com dificuldade em continuar a conversa, ao mesmo tempo que lhe saía por entre os dentes o seu típico som sibilante.

— Como é que consegue comer coisas duras como amendoins com esses seus dentes postiços? — perguntou Hanio com toda a naturalidade. Aquele som trazia-lhe boas memórias.

— Foram feitos de propósito para mim. O seu único defeito é fazerem barulho quando expiro. Quer vê-los?

— É muito gentil da sua parte…

O velho tirou a marioneta da mão e guardou-a no interior do casaco. Depois, meteu os dedos na boca e retirou a dentadura. Os caninos, longos e afiados, apareciam de cada lado dos incisivos e os molares eram em forma de serra.

— Parecem mesmo feitos para vampiros — disse Hanio, depois de os ter olhado com atenção.

A dentadura tinha pequenos pedaços de amendoim mastigado e o velho voltou a pô-la na boca.

— Comer amendoins com estes caninos é canja — explicou ele. — E com os molares posso mastigar carne à vontade. Sabe, eu pertenço àquele género dos que vivem para comer… Mudando de assunto, dá-me ideia de que virou uma página na sua vida.

— É verdade, e tenho de lhe agradecer por isso.

— Não posso deixar de ficar impressionado. Não havia negócio mais perigoso do que o seu e olhe para si agora, vivo da costa e ainda por cima casado. Já eu… eu…

O velho tirou a marioneta novamente para fora e mostrou-a a Hanio.

— Olhe, esta é Ruriko.

Hanio pô-la na palma da mão. Tinha um ar tão pálido e inanimado que a palavra *cadáver* lhe ocorreu de imediato. A sensação foi tão arrepiante que se apressou a devolvê-la. Depois de observar com mais atenção, verificou que a marioneta não se parecia exatamente com ela, mas quando o velho lhe inclinou a cabeça, colocando-a num determinado ângulo, o rosto era a imagem viva de Ruriko quando estava deitada, e Hanio estremeceu.

— Foi tão triste o que lhe aconteceu. O senhor deve odiar-me — disse Hanio.

— Pelo contrário, até lhe estou grato. O destino da Ruriko era a morte, não há volta a dar a isso, e até foi uma sorte tê-lo encontrado antes de se ir embora deste mundo.

De repente, Reiko beliscou a coxa de Hanio com tal força que ele deu um salto, obrigando o velho a saltar também.

— Ei, não me inquiete. Já não tenho idade para certo tipo de sobressaltos — queixou-se o velho com certa amargura. — Mas ela era realmente incrível. Absolutamente única. Era como essas pétalas espalhadas pelo chão ao pôr do sol: atraente e vistosa, mas também fria e distante… Qualquer homem que dormisse com ela, jamais a esqueceria. É de admirar que alguém tenha sentido vontade de a matar? Não me parece. As leis não têm nada a ver com esse tipo de impulsos. Todos vivemos debaixo de uma montanha de culpa. E ela não morreu às minhas mãos. Tratou-se de um castigo divino, é a única explicação.

Como a divagação do velho parecia nunca mais chegar ao fim, Hanio fez um sinal a Reiko e levantou-se.

— Bom, temos de nos ir embora. Não vou pedir-lhe a sua morada e também não vale a pena saber a nossa. Cuide de si.

— Espere um momento, por favor. — O velho levantou-se e agarrou Hanio pela camisola. — Se julga que pode continuar a vender a sua vida, está muito enganado. Eu sei que corre perigo de vida e que o andam a vigiar. Vão assassiná-lo mal lhes seja conveniente. Tome cuidado.

43

O encontro com o velho teve um efeito deveras perturbador em Hanio. Até àquele momento, nunca tinha pensado que os seus atos pudessem ter relação entre si ou fizessem parte de uma sequência. De cada vez que pusera a vida à venda, criara um ato individual e único, era como se tivesse lançado um ramo de flores ao rio e fosse repetindo o mesmo gesto dentro de outra história. As flores podiam ser levadas pela corrente, ir ao fundo ou flutuar até ao mar, mas nunca pensou que alguém as pudesse recolher e as pusesse num vaso.

Nessa noite, os atos de amor entre os dois fizeram-nos chegar ao sétimo céu. Quando tudo acabou, os olhos de Reiko emitiam uma luz de doçura e suavidade.

— Consigo imaginar-me a viver o resto dos meus dias contigo — disse Reiko, com sinceridade.

— O quê? Estava convencido de que a tua ideia era transformar este sítio num confortável túmulo para dois.

— Sim, começou por ser isso. Eu só pensava em encontrar alguém que estivesse disposto a comprar a minha vida. Estava tão obcecada em encontrar o homem certo que não conseguia ver como estava a ser egoísta. Mas depois encontrei-te e foi o melhor que me podia ter acontecido. Eu tinha metido na cabeça que, sendo filha de uma família endinheirada, só me davam valor por causa disso. Daí que me interessasse apenas alguém que, ao alugar a casa, incluísse também no acordo a rapariga doente. Por outro lado, eu não suportava a ideia de alguém o fazer por piedade, isto é, de viver e morrer comigo só por ter pena de mim. Seria uma espécie de maldição.

— Mas tu não estás doente.

— Só dizes isso por simpatia.

— De maneira nenhuma. É a mais pura verdade. Estás a ser tonta.

— Quando descobrires que te infetei, vais ficar muito zangado e isso preocupa-me imenso. Por mais simpático que queiras ser

agora, quando me vires enlouquecer, vais arrepender-te disto tudo e abandonar-me num abrir e fechar de olhos. Não tenho qualquer dúvida. Temos apenas os momentos do presente e é disso que quero desfrutar. Casar-me contigo, termos um filho, levarmos uma vida normal é um sonho, eu sei. Mas um sonho que, até te encontrar, não fazia parte dos meus pensamentos.

Reiko continuou a falar em pormenor do seu sonho cor-de-rosa e Hanio não pôde deixar de ficar surpreendido com a banalidade da sua imaginação. Via-se a cumprir o papel de esposa feliz e amorosa, que daria à luz um filho perfeito, embora, segundo as suas palavras, fosse obrigada a uma cesariana devido a algumas complicações que teria durante a gravidez. Muito antes de engravidar, como é óbvio, deixaria evidentemente de consumir *Hyminal* e LSD.

— Porquê cesariana? — interrompeu-a Hanio.

— Bom, porque já estarei um pouco velha para ser mãe pela primeira vez e, por isso, podem surgir problemas — respondeu Reiko, num tom de voz despreocupado.

Não se detendo, prosseguiu com as suas fantasias. A casa, que preparara para ser um túmulo confortável, tornar-se-ia uma casa de família e o salão de chá teria de ser remodelado. Cortariam o denso aglomerado de arbustos em redor da casa e limpariam a entrada virada a sul da maior parte da vegetação, a fim de que a casa pudesse receber toda a luz do sol. O livro *As Mil e Uma Noites* seria substituído por um manual de puericultura. Hanio voltaria a trabalhar numa empresa, como antigamente, e um lulu guardaria a casa quando estivessem fora. O tradicional arranjo de pedras no jardim luxuriante seria substituído por um relvado com um baloiço. Reiko trataria as flores à volta desse relvado com a máxima dedicação. E quando o verão chegasse havia de comprar uma casa de formigas. Estas casas estavam agora muito na moda e ela não poderia deixar de comprar uma para o filho que, no fundo, nunca lhe seria permitido ter.

Uma casa de formigas consistia numa pequena caixa de plástico com os lados transparentes para se poder ver a areia branca e grossa lá dentro. A base era verde e sobre ela encontravam-se

miniaturas que reproduziam os objetos existentes em casas de campo, bosques ou montes. Havia buracos em todos os lados e mal se introduziam neles formigas obreiras, elas começavam a escavar a areia branca para construírem os ninhos. Tudo o que se passava no interior era visível ao espectador. Era um brinquedo concebido para estimular a curiosidade e o espírito de investigação das crianças.

— É divertido, não é, meu amor? — diria Reiko à sua criança imaginária.

— Sim, mamã — responderia a criança.

— Ah, já são cinco horas. A mamã tem de ir fazer o jantar.

— Sim, mamã.

— Agora, meu querido, ficas aqui um bocadinho dentro do parque a brincar, está bem? O papá chega todos os dias por volta das seis e um quarto e eu tenho de começar já a fazer o jantar. Enquanto a comida fica ao lume, vou num instante maquilhar-me para estar bonita quando o papá chegar. Porta-te bem, sim? Já não és nenhum bebé, podes ficar aqui a brincar sozinho, não podes?

— Sim, mamã.

Hanio ouvia, com um sentimento crescente de horror, esta descrição de uma vida imaginária que Reiko ia fazendo. Nada daquilo diferia muito da vida de uma barata! A sensação com que ficou foi de que as suas palavras reproduziam a imagem das filas de baratas correndo pelas páginas de um jornal. Não tinha decidido suicidar-se precisamente para evitar que os seus dias acabassem assim?

A convicção de Reiko estar irremediavelmente doente era, claro está, uma fantasia total. Mas o facto de o ser significava que teria imenso tempo para transformar o seu sonho em realidade. Como poderia Hanio escapar a isto? A pouco e pouco, e por incrível que pareça, começou a tentar convencer-se de que Reiko estava realmente doente. Talvez aqueles delírios, pensou ele, fossem sintomas da doença que ela dizia ter.

— Eu sei que tudo isto não passa de uma utopia — disse Reiko. — Só estou a fantasiar porque olho para ti e te vejo tão saudável.

Quanto a mim, tenho a certeza de que me espera a loucura, mais cedo ou mais tarde.

Hanio começou a sentir que havia qualquer coisa de obsessivo na preocupação de Reiko pela sua saúde e, a partir daquele momento, achou por bem manter-se em silêncio. Qualquer coisa lhe dizia que algo de maior dimensão se estava a passar ali. Durante a madrugada, mesmo um pequeno túmulo de prazer como aquele não estava completamente isolado do mundo. Lá fora, a vida noturna continuava o seu ritmo agitado. Na noite primaveril, as buzinas dos automóveis irrompiam de forma estridente desde a curva que ladeava a colina, fazendo lembrar as asas brilhantes de um peixe voador a saltar no meio de um mar escuro e denso. Nada serve, nada. «Será que se pode encontrar alguma coisa interessante para fazer?» É a pergunta que, em vez do cumprimento habitual, fazem dez milhões de pessoas frustradas quando estabelecem contacto nesta enorme cidade. Quanto aos jovens notívagos, contorcem-se no meio da multidão como faixas de plâncton. É a insignificância da vida humana. A paixão extinta. O prazer e a alegria tão efémeros como o sabor da pastilha elástica que se mastiga até ao fim. O que se pode fazer, então, senão cuspi-la para o chão? Há governantes que, baseados na ideia de que o dinheiro resolve tudo, atacam os contribuintes com uma carga excessiva de impostos. O Japão de hoje está dominado pelo dinheiro assim obtido e pelo brilho falso que dele emana. Existe, mas não é possível usá-lo em proveito próprio. Todas as coisas da vida se parecem com esse roubo legal que é feito às pessoas. Contudo, se cedemos ao que nos vai na alma e não pagamos, passamos a ser considerados criminosos e separam-nos da sociedade. Na grande cidade, a tentação seduz, mas a satisfação é nula. E era esse o inferno que parecia preparar-se no pequeno e confortável túmulo de Hanio e Reiko, onde os demónios começavam a mostrar as suas garras.

Os pensamentos de Hanio voltaram-se para questões que exigiam uma resposta mais imediata. Seria possível que Reiko fosse afinal uma mulher simples, pura e tímida, que engendrara um estratagema complicado para se proteger?

Reiko, ainda muito no papel de esposa devota, levantou-se da cama, vestiu o roupão e perguntou a Hanio:

— Queres tomar uma bebida antes de dormir?

— Boa ideia. Apetecia-me uma coisa doce. Que tal um licor de cereja?

— Acho que também vou beber um.

Dirigiu-se ao armário de canto, tirou dois copos e serviu as bebidas. Regressou com uma bandeja prateada sobre a qual pousavam os copos cheios com o líquido vermelho escuro.

— À nossa! — disse Reiko, com um sorriso ao mesmo tempo terno e atrevido. Tocaram nos copos um do outro e levaram-nos aos lábios.

Mas, no momento exato em que ia beber, Hanio reparou que os dedos de Reiko tremiam ligeiramente. Tirou-lhe o copo com rapidez das mãos e despejou o conteúdo na bandeja prateada, que ficou toda coberta de vermelho escuro. Depois, cheirou o seu próprio copo e verteu-o de igual modo na bandeja, deixando-a quase a transbordar.

— Como foste capaz de fazer uma coisa destas? — gritou-lhe Hanio, ao mesmo tempo que a abanava pelos ombros, irado.

— Pensei que estavas a compreender. Achei que este era o momento ideal para morrermos juntos — respondeu ela, deixando-se cair no chão a chorar.

— Mas eu não quero isto — disse-lhe Hanio frontalmente, cruzando os braços à frente do peito e sentindo o coração a bater com força, muito mais acelerado do que quando enfrentou a morte em ocasiões anteriores.

— Como és cobarde! Não tinhas a vida à venda? O que te fez mudar de ideias?

— Estás a confundir tudo. Não me lembro nada de te ter vendido a minha vida. Se há aqui alguém a pagar sou eu.

— Queres dizer que não estás interessado em morrer comigo?

— Basta dessas pieguices. Isto já está a ser patético! Se estás tão desejosa de desistir da tua vida, ao menos mostra um pouco mais de coragem. Mas decidas tu o que decidires, fica a saber que a minha vida só a mim diz respeito. Estou perfeitamente pronto a

vendê-la, desde que seja eu a decidir. Mas quando outra pessoa, por puro egoísmo, se põe a enrolar-me com conversas e depois tenta envenenar-me sem eu saber, isso eu não posso aceitar. Por quem me tomas? Não sou esse tipo de pessoa.

— Então que tipo de pessoa és? Diz lá!

Hanio ficou sem saber o que dizer. A verdade é que não tinha bem a certeza que tipo de pessoa era. As palavras fortes e zangadas que acabara de proferir ficaram a pairar no ar como se estivessem dentro de balões. Nunca imaginara que tais pensamentos pudessem materializar-se assim. Devia haver algum motivo para estar a reagir daquela maneira, mas não conseguia perceber qual. Talvez fosse possível que tudo se devesse ao facto de já não querer morrer.

Será que estava a trair tudo aquilo em que acreditava? A morte é a morte, de uma maneira ou de outra, não é verdade? Pôr a vida à venda ou ser assassinado não vai dar ao mesmo? Podia atribuir um significado importante ao facto de estar sempre a agir de acordo com a liberdade inerente à sua vontade individual, mas a verdade é que a razão para ter começado o negócio de vender a vida se deveu ao suicídio falhado. Com esse estratagema, procurou não mais do que a oportunidade de morrer pela mão de outra pessoa. Não se tinha dedicado àquele negócio para ter lucro. E, no entanto, ali estava ele a engrossar a conta bancária com o dinheiro que os seus clientes lhe iam pagando. Ponderando bem, talvez a melhor forma de ele deixar a vida fosse no contexto de uma situação inesperada, tal como Reiko tentara fazer. Talvez a morte que Reiko tinha andado a conceber provasse que ela era, na verdade, uma mulher honesta, simpática e gentil, cheia das melhores intenções!

Os seus pensamentos continuavam a assaltá-lo e o coração batia apressado. Seria medo o que estava a sentir? A partir daquele momento, Hanio não podia permitir-se baixar as suas defesas.

44

Nessa noite nada mais aconteceu, mas a partir daí a sua relação com Reiko tornou-se extremamente tensa. Ficava desconfiado sempre que ela lhe oferecia alguma coisa para comer ou beber.

— Não está envenenado — dizia Reiko, em tom de brincadeira. — Já provei.

Receando que Hanio pudesse tentar fugir, ela usava de todas as cautelas. Mesmo quando dizia estas piadas, os seus olhos destilavam veneno. A mulher que anteriormente falava das coisas de forma simples, como se fosse uma criança, punha agora desprezo em cada palavra que dizia.

— Tens tanto apego à vida, afinal. Toma cuidado para não apanhares uma constipação. Seria uma tragédia do outro mundo… Já vi que vou ter de cuidar muito bem de ti para teres uma vida longa… Ah, é verdade, não seria boa ideia arranjarmos um lulu? Não sei porquê, mas não me sinto totalmente segura. Se acontecer alguma coisa, não te estou a ver armado em príncipe encantado para me salvares… Olha, e deixa-me dizer-te que ficas uma pilha de nervos sempre que estamos à mesa. É insuportável. Se calhar não era má ideia misturar algo mais «nutritivo» na tua comida…

Sempre que ele ia à rua, Reiko acompanhava-o, obrigando-o também a ir com ela quando saía.

Começou a exagerar nos comprimidos para dormir. O seu gosto tornou-se cada vez mais ousado e estava sempre a criar peças de vestuário excêntricas. Baseando-se nas tradicionais lanternas de papel, criou um vestido de forma abobadada que lhe rodeava o corpo e com o qual foi com Hanio a um clube noturno. Com a dança ao rubro, gritou: «Sou uma lanterna de papel e estou a arder de desejo. Rasguem-me, rasguem-me, lá dentro está o meu fogo!» Os rapazes arrancaram-lhe o vestido e ela ficou a dançar freneticamente, apenas com um saiote vermelho a tapar-lhe o corpo.

Quando a via completamente drogada, Hanio procurava uma oportunidade para fugir, mas ela percebia logo, pondo-se à sua

frente a barrar-lhe o caminho e perguntando-lhe se queria ir a algum lado. Até mesmo quando ia à casa de banho, ela ia atrás dele e esperava-o à porta. Sob o efeito de drogas, como se sabe, Reiko tinha capacidades de adivinhação, e disse-lhe:

— Estás a preparar-te para fugir esta noite, não estás? Mas eu não vou deixar. Sei perfeitamente que andas sempre com o livro de cheques para poderes fugir se a oportunidade surgir. Até dormes com ele. És um cobarde. Só pensas em ti.

Continuou aos gritos enquanto iam dançando ao som de uma batida puxada.

— Ganancioso! Se tentares abandonar-me, mato-te. Por isso, acho que é melhor ficares muito quietinho onde estás se queres continuar a viver. Então, não dizes nada? Às tantas, já dei em louca… Nunca pensei que fosse tão divertido. Mas agora que sei como é, quem me dera ter enlouquecido mais cedo.

Uma noite, quando estavam na discoteca, Reiko pediu-lhe que a acompanhasse à casa de banho das senhoras, porque não estava a sentir-se bem. Ele não podia dizer que não, mas outra cliente viu, fez um escândalo enorme e foi queixar-se. O gerente agarrou-o pelo pescoço e expulsou-o.

Era a oportunidade por que Hanio esperava!

Entrou no labirinto de ruas e vielas escuras com passo firme, mas sem correr, para não levantar suspeitas. Passavam poucos táxis por ali àquela hora, mas, por outro lado, também receava abordar um taxista e ser depois obrigado a manter conversa com ele enquanto pensava no destino que lhe devia indicar. Sentindo o perigo espreitar a cada momento, decidiu que o melhor era continuar a andar sem se deter. Desesperado por encontrar um lugar seguro, seguiu sem critério. Passou por ruas de bairros residenciais e atravessou vielas pejadas de letreiros luminosos, pisou ratos de esgoto e afastou prostitutas que lhe puxavam pela manga.

Acabou por chegar a uma zona esconsa e deteriorada da cidade, onde havia casas de um só piso como que amontoadas debaixo de uma ponte ferroviária. O terreno à volta estava coberto de detritos. A rua não era pavimentada. Conseguiu distinguir no meio da

escuridão enormes pedras que ali ficaram após a conclusão das obras.

Hanio apercebeu-se subitamente de que se tinha concentrado apenas em caminhar. Abrandou um pouco o passo, limpou o suor da testa com o lenço e ao dobrar uma esquina sentiu que alguém o perseguia dissimuladamente. O som dos passos tornava-se mais forte quando ele aumentava o ritmo e cessava quando ele parava.

45

Olhou para trás e não viu ninguém, mas quando começou a andar mais depressa, voltou a ouvir o som de passos que pareciam segui-lo. Hanio decidiu ignorá-los, pois talvez não passasse de imaginação sua ou fosse apenas o eco dos seus. Um pouco mais à frente viu que se aproximava de uma rua comercial bem iluminada. Tinha decidido resguardar-se, indo por ruas mais escuras, mas sentiu de repente um impulso a dirigir os seus passos até essa zona cheia de luz. Apressou-se e, mal o fez, sentiu uma ferroada na coxa. «Nesta época do ano não pode ser um mosquito», pensou Hanio. A dor passou logo e ele continuou a andar, suspirando de alívio ao chegar à rua larga e bem iluminada. Àquela hora, como é natural, todas as lojas estavam fechadas. Era um tipo de rua muito comum nas cidades, com um arco luminoso de um lado ao outro, uma profusão de letreiros e montras iluminadas excessivamente e com o ruído intenso do tráfego durante grande parte do dia.

À esquina de uma viela, que dava para a rua onde se encontrava, Hanio viu uma lanterna de papel que iluminava uma tabuleta com caracteres brancos que publicitava um hotel:

Dormida (noite): 850 ienes
Descansar: 300 ienes

Olhou para ver se alguém o seguia, atravessou a rua, certificou-se novamente de que não havia ninguém à vista e entrou na viela. O Keikou-kan, como se chamava, era de pequenas dimensões e claramente um hotel de engate. Hanio não deixou de considerar estranho que um hotel com aquelas características estivesse numa zona assim. À entrada, havia uma lâmpada redonda, de luz fraca e coberta de insetos, cujos corpos, rodopiando à sua volta, evocavam a efemeridade da vida. Abriu a porta envidraçada, mas na receção não havia ninguém.

Hanio tocou no botão amarelo da campainha rachada, sobre a qual havia um cartão que dizia: «Se não estiver ninguém, toque à

campainha.» Ouviu lá dentro um toque suave. Alguns instantes depois, ouviu o som de alguém a tropeçar, a deixar cair qualquer coisa e a resmungar. A seguir, um ataque de tosse. Por fim, apareceu uma velha de baixa estatura.

— Precisa de um quarto? — perguntou ela, olhando-o fixamente nos olhos.

— Sim, minha senhora. Tem algum quarto disponível?

Hanio sabia que a resposta seria afirmativa, mas perguntou por cortesia.

— Já não tenho nenhum quarto bom, infelizmente. Corre-nos bem o negócio, apesar de a economia não estar grande coisa. Só temos o básico, não há ar condicionado nem nada disso e, no entanto, os clientes continuam a vir, mesmo no verão. Estamos um pouco afastados dos grandes centros e talvez seja por isso que as pessoas se sentem mais à vontade. Suponho que é a mesma sensação que têm quando vão a uma casa de penhores.

Hanio percebeu imediatamente que aquele hotel devia ser daqueles onde se pode assistir a sexo ao vivo. Pelo modo como falara dos «quartos bons», teve quase a certeza de que não tardaria a propor-lhe, aí por uns cinco mil ienes, um compartimento equipado com olho mágico. Bem, tinha de admitir que era muito hábil com as palavras. O modo como insinuou o serviço especial que forneciam, mencionando a quantidade de clientes que frequentavam o hotel durante o verão, mesmo sem haver ar condicionado, foi genial.

— Não me importo de ficar num que seja um pouco pior — disse Hanio, secamente. — São oitocentos ienes por noite, não é?

A mulher ficou muito séria, como se lhe tivessem fechado uma porta na cara. Conduziu-o ao primeiro andar, mostrando-lhe um quarto que dava para as traseiras, pouco maior do que um armário, e recebeu o dinheiro.

— O *futon* e a roupa de cama estão no roupeiro. Desenrole-o quando quiser dormir.

Depois de dizer isto, virou-lhe costas e desceu as escadas, que rangeram à sua passagem. Não lhe parecia que tivesse ido fazer chá para lhe trazer.

Hanio, sentindo-se exausto e com uma enorme vontade de se deitar, esteve quase a pedir-lhe que fizesse o favor de preparar a cama, mas só de pensar no seu olhar severo preferiu não dizer nada.

O pequeno e exíguo quarto tremia com a vibração do tráfego, tão intenso que parecia passar por dentro do próprio hotel. O barulho da cidade àquela hora da noite fez-lhe lembrar o rugido do mar. Ao fundo do corredor, uma mulher gritou, mas os seus gritos foram seguidos por uma série de gemidos tranquilos e Hanio achou que não devia ser caso para preocupação. Sentia-se no ar um leve cheiro a casas de banho.

Do lado de fora daquele teto, havia um céu estrelado envolto em nuvens de poluição e no momento em que, com o braço sobre a almofada, Hanio olhou para as manchas de humidade nele, julgou entender os desígnios do Altíssimo. O céu vasto e estrelado tanto está por cima de uma sala de congressos cheia de candelabros cintilantes como por cima deste hotel tristonho e abominável. Por baixo do céu, a mais pungente solidão não é melhor nem pior do que a felicidade e o sucesso. Por outras palavras, o céu estrelado não varia, seja qual for o lugar onde estejamos. Sabia que essa era uma verdade absoluta. E era a razão pela qual a falta de sentido para a sua vida estava diretamente relacionada com o firmamento. Escondido naquele tugúrio, Hanio sentiu-se, de certa forma, um *Principezinho*.

Tirou o *futon* húmido do roupeiro e pô-lo no chão. Apetecia-lhe deitar-se logo, sem sequer se despir, mas acabou por tirar as calças para se sentir mais confortável. De repente, sentiu uma dor súbita na coxa. Era como se uma pequena lasca se tivesse alojado na sua pele, por baixo das calças, mas não conseguia vê-la. Usando a luz do quarto, conseguiu descobrir um fragmento partido da lasca enterrado na pele, como se de um ponto negro se tratasse. Não sangrava, mas doía-lhe um pouco.

Por mais que tentasse, não era capaz de adormecer. Continuava a ser assaltado pela visão da cara de Reiko a olhar fixamente para ele e com as mãos a tatearem dentro da casa das formigas. Depois, apanhava duas ou três e atirava-lhas à cara. A dor na perna parecia

estar a causar-lhe febre. Sentia-a quente e pesada, o que o impedia de adormecer.

46

No dia seguinte, às primeiras horas da manhã, abandonou o hotel e, arrastando a perna dorida, foi à procura de uma farmácia que estivesse de serviço. Deram-lhe uma pomada e um antibiótico sem sequer lhe verem a ferida. Hanio entrou num café ali perto e fez ele mesmo o curativo. Sentiu-se um pouco melhor.

Parecia-lhe que, dadas as circunstâncias, a melhor maneira de evitar ser reconhecido era viver num grande hotel, fazendo vida de cliente rico. Decidiu comprar malas de viagem de boa qualidade e roupa apresentável. Só tinha de esperar que o banco abrisse.

Quando chegou ao Hotel K., já era quase meio-dia. O quarto tinha uma vista bastante agradável e ele estendeu-se na confortável cama de casal com a esperança de poder compensar a falta de sono da noite anterior. A dor na perna parecia ter atenuado. Pensou aplicar mais pomada e, aproveitando a luz que entrava pela janela, voltou a examinar o local da ferida.

Estava um dia maravilhoso de maio. Havia algumas nuvens dispersas sobre a autoestrada, na qual filas de carros — que, vistos de longe, pareciam todos miniaturas — avançavam a um ritmo constante. Estava a conseguir, finalmente, alguma distância em relação ao que se estava a passar e tentou analisar tudo com mais discernimento. A ideia delirante de estar a ser perseguido tinha origem em Reiko. E, na sequência disso, lembrou-se da fotografia que ela lhe disse ter visto. De onde viera? E porque andaria a circular por aí?

O facto de estar a fazer estas perguntas a si mesmo provava de forma clara que tinha apego à vida. Se assim não fosse, não se preocuparia com nada. Embora, vendo bem, recusar uma morte que não se deseja e ter apego à vida não seja exatamente a mesma coisa. Calmamente, sob a luz clara, examinou de perto a coxa. Limpou os restos de pomada e observou o bocado ainda preso no músculo. Tinha uma forma demasiado definida e uma cor demasiado escura para ser de madeira, assemelhando-se mais a um arame. Parecia mais grossa e cónica do que quando a vira na

noite anterior. Deve ter penetrado bem fundo e não admira que tivesse provocado uma infeção. Deu voltas e voltas à cabeça, mas não conseguiu lembrar-se de como aquilo tinha ido ali parar. Quando ouviu passos, escondeu-se entre caixotes do lixo e é bem possível que tenha sido aí que o arame se lhe espetou na carne. Pensando melhor, não, tinha quase a certeza de que tinha sido enquanto caminhava. Por outro lado, não deixa de ser estranho uma coisa assim poder acontecer em movimento. Fazendo um esforço para se lembrar do máximo de pormenores possível, pareceu-lhe ter ouvido um som sibilante a cortar o ar no momento em que sentiu a ferroada, mas tinha dúvidas, admitindo que fosse produto da sua imaginação.

De repente, Hanio desatou a rir à gargalhada. Chegara a um ponto de preocupação tal consigo mesmo que só podia rir. É incrível como se tornara neurótico! Logo ele, que sentira calma e tranquilidade quando a vampira lhe sugava o sangue diariamente. Agora que pensava nisso, voltou-lhe à mente algo que já sabia há muito tempo e de que se tinha esquecido: viver e estar preocupado eram uma e a mesma coisa. Talvez o facto de se preocupar tanto significasse que ele tinha recuperado a sua «vida» e ainda não tinha consciência disso.

Prometeu a si mesmo ir ao médico se a ferida piorasse. Aplicou um pouco mais de pomada, tomou o antibiótico e caiu num sono reparador.

Quando acordou, era já noite. Estava com fome e pensou em descer ao restaurante, mas só de pensar que podia despertar a atenção dos outros clientes desistiu da ideia. Sentia algum medo, sem sombra de dúvida. E a possibilidade de mostrar esse medo em público afligiu-o. O melhor era jantar no quarto, tranquilamente, como, de resto, gostava, e lançar os medos para trás das costas. Não precisava de se preocupar com os outros e tinha dinheiro mais do que suficiente para gastar.

Ligou para o serviço de quartos e pediu um bife do lombo, uma salada Waldorf e uma garrafa de vinho. Quando o empregado entrou no quarto a empurrar o carrinho com as rodas a chiar, olhou para o seu rosto, onde se viam marcas de acne. Era alto e de

expressão altiva. Hanio não se admirava que pudesse pertencer a uma qualquer organização. E a verdade é que todos os filiados numa organização têm em mente aniquilar os que vivem em isolamento.

A comida e o vinho eram excelentes. Viu televisão até muito tarde, mas não conseguiu dormir devido à sesta que tinha feito antes. Ao olhar para a imagem parada e brilhante da televisão, após a programação ter terminado, imaginou que o rosto de Ruriko, ou de Reiko, ou da vampira, iria aparecer de um momento para o outro e começar a falar com ele. Mas o ecrã, cheio de chuva luminosa, não sofreu alterações.

Por volta das duas da manhã, começou a bocejar e decidiu deitar-se, convencido de que os bocejos eram sinal de sono. Mas, quando se dirigia à casa de banho, ouviu alguém bater discretamente à porta.

«Deve ser um cliente», pensou Hanio de imediato. Mas como era possível que um cliente fosse até àquele lugar para lhe comprar a vida? Não só tinha cancelado o anúncio no jornal há bastante tempo, como se registara com um nome falso. Como poderia alguém saber do seu paradeiro? Quem estaria ali?

Bateram novamente à porta, desta vez com mais força. Hanio decidiu arriscar e abriu a porta com convicção.

— O que deseja? — perguntou Hanio.

— É o Sr. Tanaka? — perguntou um homem, com uma voz forte e penetrante.

— Não, não sou.

— Peço desculpa pelo incómodo — respondeu o homem num tom de voz neutro, que não mostrava sinceridade.

Hanio viu o homem dar meia-volta e caminhar pelo corredor até à saída. Quando fechou a porta, sentiu o coração acelerado.

«Porquê fazer uma pergunta e desaparecer de seguida?», interrogou-se Hanio. «Há aqui qualquer coisa que não bate certo. Devem ter-me encontrado. Amanhã tenho de mudar de hotel.»

Trancou a porta, ainda a matutar nisto, e preparou-se para se ir deitar. Mas foi incapaz de adormecer. A dor na perna não o incomodava muito, mas não conseguia deixar de pensar que o

homem podia andar por ali a rondar. Sentira-se verdadeiramente destemido quando pôs a vida à venda pela primeira vez, mas agora um medo agudo e envolvente penetrava-lhe o peito, como se tivesse um gato nos braços e este lhe cravasse as unhas.

47

No dia seguinte, de manhã cedo, Hanio pagou a conta e refugiou-se num outro hotel de luxo, levando apenas consigo uma mala vazia. Não estava nada interessado em mostrar-se na rua, pelo que passou o dia todo a ver televisão e pouco mais. E como não fez qualquer espécie de exercício, também não sentia apetite.

À medida que a noite se aproximava e o hotel ia ficando mais silencioso, sentiu a ansiedade a aumentar gradualmente. Apetecia-lhe fugir para longe dali, mas tinha a certeza de que os passos misteriosos que o perseguiram continuariam a fazê-lo.

Pela primeira vez desde há muito tempo, Hanio pressentiu que alguma coisa estava prestes a acontecer. No passado, quando decidira abandonar a sua relação com a vida e com o tempo, e ia esperando que os clientes aparecessem e fizessem negócio com ele, nada o perturbava. Mas agora, sentia-se ansioso por causa de algo que ainda não tinha conseguido identificar, como se tivesse detetado os sinais de um novo amor. Era a primeira vez que tinha a sensação de que o futuro podia representar alguma coisa importante e essencial.

Às duas da manhã, entreabriu a porta e espreitou para ver se não havia ninguém do lado de fora. O corredor era igual ao de um hospital e podia muito bem ir dar a uma morgue. Apenas se via, do lado oposto ao elevador, uma única cadeira vermelha de cabedal, que refletia a luz fraca de um aplique.

Hanio não ficou surpreendido quando, pelas duas e meia, ouviu bater à porta. Como não reagiu, bateram de novo. Depois de muita hesitação, acabou por abrir. Um homem gordo e baixo, completamente diferente do da noite anterior, estava ali à sua frente.

— O que deseja?

— É o Sr. Ueno?

— Não, não sou.

— Desculpe o incómodo.

O homem baixou a cabeça com delicadeza e dirigiu-se ao elevador.

Hanio trancou a porta e voltou para a cama. O coração batia-lhe com muita força. Sentiu outra vez a dor na coxa.

«Mas claro, claro! Só pode ser isso!», pensou ele, num rasgo de inspiração.

Voltou a examinar a ferida à luz da lâmpada, tirou a pomada que tinha por cima e tocou-lhe com o dedo. Depois, contorceu o corpo de modo a poder encostar-lhe o ouvido. Sentiu uma vibração quase impercetível através do fragmento negro. Alguém lhe introduzira um transmissor de tamanho mínimo na coxa, o que equivalia a dizer que, para onde quer que fosse, saberiam sempre onde estava. Tentou extraí-lo com as unhas, mas estava demasiado enterrado. Pensou um pouco e elaborou uma estratégia.

«Bom, não vale a pena tratar disto agora. Os meus inimigos já sabem onde estou, só aqui vieram para confirmar. Amanhã, vou-me embora, tiro esta coisa e escondo-me noutro sítio. Preciso de ir a um hospital, claro, mas só depois de tratar eu da situação. Não posso correr o risco de levantar suspeitas a um médico», pensou ele.

Elaborado este plano, pôde, finalmente, dormir bem. Na manhã seguinte, pediu que lhe servissem o pequeno-almoço no quarto, mas a pequena faca que o acompanhava não se adequava ao fim em vista. Embora não lhe apetecesse comer bife àquela hora, mandou vir um só para ter acesso a uma faca que cortasse bem. Aqueceu a ponta da faca com a chama de um fósforo e introduziu-a na coxa. Quando a puxou para cima, veio com ela, no meio de uma golfada de sangue, um fio de aço muito fino.

48

O médico examinou a ferida na coxa de Hanio e franziu o sobrolho. Era um cirurgião jovem, muito seguro de si, e o nariz comprido dava-lhe um certo ar de arrogância.

— Como é que fez esta ferida? A carne parece ter sido rasgada com um instrumento afiado. Se andou metido numa briga qualquer e lhe fizeram isto, sou obrigado a informar a polícia.

— Não, não é necessário. Quem fez isto fui eu.

— Diga-me o que aconteceu, então.

— Espetei um prego enferrujado na perna e tive medo de apanhar tétano.

— Que reação tão exagerada! Quando amadores se põem a brincar à medicina…

O médico não perguntou mais nada. Fez-lhe uma anestesia local e suturou a ferida. A injeção doeu-lhe muito, mas, por outro lado, o facto de os seus perseguidores deixarem de saber onde estava causava-lhe uma sensação extraordinária de alívio. Este local de paredes brancas, com prateleiras cheias de bisturis e bacias de metal com desinfetante, não era propriamente o paradigma do conforto, mas a certeza de que o seu paradeiro não era conhecido era só por si reconfortante.

Hanio fechou os olhos. A dor tinha desaparecido por completo. A sensação que tinha era de que alguém tinha agrafado uma faixa de cabedal à volta da zona da ferida.

Ao sair, disseram-lhe que devia voltar ao fim de uma semana para tirar os pontos, mas pensou que era pouco provável que tal viesse a acontecer. Podia muito bem fazer isso em qualquer clínica.

Durante o dia, Hanio caminhava junto às paredes dos prédios. Era um hábito que tinha adquirido ultimamente. Mas quando atravessava uma rua ou dobrava uma esquina, tomava uma atenção redobrada e verificava sempre se alguém o perseguia.

«Para onde hei de ir?», interrogou-se ele. O melhor que tinha a fazer era sair de Tóquio. Não valia a pena continuar a mentir a si próprio. Estava apanhado pelo medo da morte.

49

Não existe nada que nos dê mais segurança do que não saber para onde nos levam os nossos passos.

O efeito da anestesia estava a passar e Hanio caminhou arrastando a perna dorida até Ikebukuro, entrou nos grandes armazéns S. e deteve-se em várias secções. O que se via na moda de roupa masculina, sobretudo nas camisas, dava a entender que, apesar de a estação das chuvas ainda não ter chegado, o verão se aproximava. O que, de resto, era igualmente visível na exibição de frigoríficos, persianas de junco, ventoinhas e aparelhos de ar condicionado. Toda aquela enorme quantidade de produtos estava claramente direcionada para as famílias tradicionais, vivendo apertadas em casas de dimensões exíguas, e essa imagem impôs-se de tal forma na mente de Hanio que quase deixou de respirar. Por que razão existe nas pessoas tanta vontade de viver? Não será pouco natural sentir-se isso sem nunca se ter estado perante o perigo da morte? Só pessoas como ele deviam ter o direito de acalentar esse desejo.

Apanhou um comboio da linha de Seibu, sem sequer saber para onde ia, e distraiu-se a olhar pela janela a paisagem dos subúrbios. Teve a estranha sensação de que os passageiros fingiam não reparar nele, embora soubessem muito bem quem era. Um rapaz que parecia pertencer a um grupo radical de estudantes, uma aluna de escola secundária com um bonito quimono tradicional, um homem de meia-idade com uma estrutura quadrada que podia ter sido sargento do exército, todos eles de pé e segurando as argolas que pendiam do teto, observavam-no pelo canto do olho, como se estivessem a olhar para fotografias de criminosos numa esquadra da polícia. «É este. Vou fingir que não reparei nele, mas saio na próxima estação e vou à polícia.» Hanio não se admirava se no seu rosto transparecesse a imagem de um inimigo da sociedade.

O ar já quente de maio, misturado com o odor corporal dos passageiros, fê-lo lembrar, pela primeira vez desde há muito tempo, o cheiro insuportável da vida social. Agora, ele não tinha dúvidas de

que queria viver. Mas seria possível alguém que já conseguira escapar uma vez às garras da sociedade arranjar coragem para submeter-se de novo àquele cheiro sufocante? A sociedade consegue funcionar sem grandes oscilações, porque as pessoas não reconhecem o seu próprio cheiro. O estudante que calça as mesmas meias durante uma semana não reconhece o seu fedor, a aluna de escola secundária não tem noção do desagradável odor acidulado que vem das suas axilas nem do seu melancólico «cheiro a virgem», e o homem de meia-idade, que tresanda como uma chaminé coberta de fuligem, também não faz ideia nenhuma daquilo que chega ao nariz dos outros. É por não haver consciência disso que ninguém se coíbe de espalhar os seus cheiros. Hanio gostava de pensar que não emitia qualquer cheiro, mas nunca poderia ter a certeza absoluta.

Comprou um bilhete para Hannō, a última estação da linha, pelo que podia apear-se onde quisesse, mas voltou a ter a forte sensação de que alguém o perseguia. Ficou convencido de que, se desse a entender que ia sair, essa pessoa se apressaria a segui-lo. Para confirmar a sua suspeita, apressou os passos na direção da porta poucos segundos antes de esta se fechar, mas deteve-se no último momento. Um homem magro, de barbicha rala, tentava abrir caminho atrás dele, mas Hanio impediu-lhe a passagem e a porta fechou-se na sua cara. Hanio sentiu-se muito incomodado com os olhares pouco amigáveis que o homem lhe lançou durante todo o percurso até à estação seguinte, mas, por outro lado, não deixava de ser reconfortante que aqueles olhares não demonstrassem senão irritação.

Quando chegou a Hannō, Hanio ficou aliviado por verificar que todos os passageiros que saíram com ele seguiram os seus caminhos. Foi até à tranquila praça em frente da estação, onde um painel com um enorme mapa com percursos para caminhada lhe chamou a atenção, mas sentia-se completamente exausto para poder pensar em andar mais.

Não muito longe dali, havia uma hospedaria de aspeto humilde. Mal se aproximou da porta, logo o empregado, muito solícito ao vê-lo elegantemente vestido, o convidou a entrar. No quarto que

escolheu, Hanio abriu a janela redonda e ficou descontraidamente entretido a contemplar o céu até a noite chegar. Hannō era uma cidade plana e sem graça nenhuma e o céu azul sobre ela foi perdendo cor à medida que a noite começou a cair. Viu então uma aranha a descer rapidamente da parte superior da janela. Parou mesmo em frente dos olhos de Hanio, com a luz do crepúsculo a iluminar o seu fio de um brilho sedoso. A aranha era tão pequena que se tornava difícil distinguir o seu contorno, parecendo-lhe agora uma pequena bola de algodão preto pendurada no fim do fio, fazendo-lhe lembrar a barriga dos bichos da seda. A visão era desagradável, mas Hanio parecia hipnotizado e continuou a olhar. A aranha começou a balançar-se para trás e para a frente, como se estivesse a ensaiar um número de circo.

«Esta pensa que me pode impressionar», pensou Hanio, com algum desdém.

Logo a seguir, os movimentos passaram a ser mais intensos e a aranha começou a inchar mesmo junto aos seus olhos. Parecia estar a decorrer um processo de metamorfose, que transformava a aranha num machado com uma lâmina afiada e o fio num cordão grosso, de um prateado vivo. O machado atravessou o ar e atacou a cara de Hanio.

Hanio, agarrado à cara, caiu no chão de tatame. Quando voltou a si, não havia sinal da aranha, apenas se via pela janela redonda, suspensa no céu, uma pálida lua em quarto crescente. Talvez tivesse confundido a lua com a lâmina de um machado.

«Será que estou a ficar doido?», pensou ele, aterrorizado, ao mesmo tempo que lhe vinha à memória a doença de Reiko.

50

Depois deste episódio, nada mais aconteceu. Hanio saiu várias vezes para passear e conhecer o seu novo bairro, mas nas ruas não havia muito para que valesse a pena olhar. Uma pequena fábrica de banheiras tradicionais de madeira e uma confeitaria de estilo antigo, com uns beirais salientes, eram as únicas lojas em que se reparava numa rua que já teria tido a sua beleza, mas que se encontrava completamente descaracterizada devido à uniformização urbana. O resto eram filas e filas de casas iguais umas às outras, todas com sebes à volta. Parecia uma cidade habitada por pessoas dominadas pela inércia, mas isso, surpreendentemente, reconfortava-o.

Uma tarde, quando passeava por uma dessas zonas quase desertas da cidade, ao chegar perto de uma passagem de nível situada numa lomba, viu um camião aproximar-se a grande velocidade. À medida que se aproximava, as suas grandes dimensões iam-no tornando cada vez mais ameaçador, mas, apesar disso, Hanio deu por si a olhá-lo com certo deslumbramento. Com o crepúsculo do fim de dia por fundo, fez-lhe lembrar o capacete de guerra usado pelos samurais no Japão feudal.

Ficou parado no passeio, onde não se encontrava mais ninguém, e viu o camião atravessar a faixa de rodagem e avançar na sua direção. Deu um salto para o lado e esquivou-se ao embate. «Isto não está a acontecer, só pode ser um pesadelo», pensou ele. Deu uma corrida até ao outro lado da rua, mas o camião foi atrás dele. Não havia por perto nenhuma loja onde pudesse refugiar-se ou pedir ajuda, não se vendo em redor senão sebes e modestas cercas de madeira. Quer fugisse para a esquerda ou para a direita, o camião perseguia-o, como se estivesse a divertir-se numa caçada aos humanos. O reflexo das nuvens tornava escuro o para-brisas do camião, o que impedia de ver a cara do condutor.

Foi tudo tão rápido que Hanio não teve tempo para decorar a matrícula. Meteu por uma rua estreita, onde nunca pensou que o camião pudesse entrar, mas este abrandou a marcha e foi avançando devagar, encurralando-o contra um velho portão ladeado

por dois pilares de pedra. Não havia qualquer saída. O camião continuou a pressioná-lo até chegar a poucos centímetros do seu corpo. Depois estacou, fez marcha atrás e foi-se embora, como se fosse uma onda de metal preto que veio a terra e regressou ao mar.

O coração de Hanio batia aceleradamente e ele precisou de ficar agachado por uns momentos para acalmar. Quando foi passear com a vampira e desmaiou devido à anemia, a sensação de perder a vida esteve longe de ser desagradável, mas agora era diferente. Nunca tinha tido uma sensação tão aterradora como esta.

51

Hanio não estava com vontade de regressar à hospedaria, até porque os jantares não eram nada de especial. E, além do mais, sentia que não estava seguro em Hannō. Depois de se certificar que o camião se tinha ido embora, decidiu ir até à zona comercial e percorreu as ruas largas, poeirentas e excessivamente carregadas de adornos. A iluminação tornava ainda mais nítido o facto de haver imensa gente a passear — de onde tinham vindo todas aquelas pessoas? — e isso deixou-o inquieto.

Descrever aquela zona como comercial será talvez forçar um pouco a nota. Tratava-se apenas de um conjunto de lojas agrupadas na periferia da cidade. Uma delas, particularmente desinteressante, exibia na montra sapatos desportivos, amontoados em total desordem. Parecia que tinham sido recolhidos de um monte de cadáveres num qualquer campo de concentração. Estavam deformados, com as solas de borracha e os atacadores soltos encostados contra o vidro. Havia sapatos de todas as cores e feitios.

Mas nem tudo era mau. Candeeiros de rua, espalhados por toda a parte, iluminavam bem a cidade e havia muita gente nas lojas de legumes frescos e de peixe.

Hanio ouviu um zumbido antigo e familiar, semelhante ao de uma abelha. Era musical, aconchegante e transmitia uma indescritível sensação de nostalgia. O som provinha de uma serração, cuja porta entreaberta permitia ver aparas de madeira e o brilho baço de uma serra elétrica redonda. Na porta de madeira havia um letreiro que dizia:

Toda a espécie de caixas e prateleiras.
Produção artesanal em madeira.

Ficou a pensar naquelas palavras e logo depois viu uma relojoaria, tendo caminhado na sua direção. Nela parecia que todos os seus relógios marcavam vários tempos do passado. Hanio entrou sem hesitar.

— Gostaria de comprar um relógio.

— Com certeza, temos aqui vários. Que tipo de relógio pretende? — perguntou uma mulher, que devia ser a dona, de trás do balcão. Tinha um rosto pálido e inchado.

— Um com cronómetro. E que tenha um som bem forte.

— Um momento, vou ver o que tenho.

Hanio comprou um velho cronómetro tradicional de uma marca completamente desconhecida, que podia muito bem ter sido usado em provas desportivas da era Meiji. Quando se tocava na coroa, o ponteiro dos segundos emitia um som intenso e estridente. Depois, regressou à serração com a compra que acabara de fazer.

— Seria possível fazer uma caixa pequena para isto?

— Sim, posso fazer isso, é boa altura — respondeu, sem sequer levantar o olhar da sua mesa de trabalho, o homem magro e um pouco alquebrado, que correspondia exatamente à imagem que se tem de um carpinteiro.

— Nesse caso, preciso que ponha mãos à obra imediatamente. Tenho urgência absoluta.

— Mas espere, está a pensar numa caixa de oferta? A relojoaria onde o comprou deve ter o estojo.

— Não, não, preciso de uma caixa especial. Só de uma que não deixe perceber o que lá está dentro. Tem de ser maior do que o necessário e o mais simples possível. Não pode haver nada que revele qualquer pormenor do objeto em causa.

— A ideia, então, é que não pareça um cronómetro?

— Desculpe, mas não me faça perguntas a que não posso responder. Siga apenas as minhas indicações. Quero que a coroa saia por um buraco. Tudo o resto deve ficar tapado. Depois, pinte-a de preto lacado.

— Portanto, o cronómetro não pode ficar visível — repetiu o homem.

— Exatamente. Só estou interessado em que se oiça bem o som — explicou Hanio, como se estivesse a dizer a coisa mais natural do mundo.

O homem começou de imediato a preparar uma caixa simples, em madeira natural, na qual depois colocou o cronómetro, com a

coroa a sair por um pequeno buraco. Depois, alisou a superfície áspera e pintou-a com tinta de esmalte preta. Era impossível dizer o que continha, mas quando se premia o botão ouvia-se claramente um tiquetaque e uma vibração que se repercutia na madeira.

— Finalmente, tenho uma arma defensiva — murmurou Hanio entre dentes.

Era um objeto demasiado volumoso para transportar no bolso de dentro de um casaco, mas transmitia a Hanio alguma segurança. Sempre que pressionava o botão, sentia o ponteiro dos segundos entrar num ritmo vigoroso.

«Até num sítio esconso como este, afastado de tudo, conseguem dar comigo. Não há maneira de lhes escapar», disse para si mesmo. Hanio decidiu, então, que tinha de parar de fugir. O medo não o abandonara por completo, mas atenuara-se bastante, dado que os dias foram decorrendo sem mais nenhum incidente. Todas as manhãs, ao acordar, maravilhava-se por pertencer ao mundo dos vivos e descansava-o o facto de as visões da aranha nunca mais lhe terem aparecido. Àquela hora do dia, havia sempre muita gente a passar em frente da estação dos caminhos de ferro de Hannō, mas era raro ver-se algum que não fosse japonês. Um dia, quando Hanio se dirigiu à estação para comprar cigarros, um estrangeiro elegante, nos seus quarenta anos, cabelos grisalhos e de calções de xadrez, tirou educadamente o chapéu tirolês e perguntou-lhe:

— Pode dizer-me onde fica o monte Rakan, por favor?

— O monte Rakan? Passe a Câmara do Comércio e da Indústria e vire à direita. Depois, vire à esquerda junto à esquadra da polícia e quando chegar à Câmara Municipal vê-o logo em frente — respondeu Hanio, satisfeito por ser capaz de dar indicações como se residisse na zona há já muito tempo.

— Ah, muito obrigado, mas, se não for pedir muito, será possível acompanhar-me, pelo menos até eu perceber bem qual é o caminho? É que tenho um sentido de orientação péssimo, sabe.

Como não tinha nada que fazer e dado o ar tão pacífico do cavalheiro, Hanio decidiu ajudá-lo. Olhando para o céu, o estrangeiro disse:

— O *pento* está ótimo, não está?

— Suponho que queira dizer *tempo* e não *pento* — disse Hanio, cuja boa disposição naquela manhã ia ao ponto de fazer correções.

Ao lado da Câmara do Comércio e da Indústria, à sombra, estavam estacionados três carros. Um deles era preto metalizado, notando-se que não era japonês.

— É um carro belíssimo — disse o estrangeiro, passando a mão pela carroçaria.

Depois, descontraidamente, abriu uma das portas traseiras. Hanio não conseguia acreditar no que estava a acontecer.

— Entre — ordenou-lhe o estrangeiro com voz seca e firme. Segurava na mão uma pistola.

52

Ataram as mãos de Hanio, puseram-lhe uns óculos escuros e o carro partiu. Os óculos eram dos mais modernos. Tinham em cada canto lentes triangulares, também de tons escuros, de modo a que fosse possível abranger toda a visão periférica. Hanio, contudo, não conseguia ver absolutamente nada. Pareciam óculos normais, mas estavam pintados com mercúrio por dentro. No fundo, era como se lhe tivessem posto uma venda nos olhos para evitar que soubesse para onde o levavam.

O homem do chapéu tirolês ia ao volante, mas não estava sozinho. Com ele ia outro homem, o mesmo que empurrou Hanio com força para dentro do carro, se sentou ao seu lado e que numa fração de segundo lhe pôs os óculos na cara e lhe encostou o cano de uma pistola às costelas. Nem teve tempo de lhe ver o rosto.

O carro ia avançando e o silêncio era total. Hanio interrogou-se sobre o local onde o iriam matar. Apenas conseguia ouvir um *jazz* ligeiro no rádio do carro. Era-lhe cada vez mais difícil pôr as ideias em ordem.

O momento em que publicou o anúncio para pôr a vida à venda determinara o seu destino: ia ter uma morte violenta. Era impossível escapar a isso. E a constatação dessa evidência fazia-lhe arder as entranhas. No entanto, para sua grande surpresa, o medo que sentira quando andava em fuga, já quase não existia. Em que consistia exatamente o medo da morte? Sempre que Hanio se sentira perseguido pela morte, por mais que tentasse pôr esse pensamento de lado, ficava sempre gravado na sua mente. Era como uma enorme chaminé preta que persistia em sinalizar o horizonte. Mas essa chaminé, agora, dissipara-se.

Depois de lhe tirarem os pontos em Hannō, a dor na coxa desapareceu completamente, mas ainda tinha bem presente a preocupação que essa dor lhe causara. As pessoas têm tendência para ficar em pânico com o que não está ao seu alcance explicar e logo que se lhes depara uma solução possível, o medo desaparece.

O homem verificou várias vezes as mãos de Hanio para se certificar de que as tinha bem atadas. Pelo contacto com os nós dos dedos peludos do homem, Hanio depreendeu que era estrangeiro. E esse facto, adicionado ao odor corporal que emanava das roupas, um cheiro agricoce a cebolinho, dizia-lhe que devia ser um ocidental.

De início, Hanio ainda tentou contar quantas vezes o carro virava à esquerda e entrava em estradas asfaltadas e quantas passagens de nível atravessava, mas em breve se deu conta de que todo esse esforço era inútil. Se o trajeto fosse curto, talvez fosse possível ter uma ideia, mas a viagem já durava há mais de duas horas. Considerando o número de estradas asfaltadas que percorreram, não era provável que estivessem a planear levá-lo para as montanhas, matá-lo e atirarem o corpo para o fundo de uma ravina. Podiam muito bem estar a caminho de Tóquio.

Depois de algum tempo, o carro entrou numa estrada cheia de buracos, fazendo-o abanar de um lado para o outro, e em seguida subiu por uma encosta muito íngreme. Hanio percebeu que estava muito vento e que começava a escurecer.

Quando o carro parou, finalmente, apercebeu-se de que a ansiedade que sentia não se devia tanto ao facto de o irem matar, mas sim ao tempo que o fariam esperar até isso acontecer.

Fizeram-no sair do carro, andar por um caminho de gravilha e entrar numa casa. Ao sentir uma carpete debaixo dos pés, calculou que fosse uma casa de estilo ocidental.

53

Hanio viu que se encontrava numa cave. Era muito fria, com o chão em cimento, e tinha várias cadeiras em redor de uma mesa banal. Obrigaram-no a sentar-se numa delas, com as mãos amarradas sobre os joelhos. Por fim, tiraram-lhe os óculos.

Estavam com ele seis homens, incluindo os dois que o tinham acompanhado no carro. Os outros quatro eram pessoas que ele reconheceu imediatamente. Três deles eram os estrangeiros que estavam presentes quando experimentou a poção do escaravelho *Scarabaeidae*. Henry, o mais velho dos três, não tinha agora o *dachshund* ao seu lado. O quarto era o asiático de meia-idade, de aspeto mais do que duvidoso e amante de Ruriko, que usava uma boina impossível de esquecer. Estava tal qual como no tempo em que o conhecera, ao ponto de fazer-se acompanhar de um grande caderno de esboços.

O homem da boina ridícula ofereceu um cigarro a Hanio, acendeu-lho e sentou-se na cadeira ao seu lado. Quanto aos outros cinco, uns estavam sentados, outros de pé, mas todos olhavam fixamente para Hanio. Os que tinham vindo com ele no carro ficaram de pistolas apontadas na sua direção, prontas a disparar a qualquer momento.

— Bem, vamos dar início ao interrogatório — disse o asiático, numa voz arrastada e melosa que ecoou por toda a sala. — Em primeiro lugar, gostava que confirmasse, aqui e agora, que pertence à polícia.

Hanio ficou estupefacto, era a última coisa que esperava ouvir.

— Da polícia, eu? Não posso confessar uma coisa que não sou.

— Olhe, pode usar os subterfúgios todos que quiser, mas, de uma maneira ou de outra, a verdade virá ao de cima. Faço-me entender? Bom, acho que tem o direito de saber por que motivo não nos livrámos de si até agora e o deixámos à sua sorte. Eu sou pela conversa e pela aplicação de métodos persuasivos e limpos. Deixo para os outros a tarefa de matar. Quando o seu anúncio saiu no jornal, achei-o um pouco suspeito e por isso pedi a um velho que

trabalha para nós que fosse visitá-lo. Vou chamá-lo, porque também ele está desejoso de o reencontrar. Bateu as palmas com tanta força que quase parecia ter caído um trovão.

Um velho entrou na sala por uma porta lateral. Cumprimentou Hanio com um aceno de cabeça à distância, fazendo o seu típico som sibilante com a dentadura postiça.

— Desculpe-me — disse ele, dirigindo-se a Hanio.

— Basta! — disse o asiático, irritado com o educado tom de voz do velho. — Trouxe comigo o caderno de esboços, porque é minha intenção desenhá-lo, Sr. Hanio, antes de morrer. Quero desenhá-lo em várias posições e espero ser capaz de passar para o papel as suas posições mais interessantes quando estiver a contorcer-se com dores lancinantes antes de morrer. Tenho a certeza de que sabe o que eu pretendo captar. O anúncio que publicou chamou-nos a atenção, porque nos chegou ao conhecimento que a nossa organização estava a ser objeto de uma investigação policial confidencial. Como as informações não abundavam, achámos que podíamos utilizar alguém que, tendo posto um anúncio daqueles no jornal, estava disposto a abdicar da vida, o que seria perfeito para funcionar como agente infiltrado. Pensámos que a ideia resultaria em pleno e que conseguiríamos deslindar tudo o que se estava a passar.

«Em primeiro lugar, pusemo-lo em contacto com a Ruriko. Ela sabia demasiadas coisas sobre a nossa organização e chegáramos ao ponto em que não era possível ter a certeza de que não iria revelá-las a outras pessoas. Foi por essa razão que decidimos eliminá-la o mais rapidamente possível. Assim, depois de os dois se terem conhecido, livrámo-nos dela. Achámos que, perante isto, não teria outro remédio senão contactar os seus colegas da polícia. Mas, para grande surpresa nossa, isso não se verificou. Estávamos a lidar com alguém mais inteligente do que tínhamos suposto, sem dúvida! E que usava cautelas que não se coadunavam com a nossa impaciência. A nossa intenção, ao deixá-lo regressar a casa vivo, depois de ter estado com ela, era saber como conseguia as informações e as transmitia. Entretanto, já possuíamos uma

fotografia da sua cara. Porque este caderno de esboços tem lá dentro uma máquina fotográfica. Ora veja.

O homem mostrou-lhe o caderno de esboços, que tinha na capa a palavra «SKETCHBOOK» escrita com uma caligrafia elegante. Vendo bem, notava-se que a capa era anormalmente grossa. Os «OO» pareciam dois olhos, um bem aberto e o outro fechado. A meio do olho aberto encontrava-se uma lente.

— Mas o senhor meteu-se em copas e não contactou a polícia. Quando estava a jantar com o rato de peluche, perguntámo-nos o que estaria a tramar, mas mais tarde, quando o inspecionámos, não encontrámos nenhum transmissor. Há que dizer que a maneira como evitou denunciar-se foi genial. Espantoso, mesmo. Então, decidimos usar uma outra mulher, que também trabalha para nós. Depositámos nela todas as nossas esperanças, convencidos de que iria usar todas as artimanhas para lhe sacar a verdade. Mas o raio da solteirona acabou por apaixonar-se loucamente por si e deixou-se morrer em seu lugar.

«É sempre complicado desfazermo-nos de um cadáver, mas quando se trata de um suicídio é bastante mais fácil. Por isso, depois de consultar Henry e os outros, decidimos deixá-lo ir de novo em liberdade e recuar um pouco para podermos observar os seus movimentos sem levantar suspeitas. Sabíamos que, mais cedo ou mais tarde, o teríamos de matar, pelo que quisemos aproveitar a situação para o usarmos como isco e assim descobrirmos mais espiões da sua rede. No entanto, o Hanio esteve sempre um passo à nossa frente e nunca baixou a guarda. Depois, quando foi viver com a mulher vampira, chegámos a pensar que devia ter enlouquecido e que nos tínhamos enganado completamente. Tinha-se tornado tudo tão absurdo que já só queríamos que a vampira lhe sugasse o sangue todo e acabasse consigo de uma vez por todas. Seria ouro sobre azul. Mas isso também não veio a acontecer, pois não? O Hanio acabou mesmo por pôr a vida em risco quando fez aquele magnífico trabalho de espionagem. Excecional, de facto!

«Depois, sabemos muito bem o que decidiu fazer. Inventou uma anemia e fingiu desmaiar, de modo que o levassem para o hospital.

E, enquanto lá esteve, nós afastámo-nos um pouco e abrandámos a vigilância, mas o seu trabalho prosseguiu como dantes.

— Não, isso não é… — atalhou Hanio, protestando, sem conseguir terminar a frase.

— É uma evidência que não é possível negar. Sabe, a SSA age em estreita colaboração com o País B, e desde o incidente que envolveu as cenouras e a descodificação dos telegramas, este país tem uma lista de espiões da polícia japonesa da qual consta o seu nome. O seu trabalho foi de primeira água, mas foi precisamente isso que levou à sua ruína e comprovou tudo acerca de si. Não passa, no fundo, de um idiota como outro qualquer!

E, sorrindo com aparente gentileza, encostou a ponta afiada do lápis à garganta de Hanio.

— Quando soubemos que o seu nome estava na lista, decidimos investigar o que os seus colegas andavam a fazer. A melhor solução seria raptá-lo, obter a sua confissão e, a seguir, liquidá-lo. Mas, nessa altura, descuidámo-nos mais do que devíamos e perdemos o seu rasto. A verdade é que estávamos metidos num sarilho dos grandes e não podíamos deixar que as coisas ficassem assim, pois o perigo era enorme e real. Pelo menos, assim o pensávamos então.

«A fotografia que lhe tirámos acabou por ser de grande utilidade e fizemos inúmeras fotocópias. Supusemos que era possível voltar aos seus sítios preferidos em Shinjuku e arranjámos um vendedor de LSD, desses que andam nas ruas e colaboram com a nossa organização, para distribuir a sua fotografia e indagar da sua presença ali, anteriormente. Perguntou a todas as prostitutas da zona se conheciam o homem da fotografia, que era o mesmo que tinha posto um anúncio no jornal para vender a sua vida, mas não descobriu nada. O Hanio dormiu com muitas mulheres, mas usou de todas as cautelas e nenhuma sabia do seu paradeiro. E teve até o cuidado de deixar o seu antigo apartamento!

«Procurar uma pessoa em Tóquio, uma cidade com dez milhões de habitantes, põe qualquer um desesperado. Ali andava você, que sabia tudo sobre a SSA, a pular pela cidade que nem uma pulga, e nós, sem fazermos ideia de como o apanhar.

«Mas, meu caro Hanio, acontece que os deuses existem mesmo. E nunca nos abandonam. Eles adoram que cá em baixo se criem sociedades secretas como a nossa e, na sua infinita misericórdia, envidam todos os esforços para nos ajudar.

«A SSA teve a sua origem em Hongbang, na China, e é a divindade adorada nessa região, Hongjun Laozu, que nos está a ajudar. Durante a rebelião Taiping, Lin, comandante do exército do General Zeng Guofan, foi enviado para Yangzhou para enfrentar os rebeldes. Mas acontece que Lin estava longe de ser um especialista na arte da guerra. Mesmo com um exército de mil homens à sua disposição, não conseguiu sair vitorioso. O General Zeng ficou tão furioso que condenou Lin à morte. Este, quando teve conhecimento disso, pôs-se em fuga, levando dezoito soldados sob o seu comando. Sem nunca pararem, chegaram finalmente a um mausoléu antigo, onde se refugiaram para passar a noite. Passado pouco tempo, ouviram sons no exterior e viram que se aproximava um grupo enorme de pessoas. Pensaram que a sua hora tinha chegado e empunharam as armas, prontos para combater, mas, afinal, eram habitantes das aldeias em redor que se dirigiam ao mausoléu por causa de um ruído enorme que por elas ecoara.

«Contaram então aos homens que ali estavam refugiados que, quando saíram das suas casas para ver o que se passava, se depararam com um enorme dragão a serpentear no céu e expelindo fogo pela boca, o que deixava a zona iluminada como se fosse dia, lançando-se depois sobre o mausoléu. Convencidos de que podia lá estar alguém importante, vieram acudir. Lin sentiu-se aliviado e perguntou o nome da aldeia. Quando lhe disseram, percebeu que tinham percorrido uns bons trezentos quilómetros desde o acampamento militar de que tinham fugido, e quase nem queria acreditar como tinha sido possível cobrir aquela distância em tão pouco tempo. Só a ajuda divina poderia estar por trás de um feito assim. No portão havia uma placa com a inscrição “Mausoléu de Hongjun Laozu”. Estava identificado o seu salvador. No dia seguinte, reuniu velas aromáticas, papel perfumado, água e vinho, e fez uma oferenda à divindade. A partir desse dia, todos aqueles homens se converteram em bandidos bons, roubando os ricos e distribuindo o

dinheiro pelos pobres. Tudo começou, pois, em Hongbang. Desvie-me um pouco do assunto principal, mas quis mostrar-lhe o motivo pelo qual veneramos essa divindade.

«E depois aconteceu que o velho o encontrou, por mero acaso, quando andava a passear no parque. Foi a nossa salvação, porque conseguimos finalmente pôr-lhe um dispositivo de localização.

— Foi tal e qual assim que se passou — confirmou educadamente o velho, bem vestido como de costume, lançando um olhar de arrependimento a Hanio.

— Percebo que toda esta história possa fazer sentido para si, mas garanto-lhe que não tenho nada a ver com a polícia — protestou Hanio. — O senhor tem a paranoia de que toda a gente pertence a uma organização qualquer. E essa conversa toda sobre Hongbang é ridícula. Já não é tempo de acreditar em histórias da carochinha. No mundo também há pessoas que vivem e morrem em liberdade, sem dependerem de nenhuma organização, secreta ou não.

— Pois, diga o que achar que deve dizer enquanto pode, mas, sinceramente, são comentários que não me surpreendem, porque um espião da polícia japonesa está treinado para afirmar aquilo que é conveniente em qualquer circunstância. Devo até dizer que o nível cultural da polícia se situa atualmente num patamar bastante elevado. Bom, mas há ainda outras coisas de que lhe quero falar. Quando retirou o dispositivo que lhe introduzimos na coxa, conseguiu enganar-nos novamente e voltámos a ficar sem saber o que fazer. O Hanio tem dotes de ilusionista, sem dúvida. Para alguém que pôs a vida à venda, não deixa de ser curioso verificar que a defende com unhas e dentes. Pelo menos até ao dia de hoje.

«Sabe como descobrimos que vinha para Hannō? Temos agências de viagens que possuem dados oriundos de todas as hospedarias existentes do Japão. Nós arranjamos-lhes clientes e eles, por sua vez, dão-nos informações sobre eles. A agência de viagens que eu oriento, por exemplo, trata bem os seus clientes, tem boa reputação pelo excelente serviço que presta e as hospedarias estão muito satisfeitas com o modo como tudo se tem processado. Por isso, dado o clima de entendimento que existe, se

um cliente permanece demasiado tempo numa delas, somos imediatamente informados.

«Passámos a pente fino as hospedarias de todas as províncias do Japão, tendo verificado as estadias em nome individual de homens aproximadamente com a sua idade que tivessem sido mais prolongadas. A pouco e pouco, fomos apertando o cerco até o identificarmos na hospedaria perto da estação de Hannō. Com alguma sorte, mas conseguimos o que queríamos! Ora, tendo sido capazes de capturar um espião da sua envergadura, resta-nos obrigá-lo a falar. Obtidas as informações que nos fornecerá, é fácil imaginar o dinheiro que podem render. Não é de admirar, por isso, que todos estejamos aqui tão excitados. Estes estrangeiros são loucos por dinheiro, sabe. Portanto, há várias coisas que vai ter de me dizer. A polícia tem mais espiões a investigar a SSA? Onde atuam? Quais as atividades a que se dedicam? E como entram em contacto uns com os outros?

Naquele momento, Hanio pensou na caixa preta que trazia no bolso e achou que a expressão de arrependimento que vira no rosto do velho era o sinal de que precisava.

54

— Já percebi o que vai fazer — disse Hanio, acenando com a cabeça. — Vai torturar-me para obter as informações que pretende, não é verdade?

— Exatamente. E vou também desenhá-lo enquanto isso acontecer, interpretando com toda a liberdade os seus movimentos. Talvez venha mesmo a conseguir desenhos suficientes para uma exposição privada. Juntamente com os que fiz quando esteve com a Ruriko, tenho a certeza de que vai ser uma coisa belíssima do ponto de vista artístico. Até porque os seus temas representam o que há de mais natural no ser humano: nascer, amar e morrer.

— E o que pensa fazer se eu decidir suicidar-me antes de começar a torturar-me?

— Não me diga que vai cortar a língua à dentada…

— Não, mas tenciono morrer acompanhado.

Dizendo isto, Hanio meteu as mãos atadas no bolso do casaco, tocou na caixa preta e pressionou o botão do cronómetro. O tiquetaque começou a ouvir-se com toda a nitidez.

— Está a ouvir este som?

— Isso é o quê?!

Alertados e surpreendidos, os estrangeiros levantaram-se das cadeiras de um salto.

— Aconselho-o vivamente a não disparar — avisou Hanio. — Se detetar o mínimo movimento, carrego neste botão e vamos todos desta para melhor.

— Mas será que não tem nenhum amor à vida?

— Repare que eu sou alguém que pôs um anúncio para vender a própria vida. Não me meta no mesmo saco que outros espiões medrosos. A bomba está programada para explodir daqui a oito minutos. Mas se eu carregar no botão, explode imediatamente. Isto vai tudo pelos ares num abrir e fechar de olhos.

Todos deram cautelosamente um passo atrás.

— Querem dar uma vista de olhos?

Hanio tirou a caixa preta e pô-la à vista de todos. Era o momento da verdade. A cadência do tiquetaque continuava a ouvir-se.

— Ei, espere! Não tem mesmo nenhum desejo de viver? — insistiu o asiático.

— Pelo que me disse, a seguir à tortura só posso esperar a morte. Portanto, qual é a diferença? É-me completamente indiferente!

— Não, há uma maneira de poder salvar a sua vida.

— Como? Tem sete minutos para me dizer.

— Torne-se membro da nossa sociedade. Podemos discutir quanto quer ganhar, mas nunca será pouco. Se souber guardar segredo, vai ter estatuto social, uma vida de luxo, mulheres, tudo o que possa desejar, amigo.

— Agradeço que não me chame amigo, por favor. Estou muito longe de querer pertencer ao seu gangue nojento. E como não defendo qualquer espécie de moral, tanto se me dá que mate pessoas, roube dinheiro ou trafique drogas ou armas. Apenas pretendo que perceba que é errada a sua convicção de que toda as pessoas pertencem a uma organização qualquer. É a grande maioria, de resto. Não consegue perceber isto? Além do mais, tem de reconhecer que nessa maioria há gente que, para lá de não ser filiada em nada, também não tem qualquer apego à vida. Podem ser poucos, mas não tenha dúvida de que existem. A minha vida não tem qualquer valor, trata-se apenas de um produto que está à venda como qualquer outro. Pensando isso, é óbvio que tenho de aceitar o que possa acontecer nesse contexto, mas desagrada-me ser morto contra a minha vontade. Por isso, estou preparado para me suicidar, mesmo que isso signifique levar-vos a todos comigo. Faltam apenas cinco minutos.

— Espere! E se lhe comprarmos a vida?

— Lamento, mas já não está à venda.

Hanio olhou por breves segundos para a cara do velho e ergueu a caixa acima da cabeça. Como esperava, a sua reação foi imediata. Correu para a porta, abriu-a e gritou:

— Venham! Temos de sair o mais depressa possível. Ele que fique aqui sozinho. Se quer ir pelos ares, que lhe faça bom proveito.

Vá, vamo-nos embora daqui para fora!

— Quatro minutos — disse Hanio.

Ficou calmamente sentado na cadeira e pôs a caixa numa mesa que estava ao lado, tendo o cuidado de manter a mão sobre dela.

— Se saírem daqui já, não vou carregar no botão imediatamente. Aguardarei que a bomba expluda no tempo programado. Sobram-me quatro minutos, e é o que tenho para meditar um pouco no que foi a minha vida. É melhor fugirem já, caso contrário serão apanhados pela explosão. E mesmo assim não sei se três ou quatro minutos chegarão para se porem a milhas.

Ouviu-se o som inquieto de pequenos passos no chão, o que indicava alguma hesitação, mas foi sol de pouca dura, porque logo a seguir fugiram em debandada pela porta que o velho deixara aberta.

Hanio viu-os sair, depois, levantou-se com toda a calma do mundo e fechou a porta. Em seguida, dirigiu-se à outra porta, confirmou que estava destrancada, abriu-a e, agora já em estado de pânico absoluto, subiu as escadas a correr tão depressa quanto pôde.

55

Estava seguro de que ninguém o balearia pelas costas. Meteu-se por entre os arbustos do jardim, apoiou o pé na base do muro e trepou por ele acima. Depois, desceu pela encosta em frente da casa com uma pressa que nada tinha de racional. A escuridão era total à sua volta, mas a determinado ponto reparou em pequenas luzes a piscar no horizonte, o que indicava que não estava muito longe de uma povoação, ou mesmo de uma cidade. A casa para onde o tinham levado, afinal, não era um local completamente isolado na montanha.

Com o corpo cheio de arranhões, correu pelas ruas aos gritos:

— Ajudem-me! Onde é a esquadra da polícia?

Como ainda tinha as mãos atadas, era-lhe difícil correr e perdia o equilíbrio de vez em quando. As pessoas com quem ia esbarrando afastavam-se com medo, sem dar atenção ao que dizia. Por fim, ouviu uma voz, que lhe respondeu também a gritar: «Há uma esquadra ali em baixo, à direita.»

Hanio entrou na esquadra e caiu no chão, sem fôlego e incapaz de se exprimir.

— O que é que lhe aconteceu? De onde vem? — perguntou-lhe o polícia de meia-idade, olhando-o espantado. — Ah, mas tem as mãos atadas e está ferido!

— Onde estou?

— Em Ōme — respondeu o polícia.

E continuou nas suas tarefas como se nada fosse.

— Água… Dê-me água, por favor.

— Água? Só um momento.

O polícia continuou a folhear o livro de registos. Por fim, pousou a velha caneta de tinta permanente, pôs o boné com todo o cuidado e levantou-se. Depois de lançar outro olhar a Hanio, foi buscar a água. Não fez nada para lhe desatar as mãos.

Hanio segurou, com as duas mãos, o copo de água, que refletia a escassa luz da esquadra, e bebeu-a até à última gota. Não

imaginava que a água pudesse ser a coisa mais maravilhosa do mundo.

O polícia olhou de relance, mais uma vez, para as mãos atadas de Hanio. Devia estar com receio do que ele pudesse fazer, mal as tivesse livres. Apesar do cansaço, Hanio manteve a capacidade de raciocínio, considerando que não valia a pena pedir-lhe que lhe desatasse as mãos. A seu tempo denunciaria todos os atos de negligência de que fora vítima por parte da polícia. Mas, no preciso instante em que este pensamento lhe ocorreu, o polícia começou a libertá-lo, pelo que Hanio não pôde senão achar que se precipitara no seu juízo.

— O que é que lhe aconteceu? — perguntou o polícia, como se estivesse a fazer a pergunta a um filho que chegou a casa mais tarde do que devia.

— Estive quase a ser morto.

— Isso quer dizer exatamente o quê? — perguntou o polícia, pouco convencido.

A seguir, desenroscou a tampa da caneta, tirou uma folha de papel da gaveta e, pedindo a Hanio que fizesse uma descrição breve do que tinha acontecido, começou a escrever com uma lentidão enervante e sem parecer impressionado com o que ia ouvindo. Finalmente, para alívio de Hanio, pegou no telefone e comunicou o assunto à esquadra principal.

Ao descer a encosta, Hanio deve ter batido com a canela em qualquer coisa que o magoou, e agora doía-lhe muito. Meteu a mão por baixo das calças e notou que o sangue tinha coagulado e estava já seco.

Como a resposta da esquadra principal demorava, o polícia ofereceu-lhe chá e cigarros e, totalmente alheio ao que Hanio lhe contara, começou a falar do filho.

— O nosso rapaz está a estudar na universidade N. Não pertence a nenhuma dessas associações radicais de estudantes, o que é bom e me tranquiliza, mas, em vez de se dedicar aos estudos, passa as noites a jogar *mahjong* lá em casa com os amigos. Estamos desesperados. A mãe já lhe disse que, a continuar assim preguiçoso, mais valia pegar num capacete e num pau e ir para as

manifestações de estudantes, ao menos sempre se mexia. E sabe o que ele respondeu? Que, já que lhe estava a dar autorização, ia começar logo no dia seguinte. É chantagem pura e simples, e a mãe já não sabe o que lhe há de fazer. Hoje em dia, são os filhos que mandam. Mas, por outro lado, tenho a consciência tranquila, porque cumprimos a nossa obrigação de pais e conseguimos que o nosso filho entrasse para a universidade.

Alguns minutos depois, Hanio viu aproximar-se uma luz. Era uma bicicleta, montada por um polícia jovem, que os cumprimentou.

— É esta a pessoa de que lhe falei — disse o primeiro polícia, acrescentando depois um ou outro pormenor.

— Muito bem, venha comigo — disse o mais jovem, bruscamente.

O polícia caminhou ao lado de Hanio, levando a bicicleta pela mão e quase indiferente à sua presença. Ao atravessarem as ruas da zona comercial, onde o bulício da noite se começava a sentir, Hanio achou que era melhor continuar vigilante em relação a tudo à sua volta. A música de um grupo musical saía de uma loja de discos e espalhava-se pelo ar. Hanio arrastava a perna ferida enquanto caminhava e esforçava-se por resistir às vertigens que iam surgindo intermitentemente.

Quando chegaram à esquadra principal, um inspetor de meia-idade, vestido com um fato muito largo, veio cumprimentá-lo num tom inesperadamente caloroso.

— Olá, seja bem-vindo. Temos de passar a escrito o seu depoimento. Por aqui, por favor.

Parecia ter acabado de jantar, pois palitava os dentes constantemente. Hanio ainda pensou se devia pedir alguma coisa para comer, mas a verdade é que não tinha fome nenhuma.

— Ora bem, esteja à vontade. Vamos começar pelo nome e morada.

— Neste momento, não tenho morada fixa.

— Não me diga — disse o inspetor, olhando-o de soslaio. O tom da sua voz mudara do dia para a noite.

— Então, apresentou-se de mãos atadas, não é verdade?

— Sim.

— Está ciente de que é possível atarmos as nossas próprias mãos usando os dentes, não está?

— Olhe, isto não é nenhuma brincadeira. Eu estive quase à beira de ser morto.

— Bom, que coisa horrível, realmente. Disse que atravessou a cidade a correr, mas partiu de onde?

— De uma casa no alto de uma encosta.

— Suponho que na parte norte da cidade, não?

— Não faço a mais pequena ideia se fica na parte norte ou na parte sul.

— O diretor da empresa K. tem uma casa bem luxuosa nessa zona. E é uma entre muitas. Por acaso, sabe especificar qual delas é?

— Não tive tempo de ler a placa com o nome.

— Está bem, esqueça isso, por agora. Explique-me então o que se passou.

Seguiu-se então uma longa e tortuosa conversa. Quando Hanio se apressou a contar a sua história, o inspetor levantou a mão para que falasse mais devagar.

— SSA? O que é isso?

— Serviço Secretos Asiáticos.

— Serviços Secretos… Logo vi, pela sigla parecia mais uma companhia petrolífera ou coisa do género.

— É uma organização que se dedica ao contrabando e ao crime.

— Ah, pois claro — disse o inspetor com um sorriso nos lábios. — Que provas tem para dizer uma coisa dessas?

— Vi com os meus próprios olhos.

— Viu essa gente matar alguém?

— Não, não posso dizer isso, em boa verdade.

— Então como sabe que cometem crimes, se nunca viu nada?

— Deve recordar-se do caso que envolveu uma mulher, Ruriko Kishi, cujo corpo apareceu a flutuar no rio Sumida. Eu conhecia-a.

— Ruriko Kishi. Como se escreve Kishi?

— Como o nome do primeiro-ministro Kishi.

— Kishi como o primeiro-ministro Kishi. Entendido. Devia ser uma mulher muito bonita, não? O cadáver estava sem roupa quando

o encontraram?

— Acho que sim.

— Não me diga que também não o viu.

— Bom, eu cheguei a vê-la sem roupa, mas…

— Isso quer dizer que tinha relações íntimas com ela?

— Essa questão não tem nada a ver com o que se passou. Ela foi morta pela SSA.

O inspetor olhou fixamente para Hanio, com uma expressão muito séria.

— Olhe, está sempre a falar nessa tal SSA, mas tem alguma prova de que existe mesmo? Se não tem, não vale a pena eu estar aqui a perder tempo a escrever o que quer que seja. Sai-se com um nome destes, SSA, de que nunca ninguém ouviu falar, alegando que tem existência real. Mas a minha experiência diz-me que isso tudo não passa de uma invenção. Deixe-me dar-lhe um conselho: não se deve vir à polícia contar coisas infundadas, sem pés nem cabeça. Se calhar tem andado a ler demasiados romances policiais… Bom, mas se continuar a insistir nessa história, não me resta outra alternativa senão acusá-lo de interferência no exercício das funções de um agente policial.

— Não seja ridículo. Como é que um polícia de província como o senhor pode compreender o que estou a tentar explicar? Leve-me ao comando central e aí não acredito que não me deem ouvidos.

— Oh, lamento que tenha de tratar este assunto com uma pessoa de tão baixo nível, mas garanto-lhe que sei mais destas coisas de olhos fechados do que os meus superiores de olhos abertos. Com que então da província?! É preciso ter lata! Diz alguém que nem residência fixa tem…

— Isso quer dizer que quem não tem residência fixa é, à partida, suspeito?

— É claro que sim — respondeu o inspetor num tom mais suave, receando ter ido longe de mais na sua reação. — Os homens respeitáveis vivem numa casa, têm mulheres e filhos de quem cuidam. Mas com a sua idade, solteiro e sem domicílio certo, não é de estranhar que a sociedade tenha dúvidas sobre si.

— Está a dizer-me que todos os seres humanos devem trabalhar, ter morada fixa, ser casados e ter filhos?

— Não sou eu que o digo. É a sociedade.

— Então, alguém que não corresponda exatamente a esse padrão é considerado pária da sociedade?

— Acho que sim. Muitas pessoas que vivem sozinhas sofrem de delírios e aparecem na polícia com acusações completamente irreais. Se pensa que é o único, está muito enganado.

— Ah, sim? Então, deve tratar-me como um criminoso, pois envolvi-me num negócio de total imoralidade: pus a minha vida à venda.

— A sério? Bem, isso deve ter sido duro. Mas pelo que tirei desta conversa, não me admiro. Você parece ser mesmo pessoa para se meter numa coisa dessas. Mas uma coisa imoral não quer dizer que seja ilegal. Criminosos são os que compram a vida de outra pessoa e a usam para fins desonestos. Eles, sim, são os verdadeiros párias da sociedade. Quem a vende não pode ser considerado criminoso.

Ao ouvir estas palavras, Hanio sentiu um arrepio de frio que lhe chegou ao coração. Percebeu que tinha de mudar de estratégia e apelar à misericórdia do inspetor.

— Imploro-lhe que me ponha numa cela, nem que seja só por uns dias. Tem de me proteger! Asseguro-lhe que alguém anda atrás de mim para me matar. E é isso que vai acontecer se ninguém tomar medidas. Ajude-me, por favor, estou desesperado e já não sei o que fazer.

— Não seja ridículo. A polícia não é nenhum hotel, compreende? Esqueça esses delírios idiotas sobre essa tal SSA.

O inspetor deu um gole no chá já frio e remeteu-se ao silêncio. Hanio ainda insistiu em apelar aos seus sentimentos, mas o polícia fingiu não o ouvir. Por fim, sem mais delongas, foi posto na rua. Ficou ao cimo das escadas, completamente só, olhando o firmamento cheio de estrelas. Numa ruela mal iluminada em frente à esquadra, viu duas ou três lanternas vermelhas assinalando o bar onde os polícias provavelmente se encontram depois do trabalho para beber um copo. Hanio teve a sensação de que a noite se lhe

pegava ao coração e ao rosto, apertando-o como se o quisesse asfixiar.

Com dificuldade em descer os poucos degraus da entrada da esquadra, Hanio sentou-se, tirou um cigarro amachucado do bolso das calças e acendeu-o. Tinha os olhos pejados de lágrimas e não conseguia conter os soluços. Quando voltou a olhar para o céu, viu que todas as estrelas se tinham juntado e eram agora apenas uma.

Table of Contents

Apresentação
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33

34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55